UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO - OESTE, UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

MARCIA DENISE DE LIMA DIAS

BENZEDEIRAS:
A EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA FEMININA DE MULHERES NEGRAS PELAS ERVAS

GUARAPUAVA
2019

MARCIA DENISE DE LIMA DIAS

BENZEDEIRAS:

A EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA FEMININA DE MULHERES NEGRAS PELAS ERVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva.

GUARAPUAVA

2019

Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

Dias, Marcia Denise de Lima
D541b Benzedeiras: a educação de resistência feminina de mulheres negras pelas ervas / Marcia Denise de Lima Dias. – – Guarapuava, 2019.
x, 100 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação (Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade), 2019.

Orientador: Jefferson Olivatto da Silva
Banca examinadora: Jefferson Olivatto da Silva, Giovanni Cirino, Geyso Dongley Germinari

Bibliografia

1. Educação. 2. Benzedeiras. 3. Constelações de Aprendizagens. 4. Saberes Tradicionais. 5. Práticas Educacionais. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDD 370

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, PPGE

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCIA DENISE DE LIMA DIAS

BENZEDEIRAS: A EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA FEMININA DE MULHERES NEGRAS PELAS ERVAS

Dissertação aprovada em 24/06/2019 como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Educação, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva
(Orientador/UNICENTRO)

Prof. Dr. Giovanni Cirino
(UEL)

Prof. Dr. Geyso Dongley Germinari
(UNICENTRO)

GUARAPUAVA-PR
2019

Trabalho dedicado à minha amada família, que sempre está ao meu lado com todo amor e dedicação. Ao professor Jefferson, orientador, amigo e colega de caminhada, grata por todos os ensinamentos.

Pela generosidade em compartilharem das minhas dores e aflições no decorrer do mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e saúde para desenvolver meu projeto de pesquisa, e também por colocar pessoas maravilhosas no decorrer desta etapa no meu caminho.

Agradeço a minha família e filhos (Ana Maria Dias e Heitor Dias Sbalcheiro) pela compreensão das minhas atividades acadêmicas enquanto estive ausente. Pelo apoio, dedicação e parceria de minha mãe (Neuzelia de Lima Dias), que me acompanhou e incentivou, sendo esteio no decorrer de todo o processo, *in memoriam* de meus avós maternos Ortolino Kraus e Maria S. de Lima, que desenvolveram o ofício de benzer no decorrer de suas vidas e a meu pai Albino Dias que a mim, tenho certeza, concederam força ancestral no decorrer de toda minha caminhada.

As benzedeiras sem as quais este trabalho não seria possível, me ensinaram a verdadeira reciprocidade e generosidade, foram amparo e sustento (físico e espiritual) em todo processo, compartilhando seus saberes generosamente, me auxiliando e fortalecendo.

Agradeço em especial ao meu Orientador Professor Dr. Jefferson Olivatto da Silva, pela atenção incansável durante todo o mestrado e por toda a dedicação e carinho em compartilhar seu conhecimento.

Ao PPGE/Unicentro por ser um programa sério e respeitável e aos seus professores por partilharem da ideia de que a Educação é fundamental para a humanização das pessoas.

Se mesmo nós despertamos a pouco para o racismo, então significa que muitos outros estão adormecidos e até que nunca despertarão.

Jefferson O. da Silva

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Constelações de aprendizagens no benzimento……71
Imagem 2 – Dinâmica de aprendizagem entre benzedeiras……..74
Imagem 3 – Sala do benzedor Sr. Dorico…….81
Imagem 4 – Quarto da benzedeira Dona Bina……..82

RESUMO

DIAS, Marcia Denise de Lima. Benzedeiras – A Educação de Resistência Feminina de Mulheres Negras pelas Ervas. 2018. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

Esse trabalho aponta as práticas educacionais relacionadas ao autocuidado e cuidado com a saúde no ofício do benzimento. Descreve como os saberes tradicionais do ofício foram repassados/transmitidos, no município de Foz do Jordão (Paraná) entre gerações familiares, no decorrer do tempo e, possivelmente, através da tradição matricentral (DIOP, 2015) e da atuação dessas mulheres juntamente ao seu conhecimento sobre as ervas. Tem por objetivo evidenciar os processos educacionais relativos à benzedura que se perpetuaram no decorrer do tempo na comunidade fozjordense. Relacionamos a esse processo o conceito de benzedeira por Elda Rizzo de Oliveira (1985) com o de reciprocidade presente no estudo de Alain Caillé (2014) e Eric Saubourin (2008,2011) no que tange aos cuidados comunitários. A metodologia utilizada para descrição e análise dos dados foi a Etnografia Educacional, sendo eles coletados no decorrer dos anos de 2017 a 2018 por meio de entrevistas e acompanhamento de seus atendimentos em suas casas. Para descrever e evidenciar esses saberes tradicionais utilizamos o estudo de Jefferson Olivatto da Silva (2016) sobre as constelações de aprendizagens, que nos possibilitam descrever e interligar, concomitantemente, as práticas educacionais à rotina familiar e comunitária das benzedeiras. As benzedeiras entrevistadas mantêm o milenar hábito de uso das plantas, e são, por vezes, o único cuidado à saúde existente na comunidade. Observou-se que através do ofício as benzedeiras fomentam ao seu redor uma constelação de aprendizagens de prevenção e proteção à saúde, pautadas nos saberes tradicionais, nas práticas educacionais e nos traços de aprendizagens familiares e comunitários. Os saberes tradicionais são transmitidos nas relações de cuidado entre o ser mãe, ser mulher e ser benzedeira. Os traços de aprendizagens estavam intrinsecamente ligados ao cotidiano e as vivências, familiar e comunitária, dessas mulheres; assim como presentes nas relações do cuidado materno para com a família, do cuidado materno com o outro (atendimentos), da construção matricentral dos valores e normas familiares e comunitárias, do conhecimento sobre os males do corpo e do espírito e do domínio sobre as ervas. Pensar as constelações de aprendizagens nos possibilita compreender como esses saberes foram perpetuados pelas benzedeiras dentro da comunidade de Foz do Jordão, pois estão refletidos nas relações do cotidiano, seja com suas famílias e com suas consulentes. Concluiu-se que as benzedeiras desenvolvem a afetividade e a generosidade como valores éticos nas relações e ensinam, a seu turno, como auxiliar ao outro com as ervas, superar as dores e os problemas da saúde física e espiritual. Assim, as constelações de aprendizagens evidenciaram que o ofício zela pelo princípio da reciprocidade e que este não se fundamenta apenas no doar-se, mas sim no fazê-lo pelo bem comum, enquanto as benzedeiras deixam suas raízes e repassam seus saberes mantendo vivo o ofício do benzimento.

PALAVRAS-CHAVE: Benzedeiras, Constelações de Aprendizagens, Saberes Tradicionais, Práticas Educacionais.

ABSTRACT

DIAS, Marcia Denise de Lima. Healers – The Education of Female Resistance of Black Women by Herbs. 2018. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

The research points out the educational processes associated with self-care and care associated with the healing performance. In addition, it describes the traditional knowledge of healing taught and transmitted in Foz do Jordão county, Paraná State (Brazil), among generations' time; and, possibly, such process happened through matricentral tradition (DIOP, 2015). Furthermore, it aimed on education processes related to healing which were perpetuated through a long period in the Foz Jordanian community. By that, we proposed to connect to such process Elda Rizzo de Oliveira's (1985) concept of healing to Alain Caillé's (2014) and Eric Saubourin's (2008,2011) concept of reciprocity about the community attendance. According to the Educational Ethnography, observations and descriptions occurred from 2017 through 2018 on women healer's practices and performances of herbs understanding. By describing and highlighting this traditional knowledge, Jefferson Olivatto da Silva's (2016) learning constellations can, simultaneously, analyze and interconnect educational practices in the family and community routine of blessing. Sometimes, women healers maintained such millennial habit of herbs use being the only community health care. Furthermore, according to healing performance those healers aggregated learning constellations of prevention and health protection based on traditional knowledge, educational practices and traces of family and community learning. Whereby, the caring relationships by being a mother, being a woman and being a healer responded to the transmission of traditional knowledge. Learning traits were, intrinsically, linked to the daily life and the family and community experiences of these women, as well as present in the relations of maternal care of the family, maternal care with the other (care), matricentral construction of illness of body and spirit, as well as their mastery of herbs. To think of learning constellations enabled to understand how those healers perpetuated their knowledge in Foz do Jordão's the community, because they are reflected in everyday life, so in family as consultants. It concludes that women healers develop affectivity and generosity as ethical relating values and teach how to aid others using herbs, to overcome sufferings and issues of bodily and spiritual health. Thus, learning constellations has demonstrated the performance cares about reciprocity principle based on, besides dedicating yourself to others, doing it for the sake of well-being, in as much as the women healers spread of their roots and teach the knowledge maintaining alive their practice.

KEY WORDS: Women healers, Learning Constellations, Educational knowledges, Educational Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12
CAPÍTULO I.....27
1 FOZ DO JORDÃO - O SEGREDO.....27
1. 1 Contexto histórico de Foz do Jordão 29
1. 2 Metodologia sobre o dom - Dádiva, Care e Reciprocidade.....38
1. 3 Reciprocidade – Práticas Comunitárias 42
1. 4 Care: O Ofício e a Generosidade nas Relações 44
CAPÍTULO II.....49
2 RELATOS DE VIVÊNCIAS: QUEM APRENDE AO SEU TURNO ENSINA.....49
2.1 Vínculos e Aprendizagens no Benzimento. 67
2.2 Saberes Tradicionais 70
CAPÍTULO III.....72
3 APRENDIZADO COMUNITÁRIO: PRÁTICAS DO OFÍCIO PARA O BEM COMUM.....72
3.1 Dádiva Familiar 73
3.2 Prática Comunitária 78
3.3 Altares das Benzedeiras 80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....84
REFERÊNCIAS.....94
ANEXOS.....96
ANEXO 01 - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL.....96
ANEXO 02 – MAPA DO MUNICÍPIO DE FOZ DO JORDÃO.....100

INTRODUÇÃO

Este trabalho é sobre as benzedeiras do município de Foz do Jordão (Paraná), descreve e circunda as práticas educacionais que possibilitaram os processos de atuação e perpetuação das benzedeiras no município.

Para definir especificamente o objeto desse estudo primeiramente deixamos claro que a escolha pela denominação *benzedeiras* se deu através de pesquisas referente a nominação e/ou categoria a qual as pessoas entrevistadas se identificavam dentro do seu ofício, sendo então utilizada por todas a denominação de benzedeira em primeiro plano. Mesmo os homens que desenvolvem o ofício ao se denominaram curandeiros, erveiros (raizeiros) também se utilizam do termo benzedor.

Todavia para analisar os saberes tradicionais e as práticas educacionais, dentro da prática do ofício, na comunidade o conceito de benzedeiras utilizado neste trabalho foi constituído por Elda Rizzo de Oliveira em seus trabalhos *Doença, Cura e Benzedura* (1983), *O que é Medicina Popular* (1984) e *O que é benzição* (1985).

Observamos se haviam elementos nesta comunidade que evidenciassem os traços ancestrais de aprendizagens que fossem referentes ao ofício das benzedeiras. Como essas aprendizagens foram compartilhadas e perpetuadas através das condutas (individuais e coletivas) de cuidados comunitários das benzedeiras para com seus familiares e com a comunidade.

Todavia, se faz necessário compreender que para analisar valores matricentrais dentro de uma sociedade patriarcal, branca e eurocêntrica é primordial a decolonização do olhar a respeito do objeto estudado, para assim poder evidenciar os saberes tradicionais ancestrais e matricentrais presentes na prática do ofício de benzer. Logo, preferimos o termo decolonial, pelos mesmos motivos que Catherine Walsh em *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época* (2009). A autora utiliza o termo decolonial, suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial: “A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (WALSH, 2009, p. 15-16).

Portanto as problemáticas da pesquisa são: como compreender, evidenciar e analisar as constelações de aprendizagens envoltas no ofício do benzimento? suas

categorias? os traços de aprendizagens presentes no ofício do benzimento sobre autocuidado, cuidado com o outro e a manutenção da saúde comunitária, dentro da rotina familiar e comunitária a partir das vivências das benzedeiras e seu conhecimento sobre as ervas?

Logo, o objetivo deste trabalho é evidenciar os processos educacionais relativos à benzedura que se deram no decorrer do tempo através dessas mulheres e o domínio sobre as ervas no município de Foz do Jordão. Esses processos educacionais podem ser oriundos das práticas matricentrais africanas, dessa forma utilizamos o estudo de Cheikh Anta Diop, *A Unidade Cultural da África Negra* (2015) para apontar as possíveis congruências na atuação dessas mulheres juntamente ao seu conhecimento ancestral sobre as ervas na prática do ofício na atualidade.

Os processos educacionais referentes a aquisição do ofício do benzimento fazem parte de uma estrutura de aprendizagens que podem ser divididas em dois momentos: dádiva familiar e prática comunitária, entretanto é necessário que se compreenda que para as benzedeiras este processo ocorre concomitantemente. As estruturas das aprendizagens para a manutenção do ofício não são mutáveis no sentido de abranger a transmissão do dom para além do seio familiar, tendo em vista que um dos requisitos para a formação de uma benzedeira, dentro do grupo estudado, é ser da família, acompanhar a prática diária através da observação e acompanhamento de uma benzedeira mais velha sobre a mais nova. Já a prática individual do dom é mutável e pode se adaptar conforme a necessidade de cada benzedeira, um exemplo disso é o uso da tecnologia (Whatsapp) no auxílio aos atendimentos como forma de facilitar e proporcionar atendimento a quem necessita, algumas passaram a utilizar-se de tal tecnologia, como as benzedeiras: Dona Maura, Dona Bina, Dona Ana e Sr Dorico, já outras benzedeiras como: Dona Chica, Dona Maria e Sr. Antônio não.

Contudo, os traços de aprendizagens podem modificar-se de acordo com a relação estabelecida entre os pares. Observamos os traços de aprendizagens a partir das vivências das benzedeiras em seu ofício, evidenciando assim que as aprendizagens provêm de dois principais aspectos: da ancestralidade (saberes tradicionais) e das práticas matricentrais nas relações. Estas aprendizagens são compartilhadas entre os familiares e a comunidade através das relações de generosidade e reciprocidade.

Os traços de aprendizagens são semelhantes, havendo aspectos de aprendizagens em comum nas relações entre benzedeiras e familiares; benzedeira e consulentes[1]; benzedeiras e comunidade. Essas aprendizagens podem se modificar no decorrer do tempo adaptando-se a necessidade da benzedeira ou da comunidade.

Com relação aos objetivos específicos, propomos: Evidenciar os processos educacionais referentes a aquisição do ofício do benzimento, nas práticas individuais, nas práticas familiares, na transmissão ancestral do dom, e na propagação dos conhecimentos referentes ao cuidado matricentral do coletivo; Pesquisar os processos educacionais presentes no ofício do benzimento, as relações entre as benzedeiras e seus familiares, consulentes e comunidade; Analisar as práticas individuais e coletivas do ofício do benzimento; Pesquisar os traços de aprendizagens presentes na benzedura referentes ao autocuidado e ao cuidado comunitário.

A metodologia utilizada para descrição e análise dos dados fundamentasse na Antropologia da Educação, “A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade” (ANDRÉ, 1995, p. 24). O processo metodológico no qual se assenta as pesquisas de caráter antropológico apresentou, em termos epistemológicos, uma guinada a partir do século XX, no ano de 1922, Bronislaw Malinowski publicou *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, ocorrendo a primeira sistematização do método etnográfico, articulada a um trabalho de campo sistemático.

Entretanto, se faz necessário reconhecer a articulação da prática etnográfica ao próprio escopo teórico ao qual ela se encontra atrelada, uma vez que a mesma não pode ser compreendida como simples técnica de coleta de dados, pois os dados são construídos no processo interativo com os sujeitos, com os lugares, com as experiências vividas por parte do entrevistado e do pesquisador.

Nesse sentido utilizamos o livro O *guru: Iniciador e outras variações antropológicas*, de Fredrik Barth (2000), que chama a atenção para o fato de que o significado é uma relação entre um signo e um observador. Desvendar os significados construídos em determinada realidade cultural pressupõe “[...] ligar um fragmento de cultura e um determinado ator(a) à constelação particular de experiências, conhecimentos e orientações desse/dessa ator(a)” (BARTH, 2000, p. 128). Esta ligação é viabilizada, justamente, pela apreensão da conjuntura cultural de

[1] Pessoas da comunidade que procuram o auxílio das benzedeiras.

determinado grupo, tal como proposto por Bronislow Malinowski, em 1922, em sua publicação *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, no qual houve a primeira sistematização do método etnográfico, articulada a um trabalho de campo sistemático.

O processo metodológico no qual se assenta a pesquisa de caráter antropológico apresentou então uma guinada em termos epistemológicos a partir dos anos 20 do século XX. Logo, a dimensão da totalidade, e a relação que o pesquisador estabelece com as ações dos sujeitos investigados, é o que possibilita que a etnografia não seja uma mera descrição da realidade

Barth (2000) ainda nos chama a atenção para o fato de que os atores sociais estão sempre posicionados e é a partir destas posições que eles produzem seus discursos e suas práticas. Compreender o que os sujeitos produzem e fazem pressupõe uma apreensão “de onde” eles falam. Mais que isso, leva-nos a reconhecer que todos os pontos de vista colhidos, no trabalho etnográfico, são sempre parciais, incompletos, de modo que a etnografia não se limita a uma descrição da realidade, mas é também uma interpretação da mesma. Ainda segundo o autor:

> [...] o fato de que há posicionamentos e de que todas as visões são parciais não tem tais implicações para a epistemologia da antropologia como ciência empírica. Isso de forma alguma diminui a primazia a ser dada às realidades que as pessoas constroem, aos eventos que elas ocasionam, e às experiências que elas obtêm. Essas constatações, porém, forçam-nos a reconhecer que vivemos nossas vidas com uma consciência e um horizonte que não abrigam a totalidade da sociedade, das instituições e das forças que nos atingem. De alguma maneira, os vários horizontes limitados das pessoas se ligam e se sobrepõem, produzindo um mundo maior que o agregado de suas respectivas práxis gera, mas que ninguém consegue visualizar. A tarefa do antropólogo ainda é mostrar como isso se dá, e mapear esse mundo maior que surge (BARTH, 2000, p. 137).

Logo, a cultura produzida a partir do conhecimento empírico e das vivências dessas mulheres não se perde, entretanto ela pode sofrer modificações no decorrer do tempo, pois seus signos são expostos a diversas condições, todavia o grupo pode transformá-las mesmo que inconscientemente, para se auto afirmar ou firmar aquilo que não são.

As benzedeiras desempenham um importante papel na comunidade de Foz do Jordão, são procuradas para cuidados referentes aos males do corpo e males espirituais. Preservam a diversidade biológica, já que muitas delas selecionam e cultivam, em suas próprias casas, espécimes de plantas medicinais utilizadas para a prática dos ofícios tradicionais de cura, muitas delas em vias de extinção.

Elas se organizam em grupos familiares e coletivos, como a exemplo a religião e são regidas por costumes próprios e tradições, podendo então ser reconhecidas como comunidade tradicional, logo nosso aporte metodológico, juntamente ao Barth (2000), é o livro *Cultura com aspas e outros ensaios* da Manuela Carneiro da Cunha (2009).

Cabe ressaltar que no capítulo *"Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais*, Manuela Carneiro da Cunha (2009) descreve as especificidades e diferenças que existem entre o saber científico e os saberes tradicionais, mas também suas semelhanças e, especialmente, as pontes que podem ser feitas entre essas formas de conhecimento em prol de sua própria vitalidade e em benefício da humanidade. Uma primeira diferença que aponta entre os dois tipos de saber diz respeito à aspiração de universalidade e de verdade absoluta que caracterizam o saber científico, em contraste com a multiplicidade, o caráter local e a inclusão de divergências que caracterizam os saberes tradicionais.

Os conhecimentos tradicionais existem sem a necessidade do uso de recursos metodológicos cientificamente definidos, possuem força própria para manter-se e estabelecer-se. Através destes conhecimentos a comunidade cria sua própria identidade cultural, sendo que os conhecimentos tradicionais dessas comunidades, como o caso das benzedeiras do município de Foz do Jordão, estão diretamente associados a biodiversidade local, a biodiversidade é o ambiente no qual se desenvolveu as habilidades das benzedeiras com as ervas, estas possuem como elemento de aprendizagem a conduta de perenizar os recursos naturais onde vivem.

A visão que as benzedeiras do município de Foz do Jordão têm sobre sua relação com as ervas está relacionada ao estudo de Cunha (2009) no que tange o ambientalismo:

> O ambientalismo pode designar um conjunto de práticas e também pode referir-se a uma ideologia, sendo então possível existir a ideologia sem a prática efetiva, consistindo no apoio verbal à conservação, ou ainda na coexistência de práticas sustentáveis com a cosmologia, o que significa uma concepção de que na natureza nada se perde e tudo se recicla, inclusive a vida e as almas como que se pautaria o comportamento baseado na exploração limitada dos recursos naturais porque os seres humanos seriam mantenedores do equilíbrio do universo (CUNHA, 2009, p. 287-288)

A biodiversidade é um conceito amplo, principalmente por englobar vários níveis de diversidade de espécies e de relações. Diz respeito à variedade de tipos de

vida na terra, à diversidade dos exemplares dentro de cada espécie e à diversidade das relações estabelecidas entre os seres vivos em cada ecossistema[2].

Logo, o conceito de biodiversidade ou diversidade biológica compreende três elementos objetivos ou dimensões: a diversidade de espécies da fauna, da flora e de microorganismos, a diversidade de ecossistemas e a diversidade genética dentro de cada espécie, ou patrimônio genético. A este conceito se soma um elemento adjetivo, o conhecimento tradicional das comunidades indígenas e locais (quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, seringueiros, pescadores, entre outros). Nesse sentido, "o conceito abrange uma quarta dimensão, a cultural, representada pelos valores, visões de mundo, conhecimentos e práticas que têm íntima relação com o uso direto e os processos relacionados à biodiversidade"[3].

Juliana Santilli em seu trabalho *Socioambientalismo e Novos Direitos* (2005) esquematiza a biodiversidade como soma de um elemento adjetivo, imaterial ou intangível e essencial à sua conservação e uso sustentável: o conhecimento, inovações e práticas tradicionais das comunidades, esse elemento compreende:

> Desde técnicas de recursos naturais até métodos de caça e pesca, conhecimentos sobre os diversos ecossistemas e sobre propriedades farmacêuticas, alimentícias e agrícolas de espécies e as próprias categorizações e classificações de espécies de flora e fauna utilizadas pelas populações tradicionais (SANTILLI, 2005, p. 192.)

O conhecimento pode refletir a heterogeneidade no campo médico ou a intermedicalidade que se verifica na atividade de uma benzedeira que faz uso de diferentes plantas para elaborar fórmulas curativas[4].

Essas comunidades tradicionais são guardiãs de um rico saber, compartem estilos de vida particulares fundados na natureza, no conhecimento sobre ela e nas melhores práticas para conservá-la e utilizá-la sustentavelmente, respeitando desse modo sua capacidade de recuperação e conservação. Diferentemente das sociedades capitalistas[5] não cobiçam a acumulação de riquezas materiais se não que a

---

[2] GOUVEIA, Maria Teresa de J. [et all]. *O destino das espécies*: como e porque estamos perdendo a biodiversidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 20.

[3] SOUZA, Gabriela Coelho de, et. al. "Conhecimentos tradicionais: aspectos do debate brasileiro sobre a quarta dimensão da biodiversidade". In: Dilemas do acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais. Direito, Política e Sociedade. Belo Horizonte: Método, 2009, p. 72.

[4] ATTUCH, Iara Monteiro. Os rumos da intermedicalidade: o saber de dona Flor e o saber de profissionais da saúde no Cerrado. In LITTLE, Paul E (Org). Os conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade. São Paulo: Annablume, 2010, p. 117.

[5] Dentro de uma perspectiva marxista (especialmente dos antropólogos neomarxistas), as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos

acumulação de conhecimentos sobre o mundo natural e sobrenatural, conhecimentos que são transmitidos oralmente de geração a geração, constituindo um legado cultural e coletivo indispensável ao equilíbrio do Planeta e à promoção da justiça socioambiental das presentes e futuras gerações.

No campo dos saberes tradicionais as ações e práticas respondem por um entendimento formulado na experiência das relações com a natureza informando o processo de acumulação de conhecimento através das gerações. Trata-se de maneiras diversas de perceber no âmbito local, de representar e de agir sobre o território, concepções que subjazem às relações sociais[6]. Estes saberes tradicionais fazem parte de toda estrutura sociocultural e histórica dessas comunidades, a partir das constelações de aprendizagens, esses saberes podem ser evidenciados e analisados dentro de seu próprio contexto e estrutura.

Entretanto, cabe ressaltar que não é foco deste trabalho debater a relação entre medicina erudita e medicina popular no que tange a eficácia do tratamento, justamente por ser um trabalho de cunho decolonial e de valorização dos saberes tradicionais de grupos que foram por muito tempo colocados a margem da historiografia brasileira. Os trabalhos desenvolvidos nesta área da antropologia da educação precisam ter o cuidado para não retomar o discurso europeu de contraposição entre saberes, onde a hegemonia do discurso erudito se sobressai ao conhecimento das comunidades tradicionais.

Nosso foco é, justamente, evidenciar as dinâmicas de aprendizagens contidas no ofício da benzedeira e a importância destas para a manutenção da saúde humana e do bem comum dentro das comunidades tradicionais. Para além da cura do corpo ou da alma evidenciar a generosidade presente nas relações matriarcais.

Outro fator primordial para a compreensão da seleção dos dados presentes nesse trabalho é a ética acerca da coleta e sigilo dos dados re/passados pela comunidade aos pesquisadores. Não nos foi permitido discorrer sobre as receitas, formulas e simpatias na integra, deixamos claro que acompanhamos diversos

---

ciclos da natureza, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural; como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela ideia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos (DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocável. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2001, p. 82.)

[6] CASTRO, Edna. *Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais.* In DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *Etnoconservação:* novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec NUPAUB, 2000, p. 169.

benzimentos/atendimentos e a rotina dos lares, entretanto o grupo preferiu que estes dados permaneçam apenas entre os pares que fazem parte desse processo. Segundo dona Chica (2018): “não gostaríamos que esse trabalho seja visto como um livro de receitas ou que venha alguém dizer aqui que essa erva é pra isso ou para aquilo, nós sabemos para que serve”.

Quanto as coletas de dados referentes às narrativas das benzedeiras, por se tratar de idosas, utilizamos como base as contribuições de memória do livro: *Memória & Sociedade: lembrança de velhos* de Ecléia Bosi (1994), nele, desenvolve como os idosos participam da socialização dos mais novos e a importância destes no decorrer desse processo educacional, propõe uma análise peculiar em torno da fala e a memória do idoso, ou seja, o pesquisador deve dispor-se de tempo para ouvi-los, deixá-los a vontade não preestabelecendo um limite de tempo para suas respostas, não intervir com cortes bruscos. Há de se ter todo um cuidado com a narração de suas memórias por estas serem subjetivas: “Quando os velhos se assentam à margem do tempo já sem pressa – seu horizonte é a morte – floresce a narrativa” (BOSI, 1994, p.88).

Segundo Bosi (1994) a memória transmite o que os livros não conseguem transmitir, cada idoso tem uma forma de lembrar e transmitir, neste sentido as memórias das benzedeiras, mesmo que individuais, refletem dentro do contexto cultural, a ideia da comunidade. O mesmo acontecimento pode ser narrado de diferentes formas, mesmo que vivenciado pelas mesmas pessoas, depende do envolvimento e de como elas entendem o ocorrido. As consulentes assim como as benzedeiras tem um papel importantíssimo na narração do fato vivenciado, pois não é somente na família que as aprendizagens são transmitidas, mas também para as consulentes, na vizinhança e na comunidade. Logo a coletividade sustenta o fato e estabiliza a lembrança.

Bosi (1994) salienta ainda que é de extrema importância a valorização do idoso em nossa sociedade, a escuta acerca de suas lembranças agrega valores e conhecimentos, além de torna-los úteis e felizes. Neste sentido a produção deste trabalho tem como uma das principais propostas a valorização do ofício das benzedeiras e a propagação das aprendizagens, produzidas a partir das narrativas, destas na comunidade.

Para analisar os diferentes processos educacionais presentes na comunidade de Foz do Jordão que foram transmitidos à partir do ofício das benzedeiras, seja na

relação destas com seus familiares, consulentes ou na comunidade, dentre os aspectos das trocas sociais, utilizamos também os estudos de Jefferson Olivatto da Silva (2016) sobre as Constelações de Aprendizagens, as constelações representam processos cognitivos que coordenam pensamentos e atitudes das comunidades que podem ser interpretadas então a partir da Antropologia da Educação.

> Contribuir para um enfoque comunitário em que as diferentes aprendizagens que acontecem(ram) no cotidiano social podem evidenciar determinados processos relegados ao desprezo epistemológico. Ademais romper com a perspectiva da experiência individualizada ou a análise limitada a uma geração pode elucidar novos caminhos interpretativos sobre o comportamento social afro-brasileiro. (DA SILVA, 2016, p. 40).

O processo histórico de formação do território brasileiro, de seu povo, da relação destes com as doenças e as práticas de cura é diverso, Elda Rizzo De Oliveira (1983) descreve as questões relacionadas com a doença no Brasil perpassando a medicina erudita, as agencias religiosas eruditas, as populares e as populares autônomas, abordando nesta última na terceira categoria o ofício da benzedeira, para a autora as benzedeiras realizam um trabalho vivo e em expansão que se renova através da comunicação e do sobrenatural, sendo elas um misto de médicas populares com rezadeiras e conselheiras.

Para Oliveira (1985) a caridade presente nas práticas, nas orações, no trato com as ervas e o cuidado com o outro, fazem destas mulheres não somente entendedoras da medicina popular mas de práticas humanas de relação com o outro, com a sua dor.

O processo para a seleção das benzedeiras se deu inicialmente através da Associação São Miguel Arcanjo da Terceira Idade[7] (a associação possui cronograma próprio, com datas e festividades estipuladas pela coordenadora em conjunto com os membros do grupo e não possui fins lucrativos), a Associação São Miguel foi escolhida como foco inicial da pesquisa justamente por concentrar a maioria dos idosos e idosas do município, o que nos possibilitou (re)conhecer as benzedeiras que frequentavam o grupo e realizar os primeiros contatos.

Propomos evidenciar os processos matricentrais na aprendizagem do ser benzedeira. Aprendizagens que foram vivenciadas por seus ancestrais possivelmente desde o território africano e que foram resignificados e perpetuados no território

[7] Coordenadora: Zenaide Azevedo. Logradouro: Rua: Presidente Getúlio Vargas. Bairro das Nações, s/n°

brasileiro através dos saberes tradicionais. Traços de aprendizagens ancestrais ou saberes tradicionais formaram a nossa sociedade e estão presentes na linguagem, nas vestimentas, nas comidas, nos temperos, na religião, nas músicas, entre tantos outros aspectos da cultura brasileira e que são negados, negligenciados e silenciados pelas diversas formas de racismo, entre elas, o racismo velado, racismo institucional e o racismo midiático.

Para estruturar nossa pesquisa levantamos os principais conceitos a serem abordados e analisados, tanto para construir um caminho teórico que nos possibilitasse evidenciar as aprendizagens do ofício das benzedeiras, quanto para constatar a perpetuação dessas aprendizagens na comunidade onde elas vivem.

Sendo a aprendizagem nosso foco principal, iniciamos nossa base teórica pela compreensão do conceito de matricentralidade e de como está se perpetuou nas relações entre as benzedeiras, em suas famílias e na comunidade. O livro *A Unidade Cultural da África Negra*, de Cheick Anta Diop (2015), explica como o matriarcado africano é antagônico ao patriarcado europeu e como o patriarcado na África tem íntima ligação com a colonização branca.

Para analisar o processo histórico do matriarcado na África, Diop (2015) apresenta as principais teses relativas ao predomínio do matriarcado, considerado enquanto etapa geral do processo de evolução da humanidade. Iniciando pelo historiador Bachofen*,* que publicou em 1861 *Le droit de la Mère (Das Mutterrecht):*

> Bachofen considera que a humanidade conheceu, em primeiro lugar, uma época de barbárie e de promiscuidade afrodita de tal modo que a filiação só poderia ser calculada através da linhagem uterina, sendo incerta qualquer filiação paterna. O casamento não existia. Uma segunda época, dita ginecocrática, sucede à primeira enquanto consequência lógica desta. A mesma se caracteriza pelo casamento e pela hegemonia da mulher; continua a calcular-se a filiação através da linhagem uterina, tal como durante o período precedente. É a verdadeira época do matriarcado, segundo a concepção bachofeniana. O amazonismo é igualmente característico desta época. (DIOP, 2015, p. 13)

No ano de 1871 o investigador americano Morgan em seu trabalho *Systems of Consanguiniti and Affinity,* apresentou uma confirmação das ideias de Bachofen acerca da evolução das primeiras sociedades. Segundo Diop (2015) Morgan (1871) teria partido do sistema de parentesco em vigor nos Índios Iroqueses da América (Estado de Nova Iorque) para reconstituir as formas primitivas da família humana:

> Enquanto que Bachofen partiu dos vestígios do matriarcado que a literatura clássica da Antiguidade encerra – em particular da Oresteia de Ésquilo – para

> afirmar a universalidade do matriarcado e a sua anterioridade, Morgan chega às mesmas conclusões a partir da análise das sociedades indianas da América. Este encontra ali um sistema de parentesco cuja originalidade desperta a sua atenção. Tomou providencias no sentido de desenvolver uma investigação levada a cabo pelo governo americano em todo território habitado pelos Índios, e pôde assim constatar a generalidade do sistema [...] Ao mesmo tempo que reconstitui a história da família partindo destes dados, Morgan investiga a organização clânica iroquesa e chega à conclusão que o matriarcado que ali predomina representa uma forma universal que, num dado momento de sua evolução, dominou todos os povos. (DIOP, 2015, p. 19)

Por último, Friedrich Engels em 1884, em *Origene de la famille, de la propriété priveé et de l'État*, descreve os pontos de vista de Bachofen e Morgan, baseia-se nestas descobertas para melhor afirmar a origem matriarcal da família.

Partindo destas, teses Diop (2015) desenvolve uma análise na qual seja possível compreender e evidenciar o processo histórico do matriarcado e do patriarcado no Berço Meridional, Berço Nórdico e Zona de Confluência.

> Não se trata propriamente de resumir, mesmo que brevemente, a história das três origens; não teria qualquer interesse para o objectivo em vista. O método que será aplicado consiste em escolher, em cada berço, os factores históricos relevantes de modo a demonstrar que este é efetivamente característico de um ou outro sistema. (DIOP, 2015, p.51)

No Berço Meridional limitou a sua análise a África por ser, segundo o autor, o continente que sofreu menor transformação pelas influencias externas, sendo que as primeiras expedições que alcançaram o "coração da África" foram as de Livingstone e de Stanley, posteriores a 1850. Tratando-se da Etiópia, por ser o primeiro país do mundo a ser governado por uma rainha depois do Egito; Egito, onde o matriarcado teve maior manifesto e foi mais duradouro (o caráter agrário e matriarcal da sociedade egípcia faraónica encontra-se representado no mito de Íses e de Osíris); Líbia, onde os relatos e descrições de uma estrutura de sociedade onde não há presença do matriarcado nas relações. Justifica através da origem dos diversos povos nesta região, principalmente pelos chamados "povos do mar": "estes enquanto Indo-Europeus, emigrados do berço nórdico, e tendo permanecido nômades, nunca praticaram o matriarcado" (DIOP, 2015, p. 61); África Negra, as descobertas recentes, que tendem a provar que o berço da humanidade é a África do Sul, tornam cada vez menos necessária a hipótese lemuriana:

> Surge a teoria do continente lemuriano: está consistia em fazer descender os Negros Africanos dos Australianos, sendo a rota de migração o Oceano Índico, e servindo as diferentes ilhas de escalas aos pirogueiros [...] A toponímia e a etnonímia da África revelam um berço comum que seria,

> efetivamente, o Vale do Nilo. A linguística apresenta uma prova praticamente segura. (DIOP, 2015, p. 61)

Ao analisar o processo sociocultural e histórico dos povos africanos evidencia a formação estrutural matrilinear. Somente com a islamização no território africano, no decorrer da Idade Média, que surge um pseudo-patriarcado, isto é, somente sob a influência de um fator externo e não devido a um processo de evolução interna.

No Berço Nórdico, a área geográfica abordada por Diop (2015) compreende as estepes eurasiáticas (a chamada civilização dos tumulus): Creta, considerada uma zona de transição em pleno oceano, entre o Sul e o Norte, analisada por Diop (2015), através dos estudos de Schliemann (1876) e Evans (1900), sendo os estudos sobre o território de Creta a base para as análises dos demais territórios: Grécia, Germânia e Roma. Segundo o autor os historiadores e etnólogos que compararam as sociedades africana e asiática foram levados a considerar a Ásia Ocidental como a terra da luxúria, por oposição à sanidade das tradições africanas.

A Ásia Ocidental é a verdadeira Zona de Confluência entre esses dois berços, por ter sido asperamente disputada pelos dois mundos. Para Diop (2015) a análise da Zona de Confluência revela é extremamente importante, por conduzir a noção de uma verdadeira mestiçagem das influências e dos povos das duas regiões, sendo a área geográfica considerada para tal análise o Indo (Arábia, Ásia Ocidental: Fenícia, Indo e Mesopotâmia, Mesopotâmia, Bizâncio).

A partir destas análises Diop (2015) nos possibilita desenvolver juntamente à comunidade destas benzedeiras, uma metodologia comparativa-qualitativa de dados, ou seja, observando a comunidade da qual elas fazem parte atualmente (mesmo que provendo de lugares diferentes no contexto histórico de suas origens familiares no território brasileiro e no território paranaense), demonstrar que estas (mesmo que inconscientemente) partilham dos mesmos traços educacionais referentes a sua ancestralidade negra e africana da cultura matricentral.

Nesse sentido os processos de resistência femininas no Brasil têm raízes profundas do matriarcado africano, e vão além do debate do feminismo dentro do sistema patriarcal, segundo Diop (2015) é preciso compreender que os processos que permeiam o imaginário desta comunidade possuem traços matricentrais anteriores a sua própria formação “[...] No domínio moral, um ideal de paz, de justiça, de bondade, um otpimismo que elimina qualquer noção de culpa ou de pecado original nas criações religiosas ou metafísicas” (DIOP, 2015, p.173).

Partimos do pressuposto de que os traços ancestrais presentes nos processos de aprendizagem, comunitária e familiar, dessas benzedeiras evidenciam a possível ligação entre as práticas matricentrais africanas estudadas por Diop (2015). Esses traços ancestrais foram transmitidos nas relações humanas e foram adaptados ou ressignificados através do tempo no Brasil.

Logo, o estudo do matriarcado africano de Diop (2015) possibilitou analisar a matricentralidade negra brasileira enquanto centralidade de aprendizagens de cuidado e agregação, ou seja, os saberes tradicionais. Essas aprendizagens estão presentes nas práticas educacionais da comunidade de Foz do Jordão, são dinâmicas educacionais de formação, cuidado e autocuidado do ser humano presentes nos processos educacionais do ofício das benzedeiras.

A dinâmica educacional do ofício pode ser descrita através do processo de: aprender x ensinar (práticas ancestrais de aprendizagens presentes na transmissão e perpetuação do dom); ensinar x aprender (dinâmicas educacionais presentes na memória, nas vivências e no cotidiano do ofício).

Esses processos de aprendizagens podem ocorrer simultaneamente, sem a necessidade de que um processo se encerre para que outro tenha início, ou seja, mesmo em processo de aprendizagem do dom caso a benzedeira sinta que já está preparada para desenvolver o ofício esta pode fazê-lo sem restrições, assim como ensina, ao seu turno quando se sente tocada (pronta) para isso. Segundo Diop (2015) precisamos reconhecer o papel dessas mulheres como formadoras de processos educacionais identitários de sua comunidade.

Em seus estudos sobre as sociedades matriarcais e patriarcais Diop (2015) demonstra a anterioridade da filiação uterina sobre a filiação paternal, segundo o autor o matriarcado não representa o triunfo absoluto da mulher sobre o homem, mas consiste num dualismo harmonioso, uma associação que é aceita pelos dois sexos para melhor construir uma sociedade, o regime matriarcal não é imposto ao homem independente de sua vontade, mas é antes de tudo aceito e defendido por ele. “A solidariedade africana não é uma solidariedade científica, sendo está tão eficaz quanto desprovida de calor humano” (DIOP, p. 174).

Compreendendo que as mulheres que desenvolvem o ofício de benzer, aliadas a outras funções, a exemplo parteiras, erveiras, raizeiras, curandeiras, são as matriarcas da comunidade de Foz do Jordão, desde os primórdios, e que delas dependem muitas outras mulheres, seja no auxilio e cuidado com a saúde física e

espiritual delas ou de seus familiares. Evidenciamos a autoridade que a comunidade como um todo, mesmo que negligenciado por vezes frente a outras autoridades, confere as benzedeiras, pela prática de seu ofício (autoridade territorial e religiosa) e através de seu dom (autoridade espiritual).

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado*: Foz do Jordão – O Segredo* está subdividido em quatro partes, no decorrer deste capítulo serão abordados temáticas referentes ao contexto histórico do município de Foz do Jordão. Para tal utilizamos os autores José Carlos Vicente Ferreira (2006) e de Fabio Pontarolo (2007), estes estudaram as incursões realizadas para os Campos de Guarapuava antiga região de degredo e da região do território conhecido atualmente por Foz do Jordão.

Pontuamos, brevemente, o estudo de Claude Lévi Strauss (1982) e Marcel Mauss (2003) sobre reciprocidade, correlacionando a estes estudos sobre os conceitos de dádiva, *care* e reciprocidade analisadas pelo viés dos autores Eric Sabourin (2008, 2011) e Alain Caillé (2014). Através destes conceitos analisamos as práticas comunitárias, as relações de generosidade das benzedeiras no seio familiar e comunitário, para assim posteriormente evidenciarmos os saberes tradicionais e as constelações de aprendizagens que norteiam as práticas do benzimento.

O segundo capítulo: *Relatos de Vivências: Quem aprende a seu turno ensina*, traz para além das vivências as particularidades presentes no ofício das benzedeiras. Através destes relatos foi possível categorizar as diferentes aprendizagens do ofício. Concomitante ao tema o primeiro capítulo é subdividido em itens que dão subsidio para compreender os processos educacionais e os traços de aprendizagens que formam as dinâmicas de aprendizagens do ofício.

O terceiro capítulo: *Aprendizado Comunitário*, está subdividido em três subtítulos. Os subtítulos *Dádiva familiar* e a *Prática comunitária* foram construídos de modo a evidenciar as diferentes funções que as benzedeiras exercem em seu meio. Sua influência e autoridade enquanto mulher e benzedeira na comunidade e no seio familiar. No subtítulo *altares de benzedeiras* usamos os trabalhos de Geslline Giovana Braga (2010, 2012) para compreender as relações entre benzedeiras e consulentes no que norteia as questões ritualísticas, a autoridade das benzedeiras em seu território sagrado.

O terceiro capítulo descreve como um todo as constelações de aprendizagens (SILVA, 2016) que estão envoltas no ofício das benzedeiras. Este capítulo evidencia

as relações de generosidade e reciprocidade dentro dos saberes tradicionais, na transmissão do dom e na vivência do ofício.

Logo, esses dados podem contribuir para um enfoque comunitário em que as diferentes aprendizagens que acontecem(ram) no cotidiano social podem evidenciar determinados processos relegados ao desprezo epistemológico. Ademais romper com a perspectiva da experiência individualizada ou a análise limitada a uma geração pode elucidar novos caminhos interpretativos sobre o comportamento social afro-brasileiro (DA SILVA, 2016). Sendo as constelações base para compreender os processos imersos na história de vida e no cotidiano dessas mulheres benzedeiras, evidenciando a dinâmica entre os processos educacionais presentes no benzimento, ofício da benzedeira, resistência e invisibilidade social.

CAPÍTULO I

1 FOZ DO JORDÃO - O SEGREDO

Foram entrevistadas vinte e nove pessoas que desenvolvem o ofício dentro do perímetro urbano do município de Foz do Jordão, Paraná, destes quatro homens e vinte e cinco mulheres, também foram registradas falas de consulentes no decorrer dos atendimentos, e entrevistamos as consulentes depois dos benzimentos presenciados. Observamos as práticas diárias do benzimento em diferentes casas e em diferentes momentos, entretanto as benzedeiras cuja as práticas foram acompanhadas com maior frequência foram Dona Chica, Dona Maura, Dona Bina e Sr. Dorico[8].

Dona Chica foi selecionada após elencarmos os principais fatores referentes a passagem do dom, o ensinamento do ofício e dos saberes tradicionais acerca do ofício do benzimento. Dona Chica é a benzedeira mais velha do município, filha de mãe indígena (Kaingang[9]) e pai negro, é considerada dentro da comunidade e entre as benzedeiras a autoridade maior sobre as aprendizagens do ofício. A família de Dona Chica é também a base para nossos estudos sobe a ancestralidade da prática do ofício, da transmissão do dom e dos saberes tradicionais por estarem na quinta geração continua de benzedeiras na família. Logo, elencamos também a benzedeira Dona Maura que é filha de Dona Chica e que ao seu turno ensina juntamente com a mãe a neta (de dez anos) o ofício do benzimento.

> Ela acompanha desde pequenina, os cinco anos já auxiliava em alguns procedimentos. Agora já está aprendendo as orações e como lidar bem com as ervas. Benze por enquanto as pessoas da casa e da família, assim acompanhamos ela e damos apoio e auxilio espiritual. A aprendizagem ao meu ver é no dia a dia, a gente vai ensinando, mas vai aprendendo também. (DONA CHICA, 2017)

[8] Benzedeiras que fazem parte da rede de cuidados e compadrio explicada posteriormente na página 45, item 5.

[9] Kaingang: **O**s Kaingang estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê. Junto com os Xokleng, integram o ramo Jê Meridionais. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). No século XIX seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Misiones. Atualmente os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 34 mil pessoas. Sozinhos, os Kaingang correspondem a quase 50% de toda população dos povos de língua Jê. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/index_povo_1default.htm Acesso dia: 07 de julho de 2019.

Dona Bina foi selecionada por ser uma das benzedeiras mais citadas (depois de dona Chica e sua família) no decorrer do levantamento feito para encontrar as benzedeiras no perímetro urbano do município. Dona Bina é casada com um benzedor o Sr. Zé Bode, o que nos proporcionou a observação da prática do benzimento no cotidiano familiar tanto na prática da mulher quanto do homem, como os saberes tradicionais são vividos e transmitidos por estes. A mãe de Dona Bina foi parteira por mais de quarenta anos, foi através dela que Dona Bina aprendeu o ofício.

> Eu não sei dizer de quando veio, quando começou, acredito que sempre existiu desde que o mundo é mundo, um dom que Deus deu pra nós mulheres para enfrentar a dor, a doença, a vida né. Do jeito que a gente pode a gente ajuda, não importa quem seja ou de onde venha a porta sempre estará aberta. (DONA BINA, 2017).

Sr. Dorico foi selecionado para que possamos evidenciar aspectos primordiais da transmissão do dom entre mulheres e homens. Quem ensinou o ofício a ele foi sua mãe, suas práticas e aprendizagens provém das vivências que teve enquanto morava com ela. Ao seu turno Sr. Dorico não transmite o dom, percebemos que o mesmo ocorre com os outros três homens benzedores do município, aprenderam o ofício com as matriarcas da família, entretanto a seu turno eles não transmitem o dom a ninguém.

Intercalamos as entrevistas com as visitas, as visitas eram momentos de observação sem qualquer interferência nossa, dos pesquisadores. A ideia em centrar a pesquisa nas falas, vivências e experiências do ofício das benzedeiras se dá justamente no sentido de evidenciar as constelações de aprendizagens em seu íntimo.

Retiramos dos relatórios os aspectos que possuíam maior frequência ou prevalência nas relações e os apresentamos como relatos de vivências[10], dentre estes aspectos estão: rotina familiar, ervas, chás, benzimentos, procedimentos e tratamentos.

Posteriormente as entrevistas elencamos as atividades que elas desenvolvem dentro do ofício e pelas quais foram procuradas por suas consulentes, formando assim categorias de atendimentos, subdivididas observando a faixa etária, sexo e aflições pelas quais elas são procuradas:

- Infância: Quebranto; Bichas; Arca Caída; Susto; Amarelão; Dor de Ouvido; Dor de Barriga; Demora para falar; Demora para caminhar;

[10] Capítulo 2 – Relatos de vivências: Quem Aprende ao seu turno Ensina.

Anemia; Obesidade; Ar (do sol, do vento, da água); Ar no umbigo; Umbigo rendido; Cólicas; Sapinho;

- Gestação: Gravidez de risco; Anemia; Sangramento; Depressão; Ansiedade; Recaída; Falta de leite materno; Remédios para a recuperação do corpo da mulher;
- Mulheres: Sangramentos; Depressão; Ansiedade; Casamento; Relacionamento; Saúde dos filhos; Saúde do marido; Alergias; Cobreiro; Dores de cabeça; Ar do Sol (cabeça); Dor de ouvido;
- Homens: Dores de Cabeça; Dor no ouvido; Cobreiro; Machucaduras no corpo.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE FOZ DO JORDÃO

Para compreender como os saberes tradicionais que são inerentes das práticas do benzimento e que são também intrínsecas as vivências das benzedeiras foram transmitidas, analisamos desde a formação territorial ao atual contexto histórico e cultural do município de Foz do Jordão e a relação destes fenômenos com o grupo pesquisado.

Desde a infância, as crianças crescem ouvindo as histórias de seus avós ou de seus pais, essas lembranças possibilitam aos seus ouvintes criar um mundo de ideias sobre o passado. De alguma forma a narração das histórias e lendas antigas influenciam o imaginário coletivo, não importando para o grupo a veracidade dos fatos narrados, se a história é real ou não, mas sim o quanto essa história representa a comunidade como um todo.

Essas histórias passadas dão a noção de pertencimento ao grupo, mesmo para aqueles que não a vivenciaram no período, segundo Bosi (1994), essas influências nos trazem familiaridade com coisas que não conhecemos como costumes, modos, casas, roupas, e assim por diante.

A importância para uma comunidade de que seus integrantes saibam a história local (características, costumes, cultura) é imprescindível para despertar um sentimento de continuidade. Sendo assim, nada melhor do que conhecer a história do município de Foz do Jordão através de seus protagonistas, de quem viveu e vive essa narrativa há mais tempo, que para nossa pesquisa essas pessoas são as benzedeiras.

As histórias de vida estão guardadas na memória dos velhos, e são reflexos diretos da memória coletiva de uma comunidade. Bosi (1994, p.55) afirma que: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam”.

Constatamos que município de Foz do Jordão possui uma pluralidade histórico-cultural e étnica formada por diferentes etnias, entre elas, negros, indígenas e imigrantes, entretanto segundo o censo do IBGE de 2010 mais de 50% da população fozjordense declarou-se branca. Dentre as vinte e nove pessoas entrevistadas, três se declaram pretas, oito pardas, uma preta e indígena e as outras dezessete brancas.

Segundo dados do IBGE cerca de 70% da população fozjordense está entre a faixa etária de 0 a 49 anos, aos outros 30% da população correspondem as pessoas que estão entre os 50 aos 70 anos ou mais, outro recorte observado está relacionado ao sexo, onde demonstra uma igualdade na proporção populacional de porcentagem entre homens e mulheres.

Dentre as narrativas das benzedeiras sobre as possíveis formas de como seus ancestrais vieram morar na região evidenciamos uma ligação direta com a criação da cidade de Guarapuava e posteriormente a esta as demais cidades de Pinhão, Mangueirinha, Reserva do Iguaçu e Candói. Logo faremos um breve recorte historiográfico da região e em seguida contextualizaremos os fatos com as vivências e narrativas das benzedeiras.

A história do Estado do Paraná demonstra evidências dos interesses de ocupação dos Campos de Guarapuava pelos europeus desde o século XVI, neste período o Estado do Paraná, segundo o Tratado de Tordesilhas, estava sobre comando espanhol, somente durante a União Ibérica (1580-1640) que ocorreram diversas incursões ao interior do continente, partindo da Capitania de São Paulo, essas incursões foram denominadas de bandeiras[11].

Em 1770, o tenente Candido de Almeida Souza, com o objetivo de reconhecer a fronteira platina de Portugal com a Espanha, chegou à margem esquerda do rio Iguaçu, na desembocadura do rio Capivarussu (atual rio Jordão), sendo esta data o primeiro registro oficial de pessoas não indígenas e jesuítas no local[12].

[11] MARTINS, Romário. História do Paraná. Curitiba, Travessa dos Editores, 1995.
[12] Fonte: FRANCO. 1943. Itinerário de Cândido Xavier e Afonso Botelho para os Campos de Guarapuava em 1771. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Itinerarios-de-

Em 1771, parte de Porto Amazonas-PR, a décima expedição de exploração dos Campos de Guarapuava, através do Rio Iguaçu. A expedição era chefiada por Afonso Botelho, até a região de Porto Vitória, onde o grupo encontrou-se com o agrupamento de Cândido Xavier, e juntos avançaram pelos campos até o Rio Jordão (em área da atual Foz do Jordão), afluente do rio Iguaçu, onde segundo relatos do período, entraram em luta com os índios da região[13].

Com a fundação da Fortaleza Nossa Senhora do Carmo concretizou-se oficialmente a presença de ocupação não-indígena na região de Foz de Jordão. O local funcionava como um ponto de referência aos colonizadores nessa região do rio Iguaçu, segundo relato de moradores, era local de passagem, onde os viajantes pernoitavam. Ali começou a nascer o povoado de Segredo - atual Foz do Jordão.

Outros marcos importantes para compreender a ocupação e expansão territorial e populacional deste período são: a expulsão dos povos indígenas (Kaingangs e Guaranis) de suas terras da região de Guarapuava e a introdução de condenados a degredo no interior do território paranaense.

Nesse aspecto, Fábio Pontarolo em seu trabalho *Degredo Interno e Incorporação no Brasil Meridional: Trajetórias de Degredados em Guarapuava, século XIX* (2007) reconstitui as trajetórias de vida de degredados que foram remetidos para a povoação de Guarapuava, na capitania e depois província de São Paulo, durante o século XIX. Esse trabalho nos auxiliou no sentido de compreender o processo de incorporação dessas pessoas (enviadas para povoar o território) em meio aos demais colonos e aos indígenas Kaingangs e Guaranis que já residiam no local, e desta forma organizar uma cronologia de fatos que possibilitem a compreensão das peculiaridades da formação do território do município de Foz do Jordão. Compreendendo assim uma das possíveis introdução das pessoas não indígenas e não negras na região pesquisada.

> Este é um trabalho sobre a trajetória de vida de degredados remetidos para a povoação de Guarapuava, ao sul da então capitania de São Paulo, durante a primeira metade do XIX. Reflete também sobre a prática do degredo, mais especificamente sobre o degredo interno no Brasil Colônia e Império. Para definir especificamente o objeto de estudo, vale dizer que o degredo,

Candido-Xavier-e-Afonso-Botelho-para-os-Campos-de-Guarapuava-em_fig2_299284827. Acesso em: 09 de Junho de 2018.

[13] Fonte: FRANCO. 1943. Itinerário de Cândido Xavier e Afonso Botelho para os Campos de Guarapuava em 1771. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-4-Itinerarios-de-Candido-Xavier-e-Afonso-Botelho-para-os-Campos-de-Guarapuava-em_fig2_299284827. Acesso em: 09 de Junho de 2018.

> conforme conceituação utilizada por Maristela Toma (2002), consistia numa forma de expulsão penal prevista pela Justiça secular e eclesiástica da Coroa lusitana, onde o condenado era obrigado a sair do local onde cometera seu crime, sendo enviado para outro território pertencente ao reino, onde deveria permanecer por tempo determinado ou perpetuamente. No caso do degredo interno praticado no Brasil oitocentista, os degredados provinham de capitanias e depois províncias da própria colônia ou império. (PONTAROLO, 2007, p. 11).

A pesquisa evidencia também a união destes (degredados e fugitivos) com os habitantes locais (negros e indígenas) o que remonta a história oral dos relacionamentos de suas ancestrais narrada pelas benzedeiras.

Fabio Pontarolo (2007) nos indica ainda as possíveis entradas para a expansão populacional em direção ao território dos Campos do Corvo (conhecido posteriormente como Corvo Branco, província de Guarapuava e depois da emancipação município de Candói). Território do qual, os familiares e ancestrais das benzedeiras possuem vínculo, principalmente da região do rio Cavernoso, onde algumas atualmente ainda possuem familiares.

O território de Foz do Jordão era conhecido inicialmente por Segredo, pertencente a comarca de Guarapuava. Neste período alguns fatos que ocorreram foram fundamentais para que se pensasse posteriormente na criação do município.

José Carlos Vicente Ferreira, em seu *trabalho Municípios Paranaenses: Origens e Significados de seus Nomes* (2006) desenvolveu pesquisas referentes às possíveis origens dos nomes dos 399 municípios do Paraná onde encontramos a história sobre a região do Candói e de como sua região foi provavelmente habitada.

> Nomes indígenas, de negros, paulistas, mineiros, gaúchos, dos imigrantes de todas as partes do mundo. Nomes de vultos históricos conhecidos e alguns, nem tanto. Todos homenageados pelos municípios do Paraná. São todos os nomes que refletem, nesta obra, a nossa formação civilizatória, costumes, fauna e flora de todos os cantos paranaenses. (FERREIRA, 2006)

Em seu estudo explica que as terras onde hoje é o município de Candói eram inicialmente habitadas pelos indígenas votorões, um subgrupo da etnia Kaingang, que, segundo o autor habitavam a região compreendida entre os rios Cavernoso, Pinhão, Jordão e Iguaçu.

Segundo Vicente Ferreira (2006) o indígena conhecido como Candoy, enfermou-se e foi batizado pelo Padre Chagas, no dia 13 de agosto de 1812, passando então a ser chamado de Hipólito. Segundo os relatos do período os terrenos de Candoy foram concedidos pelo Governo ao tenente Manuel Elias de Araujo. Elias Manoel de Araujo (como também era conhecido) casou-se com Clara Madalena dos

Santos (em 12 de janeiro de 1783). O casal foi morar na Fazenda do Pugas, em Palmeira, de 1825 a 1832. O hino do município de Candói também resgata peculiaridades deste momento histórico.

No mapa dos Campos de Guarapuava organizado pelo Padre Chagas em 1832 estruturado com a divisão das propriedades e seus respectivos donos, não se encontra nenhuma em nome de Manuel Elias de Araújo, sendo que, no lugar onde está atualmente o município de Candói está escrito, Campo Real e Campo do Norte.

Como o casal não tinha filhos, o padre Ponciano herdou a fazenda de Candoy. Apesar de ser padre, Ponciano tinha filhos, que reconheceu, no dia 4 de outubro de 1855, Pedro Alexandre Penna, João de Abreu e Araújo e Cândido José de Almeida cadastraram, no lugar denominado Candoy, obtido por herança do padre Ponciano, uma sesmaria de campos, de criar e logradouros de lavrar, medindo duas léguas de comprimento e quarto de fundo, delimitada ao sul pelo rio Jordão, ao norte pelo rio Cavernoso, a leste pelo ribeirão denominado Candói e a oeste por diversos, entre os quais o Rio Jordão e o Arroio Corvo Branco.

Em 21 de dezembro de 1892, foi criado o Distrito Policial de Candoy. No dia 5 de abril de 1913, através da Lei 1.316, foi criado o Distrito Administrativo. Em 30 de dezembro de 1948, através da Lei 199, foi alterada a grafia de Candoy para Candói.

Desta forma, as narrações de vivências das benzedeiras juntamente com as pesquisas de Fabio Pontarolo (2007) e José Carlos Vicente Ferreira (2006) nos possibilitaram desenvolver essa linha cronológica historiográfica de eventos de migração e ocupação territorial que culminam na localização territorial e familiar atual destas mulheres.

Conhecer a historiografia territorial é fundamental no sentido de compreender a importância que a ancestralidade tem para as benzedeiras, nos possibilita analisar os traços educacionais e culturais a partir da perspectiva dessa comunidade, além de reconhecer e valorizar as trocas de experiências e vivências no decorrer da vida dessas mulheres.

Outros fatores históricos também são relevantes para a atual organização (territorial, social e familiar) dessas benzedeiras: A instalação da empresa Lucher S/A e posteriormente a construção da Hidrelétrica Usina Salto Segredo (atualmente Usina Hidrelétrica Governador Ney Aminthas de Barros Braga). Esses dois momentos desencadearam um processo de migração de diferentes pessoas em busca de

trabalho para a região, depois das obras finalizadas a maioria dos trabalhadores permaneceram no território.

A instalação da empresa Lucher S/A no território é uma história envolta de misticismos e faz parte da história oral e cultural do município. Segundo os relatos das benzedeiras, entre elas, Dona Chica, Dona Bina, Sr Dorico, Zé Bode e Pedro, existia um morador por nome de Sinval Martins de Araújo, este era proprietário da fazenda onde posteriormente seria construído a fábrica.

Os relatos apontam que havia em suas terras uma vasta área pantanosa, que quando o gado passava por este local, suas patas ficavam moles, e com o tempo esses animais perdiam o casco. Conta-se também que o proprietário dessas terras, contraiu uma doença no ouvido, provavelmente um câncer, cujo tratamento só poderia ser feito nos Estados Unidos. Chegando lá, os médicos puderam constatar que o causador desta doença era um elemento químico: o urânio. Tendo conhecimento disso, após alguns anos, os norte-americanos vieram analisar o território, descobriram que o local cercado pelo fazendeiro seria uma mina de urânio.

Posteriormente a esses fatos, a Companhia norte-americana Lutcher S/A (sendo F. Lutcher Brown o presidente e acionista majoritário no período), obteve a concessão para explorar o potencial hidráulico do local (hoje conhecido por Seis Casas - Bairro Jardim Floresta) denominado no período de PCH Barra.

A empresa Lucher S/A começou a desbravar o local para a instalação da fábrica de pasta de celulose, a construção da usina hidrelétrica para gerar a energia consumida na fábrica, um aeroporto e ainda uma grande área residencial para os funcionários, tudo isso a alguns metros do Rio Jordão.

A Lutcher S/A começou a operar em agosto de 1963, sua primeira remessa de celulose embarcou em via férrea em 03 de agosto de 1963, (está chegou a Guarapuava por via rodoviária seguindo para São Paulo pelo vagão de nº 9089 da R.F. F. consignada a CIA Indústria Paulista de Papel e Papelão S/A onde embarcou 30.000 quilos de celulose) transformando-se em um grande marco impulsionador do desenvolvimento da região. Exportava celulose (de fibra longa e branca, que somente a Lutcher produzia em toda América Latina) para o exterior, (Argentina, Uruguai e Inglaterra) fato que evidencia a potencialidade de desenvolvimento econômico e social para a região.

Após a finalização das construções a vila residencial abrigava então 1.200 operários, e a Vila de Segredo (atual perímetro urbano de Foz do Jordão) em função

desta atividade, chegou a atingir o número de 3.500 pessoas. Em dezembro de 1965 a empresa, Lutcher S/A, decretou falência, causando um forte impacto na economia local.

Muitas das benzedeiras que já viviam aqui nesta época, como a exemplo a família de Dona Chica, Dona Bina e Dona Ana, dizem que a falência ocorreu devido ao fato de que a Lutcher S/A vinha extraindo clandestinamente o que denominavam de "água pesada" (urânio) de suas terras.

Muitas lendas giram em torno da fábrica, segundo a benzedeira do Bairro Vila Nova de 78 anos existe muitas histórias, uma inclusive envolvendo Frederic Lutcher Brown, o proprietário da companhia, este teria deixado um caixão com um tesouro afundado em baixo das águas do Rio Jordão, na altura em que o rio se encontra com o Iguaçu e forma uma cachoeira, esse fenômeno da natureza foi o motivador principal para criar o nome do município, sendo hoje um dos principais pontos turísticos do município.

Outro benzedor de 86 anos do Bairro Daniel Lerias, diz haver um elevador subterrâneo na fábrica de celulose: “esse elevador que levava até uma mina secreta a metros e metros abaixo da terra, e de onde saía o urânio ou a misteriosa água pesada”, a qual seria explorada ilegalmente pelos norte-americanos.

> Na vida da minha família a Lutcher não é esquecida, não lembro quando chegamos na região, pois eu era muito pequena. Viemos morar no Segredo e somente ouvíamos falar dos acontecimentos que ocorriam na indústria. Meu pai trabalhava na terra e eu e meus irmãos ajudávamos. Minha mãe era benzedeira, cuidava dos afazeres da casa e dos horários de todos, pois nem relógio tinha naquela época, aqui (em Foz do Jordão área urbana) não tinha nem luz, a vida era bem diferente. Lembranças ficaram na minha memória, como os barulhos ensurdecedores do ronco dos aviões a gente via no céu e ficava impressionada. Lembrança de meus irmãos caçando passarinho, minha mãe fazendo sabão no tacho e pão no forno de barro. (JOANA, 2017)

A Lucher S/A foi segundo o benzedor do Bairro do Centro “um sonho para a época pela sua dimensão, faliu por que não conseguiu o favorecimento do Banco internacional, dizem que de uma hora pra outra o Banco cancelou todas as mordomias financeiras da empresa”. Atualmente o patrimônio pertence ao Grupo Trombini, mas a falta de informação dos funcionários por parte da empresa e as especulações que surgiram posteriormente sobre a falência enriqueceram o imaginário local produzindo as mais variáveis hipóteses da real consequência que levou a fabrica a fechar suas portas e abandonar no local veículos, casas e toda a estrutura recém construídas.

A falência da empresa deixou muitos desempregados, a maioria das famílias permaneceram no local, outras migraram para a região de Pinhão, Reserva do Iguaçu, Candói, Guarapuava e Mangueirinha. Entretanto, com o início dos trabalhos para a realização da hidrelétrica no ano de 1977 surgiram novas possibilidades de trabalho, não somente para os moradores do local como novamente iniciou-se a entrada de pessoas de outras localidades. Segundo a benzedeira do Bairro Vila Nova de 66 anos no início não teve tanto desenvolvimento na área onde hoje é o município.

> Tinha apenas os moradores que já viviam aqui a um bom tempo, as casas eram longes uma das outras, não tinha comercio aqui, somente lá na Lucher. A gente vivia do que criava e plantava, vez ou outra o pai ia a Guarapuava comprar as coisas mais necessárias, como tecido para fazer nossas roupas, que a gente conhecia por “volta ao mundo”. Além de um medicamento ou outro que era muito preciso caso as benzedeiras não dessem conta. Com a vinda da usina, começaram vir mais pessoas, fizeram o asfalto que hoje é nossa avenida, ali se instalaram bares de mulheres e uma mercearia. Os trabalhadores da usina moravam na COPEL (Via Residencial, atual distrito do município de Reserva do Iguaçu), também tinha funcionários da COPEL vivendo ali na Luther, que tinha desde mercado, igreja até cinema na época. Mas a gente não podia ir lá antes, como ainda não pode ir agora, mas foi mesmo depois do fim da construção da barragem que o lugar evoluiu. Veio a igreja pra cá e a escola também. (DONA ANA, 2018)

A relação das benzedeiras com a comunidade (Segredo) neste período foi narrada pelas mesmas como um “tempo de liberdade” (Dona Chica, 2017; Dona Bina, 2017). A comunidade dependia exclusivamente do ofício das benzedeiras para as questões da saúde e bem comum. Não havia médico, nem postos de atendimento, o hospital mais próximo ficava em Guarapuava a cem quilômetros. Os partos eram feitos em casa e todos os cuidados pré e pós-parto eram feitos pelas benzedeiras.

> Minha mãe sempre estava fora, dificilmente parava em casa, chega de um parto e logo levavam ela para atender outra mulher. As vezes ficava três dias, mas chegou a ficar quase um mês fora, dependia do tipo de parto, se era difícil ou não. Vinham buscar ela de todo jeito, ia no lombo do cavalo, no trator, andando um trecho onde não tinha estrada. Ela ensinava a fazer a canja para preparar a mulher pro parto, deixar forte e como fazer as sopas e chás depois do parto. Cuidava da mãe e da criança. Ensinava sobre os cuidados da quarentena que hoje chamam de dieta e do resguardo de sete dias, da mãe e principalmente da criança. Quando ela via que estava tudo bem vinha embora. Nunca, nunca mesmo ouvi alguém questionar se o que minha mãe fazia era certo ou errado, ela era a autoridade naquilo e quando falava todos paravam para ouvir e seguir as orientações dela. Começou a ficar ruim tempos depois quando as pessoas começaram ouvir nas igrejas que tinha que ir no doutor e que não podia acreditar em benzimentos. (DONA BINA, 2017)

Para as benzedeiras, a principal responsável pela educação das crianças são as mães, avós, tias, estas eram responsáveis por auxiliar na formação da criança

enquanto ser humano. O pai, para elas, é uma figura importante mas sem a mãe a criança não aprende sobre o autocuidado e o cuidado com o outro. Dentro dessa formação de aprendizagens voltadas para o autocuidado e o cuidado com o outro evidenciamos outro aspecto da formação da benzedeira e do seu ofício: o respeito com a biodiversidade local. Segundo a benzedeira do Bairro das Nações de 72 anos:

> A escola cumpre com um papel importante na vida da criança, claro que é importante saber ler e escrever, mas se perdeu no caminho a educação e relação entre as crianças com seus pais e seus avós. Na nossa época a gente aprendia vendo os pais fazerem, principalmente a mãe, sempre estávamos na barra da saia dela, ouvindo, prestando atenção e aprendendo (como minha mãe dizia: aprendendo a ser gente). Porque a generosidade e o respeito pelo outro não estão só na fala, de você corrigir a criança, mas de mostrar na prática, no dia a dia. Acredito que por isso que mesmo tendo escola, médico, a ciência né, as mães ainda nos procuram, porque o que ensinamos não está no papel.

Transcrever memorias é uma tarefa difícil para qualquer pesquisador, mesmo tentando ao máximo ser fiel ao que nos foi dito, ainda assim, não conseguimos evidenciar na escrita, os sentimentos, as emoções e todo o contexto pelo qual aquelas palavras nos foram ditas.

Através das narrativas evidenciamos que as famílias de algumas benzedeiras já estão na região para além do que a própria memória consegue narrar, como diz Dona Chica (2017) “Desde antes chegar a luz, a água encanada e as estradas, muito antes disso, quando tudo ainda era mato e carreiro, minha família já estava aqui”.

Lembramos ainda que em todos os períodos narrados as famílias das benzedeiras já prestavam seus serviços à comunidade. E que por um longo período foram o único socorro para as dores, sofrimentos e aflições da saúde dessa comunidade, não existindo atendimento médico no local.

> O socorro mais próximo se não fosse as parteira e benzedeira era a mais de cem quilômetros daqui, em Guarapuava. Hoje parece fácil quando eu digo isso, mas pra quem dependia de carroça ou ir a cavalo isso seria o mesmo que encaminhar a pessoa para morte. Muito tempo depois, abriu um hospital no Pinhão, mas era a mesma coisa, mais de sessenta quilômetros em estrada de chão. Eu já ouvi muita história de mulheres que perderam os filhos dentro do hospital, mas eu tenho mais de sessenta anos e nunca ouvi história da minha mãe de ter perdido a mãe ou a criança no parto. Se ela fazia isso cuidar das outras doenças era tarefa fácil. (DONA BINA, 2017)

Os serviços prestados por essas mulheres e suas famílias foram o propulsor para a continuidade e efetivação do território do município e das redondezas, sem as parteiras, erveiras, raizeiras e benzedeiras a comunidade poderia ter se extinguido.

Foram seus saberes tradicionais, seus conhecimentos e suas práticas que fizeram com que a comunidade sobrevivesse e resistisse ao tempo.

1. 1 METODOLOGIA SOBRE O DOM - DÁDIVA, CARE E RECIPROCIDADE

Como transmissoras de conhecimentos referentes a saúde, em sua prática através de rezas, conselhos e orações, as benzedeiras desenvolvem diversas relações envoltas no ofício. A metodologia utilizada para compreender os conceitos da dádiva, da *care* e da reciprocidade nas vivências das benzedeiras e na propagação e transmissão do ofício foram: *Sociologia e Antropologia (2003*), de Marcel Mauss, referente a dádiva e as trocas.

Lévi-Strauss (1982) em *As Estruturas Elementares do Parentesco,* analisa a dádiva e a contradádiva dentro das relações humanas, formando assim posteriormente o conceito de reciprocidade. O conceito de dádiva por si só ou da contradádiva, não nos possibilitava analisar todas as relações presentes no ofício e vivência das benzedeiras, antes nos limitava apenas a uma análise no meio familiar.

A verdadeira dádiva segundo Mauss (2003) “é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente”, a espontaneidade da dádiva é a realização de uma longa aprendizagem voluntária.

Refletir sobre a dádiva, é, sobretudo, uma tentativa de compreender o que é uma obrigação moral ou social, sendo a relação com a obrigação o centro, o núcleo da dádiva. Entretanto é quase impossível de se observar a dádiva diretamente, em seu próprio movimento, pois se a percebe enrijecida, petrificada ou paralisada, sobre a forma de regra social, convencional, legal, racional ou tradicional.

Todavia, a dádiva pode gerar no sujeito diversos comportamentos, positivos ou negativos, entretanto um dos primeiros comportamentos frente a dádiva é o da negação. A negação da importância da dádiva pelo doador foi analisada por Mauss (2003), onde ele observa e nomeia esse comportamento como no*kula,* "dá-se como se não fosse nada”, assim, o doador dá mostras de uma modéstia exagerada mas compreensível, pois desta forma diminuem a obrigação de retribuir, tornando a retribuição incerta. Deixam o outro livre para dar, ao passo que se esse der, também será uma dádiva de verdade. Dando ao receptor a possibilidade de fazer uma verdadeira dádiva ao invés de apenas retribuir, como obrigação.

Nesse sentido as benzedeiras demonstram tal modéstia, raro as vezes que aceitam uma retribuição. Todavia as retribuições aceitas são feitas de forma a selar um pacto de amistosidade e carinho entre benzedeira e consulente, recebendo objetos, alimentos e presentes que simbolizem o agradecimento (reciprocidade) por parte das consulentes as benzedeiras. Outra forma encontrada neste grupo de retribuição por parte das consulentes é o convide para o compadrio com as benzedeiras, levam como madrinhas de seus filhos em batizados no Olho D'água de São João Maria (Foz do Jordão) e no Santuário de Nossa Senhora Aparecida do Passo da Reserva (Reserva do Iguaçu). Também batizam crianças de "tosse comprida" e quando solicitadas fazem batismos em casa antes dos sete dias da criança.

Não encontramos, nesse grupo, benzedeiras que aceitem receber financeiramente pelo ofício, ao contrário negam-se e a insistência por parte da consulente para a aceitação é vista com desagrado.

A dádiva deve vir por si mesma e dar-se a si mesma, não é o sujeito que dá, ele é levado pela dádiva, a segue. Sendo a dádiva uma experiência em que a distância entre fins e meios é abolida, pois não há mais fins e meios, sendo um ato que preenche o espaço de significação do sujeito, a dádiva é uma experiência de abandono a incondicionalidade, experiência de pertencer a uma comunidade, que ao invés de limitar a personalidade de seus sujeitos a expande.

Entretanto a experiência da dádiva como Mauss (2003) evidencia é vivida, dentro desse vinculo comunitário, somente pelas benzedeiras. Não há como esperar das consulentes a prática e compreensão total da dádiva, observamos que a dádiva enquanto aprendizagem é dividida no cotidiano, nas experiências diárias, nas vivências do ofício, sendo assim perceptível e compreendida tão somente para aqueles que fazem parte dessa relação. Sendo assim, a dádiva é familiar e as aprendizagens da dádiva só se aprende entre benzedeiras que criam benzedeiras para desenvolver o ofício, mesmo que o façam inconscientemente.

Na busca de um conceito que abrangesse todas as relações dentro da prática do ofício, encontramos em Eric Sabourin (2011), na teoria da reciprocidade, os

principais fundamentos para sulear[14] as relações das benzedeiras, sendo que a teoria da reciprocidade é constituída de quatro elementos (SABOURIN. 2011. p. 30-31).

O primeiro elemento envolve a definição do conceito no ponto de vista sócio antropológico: O princípio de que a reciprocidade não se limita a uma relação de dádiva/contradádiva entre pares ou grupos sociais simétricos. Segundo o autor esse impasse irá persistir enquanto a reciprocidade for interpretada a partir da lógica binária que convém a troca, o que não cabe dentro da relação das benzedeiras, seja na relação familiar, com as consulentes ou comunidade. A reciprocidade não é neste sentido uma categoria econômica, é diferente da troca mercantil, é um princípio oposto ao da troca econômica.

O segundo elemento da teoria é que: a reciprocidade pode assumir várias formas. Segundo o autor a antropologia consagrou apenas a reciprocidade das dádivas: oferendas, partilhas, prestações totais, *potlatch*, que constituem o que Temple e Chabal (1995) denominaram de forma positiva da reciprocidade, mas existe também a forma negativa de reciprocidade, a dos ciclos de vingança. Sendo assim, podemos constatar que o ofício pode ser utilizado tanto positivamente quanto negativamente, pois as relações sociais dependem do comprometimento, responsabilidade e afetividade presente nas relações.

O terceiro elemento da teoria diz que: as relações de reciprocidade podem ser analisadas em termos de estruturas, no sentido antropológico do termo. Desta forma se distinguem de algumas teorias elementares, tais como as inicialmente propostas por Mauss (1931), Lévi-Strauss (1949), Scubla (1985), Temple (1998). As relações de reciprocidade que são estruturadas de forma simétrica são aquelas que geram valores afetivos e éticos como já havia identificado Aristóteles (1994).

O quarto elemento da teoria remete aos diferentes níveis do princípio de reciprocidade e aos modos que lhes são específicos. Existindo três planos ou níveis de reciprocidade: o real, o simbólico (a linguagem) e o imaginário (as representações). Os três planos estão presentes na prática do ofício das benzedeiras, sendo que cada plano depende, entre outros fatores: do envolvimento da benzedeira com cada consulente; das vivências individuais de cada benzedeira; das vivências das benzedeiras em cada grupo; e do envolvimento das benzedeiras com a comunidade

[14] ADAMS, T.(2008) Sulear (verbete). In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org). Dicionário Paulo Freire (p. 396–398). Belo Horizonte: Editora Autêntica. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n24/n24a16.pdf. Acesso em: 31 de outubro de 2018.

como um todo, desenvolvendo assim traços de aprendizagens que a partir destas relações se perpetuam na comunidade.

Sabourin (2008, p. 133) observa que para Mauss (2011) nas dádivas não existem trocas nem compras, a dádiva e a contradádiva pertencem a uma dialética social centralizadas no prestigio e na honra. Desta forma as dádivas voltam, são recíprocas, assim devem ser devolvidas ou retribuídas, entretanto a obrigação de retribuir parece desmentir a gratuidade das dádivas.

Para Mauss (2011) a estrutura de reciprocidade concreta então deveria ser ternária (formas de reciprocidade indiretas) ao invés de binária (formas de reciprocidade diretas), sendo uma estrutura de reciprocidade simétrica, a inclusão desse terceiro sujeito indicaria então a gratuidade da dádiva, pois nem sempre quem dá será quem receberá a dádiva de volta.

Sabourin (2008, p. 133) salienta ainda que Mauss (2011) percebeu a preeminência da obrigação de retribuir (devolver), mas não tirou dessa observação o princípio de reciprocidade, reuniu as principais características para a teoria da reciprocidade: a dádiva, a obrigação em retribuir, o prestígio e a presença do terceiro, entretanto não a efetivou.

Alain Caillé (2014, p. 46) aponta que, mesmo não denominado por Mauss como tal, o ciclo do dar-receber-retribuir, forma o ciclo simbólico, aquele que une, entretanto há nas relações o ciclo oposto, que constitui a outra face do ciclo simbólico, o ciclo diabólico (aquele que separa) do tomar-recusar-manter, que faz parte da estrutura da dádiva para formar a teoria da reciprocidade consistindo em uma dialética permanente.

Lévi Strauss no prefácio da obra *Sociologia e Antropologia* (2003) crítica Mauss por não ter utilizado a troca como centro da função simbólica da reciprocidade, para Strauss (1982) a troca é uma totalidade e busca na realidade subjacente, não atingindo apenas os vínculos afetivos e familiares.

Contudo, as benzedeiras possuem em suas aprendizagens as duas formas de trocas, a dádiva e a reciprocidade, entretanto é no conceito de reciprocidade que encontramos embasamento para analisar todas as relações presentes no ofício das benzedeiras e na transmissão destas aprendizagens, seja no meio familiar ou na comunidade.

Mauss (2011) deixa evidente que a dádiva é o oposto da troca mercantil, entretanto procura nela a origem da troca (ou do intercâmbio). Em seus estudos

mostra a essência da reciprocidade, com o caráter universal da tríplice obrigação de dar-receber-retribuir, mas não chega a teorizar sobre o conceito da reciprocidade, trabalho realizado mais tarde por seus seguidores, entre eles Lévi-Strauss, na França, onde existe um agrupamento em torno da *Revue du MAUSS* (Mouvement Anti-Utilitariste des Sciences Sociales), dirigido por Alain Caillé.

Para Alain Caillé (2014) e Saubourin (2008, p. 133) as principais críticas que a obra de Mauss sofreu por seus seguidores neste sentido, é o fato de ter observado apenas a reciprocidade das dádivas, ou seja, a reciprocidade positiva, o que desta forma não o conduziu a uma teoria da reciprocidade.

1. 2 RECIPROCIDADE – PRÁTICAS COMUNITÁRIAS

Logo, após o levantamento teórico e análise do conceito da dádiva em Mauss (2011), elencamos a reciprocidade observada através dos autores Eric Sabourin em seus dois estudos: *Teoria da Reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento* (2011) e *Marcel Mauss: Da Dádiva a questão da Reciprocidade* (2008) e o estudo de Alain Caillé, em *Dádiva, Care e Saúde* (2014). Estes estudos analisam a dádiva desde sua formação, perpassam a ideia de troca como algo imaterial (que é fundamento de toda sociabilidade e comunicação humana), até chegarem a ideia de reciprocidade binária e ternária, e a reciprocidade positiva e negativa. Englobando desta maneira todas as possibilidades de relações envoltas no ofício das benzedeiras e nas aprendizagens.

> O sentimento do sujeito pode ser capturado no imaginário, do prestigio, ou no da vingança, assim pode gerar formas de reciprocidade positivas, negativas e simétricas, onde as estruturas, níveis e formas, se articulam para formar sistemas de reciprocidade. Contudo sem a estrutura de reciprocidade ternária não haveria a responsabilidade do sujeito em relação ao bem comum, ao meio-ambiente ou perante as futuras gerações (SABOURIN, 2011, p. 33).

As relações que se fundam em tais estruturas de reciprocidade geram valores materiais ou instrumentais imateriais (conhecimentos, informações, saberes), produzem também valores afetivos (proximidade, amizade), e valores éticos (confiança, equidade, justiça, responsabilidade). A distinção das estruturas elementares de reciprocidade, a partir da noção do terceiro, que geram sentimentos de si mesmo ou sentimentos compartilhados, dão lugar a produção de valores éticos ou espirituais, constituindo o principal aporte inovador da teoria da reciprocidade.

Saubourin (2011) relata que Temple (1998) chegou a sistematizar as estruturas elementares de reciprocidade, identificando os valores humanos que elas ajudam a produzir ou a reproduzir, distinguindo as estruturas de reciprocidade binária e estruturas de reciprocidade ternária.

As estruturas ternárias, envolvem pelo menos três partes. A reciprocidade ternária pode ser unilateral, sendo o caso da transmissão entre gerações, transmissão de saberes (educação, iniciação, aprendizagem) ou de patrimônio (heranças, dotes de animais, terras ou enxoval), essa relação se produzida entre pais e filhos, o valor produzido será o da responsabilidade (SABOURIN, 2011, p. 35).

A lógica da reciprocidade impõe um meio termo justo, aquele de não dar demais, para permitir ao outro poder retribuir sem perder o prestígio, sendo a reciprocidade simétrica (ou equilibrada) a responsável por gerar valores éticos, que podem ser produzidos também por meio de relações de reciprocidade desigual, um exemplo é o tipo de relação que se desenvolveu historicamente na América Latina, entre colonos e indígenas, senhores e escravizados, patrões e peões, proprietários e meeiros ou moradores.

Deve-se evitar a idealização das práticas e sistemas de reciprocidade, pois, assim como a troca capitalista, eles conhecem alienações perigosas (SABOURIN, 2011, p. 44), entretanto, essas alienações são de natureza diferente daquela da economia de troca (a exploração capitalista). Deve-se compreender os perigos ligados a centralização da redistribuição ou a assimetria da reciprocidade (dádiva agonística, paternalismo, clientelismo, etc.), pois estes sistemas ganhariam ao serem analisados a partir da perspectiva da teoria da reciprocidade (SABOURIN, 2011, p. 45).

Alvin Gouldner em um artigo, escrito em 1960, *The Norm of Reciprocity*, estabelecia a universalidade da norma de dádiva/contradádiva, pois sempre, e em todo lugar, a dádiva requer a contradádiva, o que não seria diferente nas relações presentes no ofício das benzedeiras e de seu cotidiano, entretanto a norma que prevalece nesses casos é aquela que Gouldner chama de benevolência (*benevolence)* e vulnerabilidade. Alguém precisa ser benevolente, preocupar-se conosco "*Somebody must care"* (CAILLÉ, Alain. 2014, p. 49). Surgindo assim a possibilidade da transição de uma teoria de reciprocidade para uma teoria da *Care*[15]*.*

[15] Essa palavra quase sempre aparece em inglês, não apenas porque os principais teóricos – na maioria, teóricas – são americanas(os), mas também porque é difícil encontrar um equivalente nas outras línguas. Acredito que, no português brasileiro, a palavra *cuidado* seja a mais empregada.

Portanto, a *care* enquanto conceito (para nosso estudo) abrange as questões direcionadas a área da saúde, do cuidado com o outro e de autocuidado, seja nas relações do ofício das benzedeiras ou nas relações de aprendizagens familiar e comunitárias.

Eric Sabourin (2008; 2011) e Alain Caillé (2014), nos auxiliaram a observar, analisar, evidenciar, desenvolver e explicar os traços de aprendizagens dentro do ofício das benzedeiras e de sua relação com sua família, consulentes e comunidade.

Logo, as relações de aprendizagens dentro do ofício do benzimento estão permeadas pela generosidade e pela reciprocidade. As aprendizagens matricentrais se desenvolveram e perpetuaram na comunidade (através do tempo) pela relação de generosidade presentes na formação das benzedeiras e nas relações de reciprocidade entre elas e a comunidade, nos possibilitando evidenciar e analisar as constelações de aprendizagens.

1. 3 CARE: O OFÍCIO E A GENEROSIDADE NAS RELAÇÕES

O município de Foz do Jordão possui atualmente aproximadamente cerca de cinco mil habitantes (BRASIL. IBGE. 2010), desde a inauguração do centro de saúde local “Joaquim Vieira da Silva”[16], a população conta com atendimento médico especializado, entretanto a comunidade continuou tradicionalmente a procurar outros meios de sanar suas doenças, entre eles os líderes de instituições religiosas e as benzedeiras, nosso foco aqui foi analisar e compreender o fato de que mesmo frente a medicina convencional os moradores do município não dispensaram os cuidados, orientações, simpatias e rezas de cura das benzedeiras.

Para compreender o elo que existe entre comunidade, doenças e benzedeiras requer que voltemos nosso olhar para a *care*, como cita Alain Caillé (2014, p. 43), em seu artigo, Dádiva, Care e Saúde, “é evidente que não se pode curar alguém apenas com ciência e técnica”.

Compreender que os traços históricos narrados nas vivências das benzedeiras e de seus familiares fazem parte dos processos educacionais pelos quais essa comunidade passou, nos possibilita observar e analisar os fatores primordiais

[16] Inaugurado em 20 de dezembro de 2001. O nome foi dado em homenagem ao primeiro comerciante do município de Foz do Jordão, Sr. Joaquim Vieira da Silva.

que formaram e formam sua cultura, seu modo de ver o mundo e a forma como se relacionam uns com os outros.

Analisar a vivência comunitária dessas mulheres e as diversas relações que a permeiam, nos possibilita tornar visível esses processos de aprendizagem, traços culturais que se mantem vivo nessas relações, seja consciente ou inconscientemente por aqueles que os vivenciaram.

Carregam da ancestralidade os ensinamentos e passam esse conhecimento a diante, como forma de (sobre)viver cada período, cada geração, buscando sanar suas necessidades, entre elas as que são fundamentais para a sobrevivência e perpetuação do grupo, como aprendizagens voltadas a saúde e ao bem estar da comunidade.

Logo, voltamos nosso olhar para o ofício de benzer, para as mulheres de descendência negra e indígena que residem no município de Foz do Jordão, propomos analisar como esse ofício perpassou o tempo, resistiu as barreiras institucionais e ainda resiste as situações de segregação socioespacial, invisibilidade e perseguição e/ou negação institucional.

As benzedeiras foram identificadas através de um mapeamento urbano, onde subdividimos a busca por regiões (bairros, vilas, ruas, etc.), os dados sobre a localização das benzedeiras foram levantados conforme nos era indicado a residência por moradores e consulentes. Assim que evidenciada a veracidade das informações prestadas, perante a confirmação da pessoa de que quem residia no local indicado realmente se tratava de uma benzedeira ou benzedor, com permissão da mesma introduzíamos a benzedeira/benzedor no mapa.

Após o mapeamento urbano das pessoas que desenvolviam o ofício de benzer, retornamos a casa de cada uma delas. Foram desenvolvidas simultaneamente entrevistas semiestruturadas e questionários e posteriormente, onde nos foi permitido, retornamos para outras entrevistas.

Os dados levantados nos possibilitaram ampliar o conhecimento e domínio sobre o ofício das benzedeiras possibilitando progredir na pesquisa, no sentido de interligar a análise destes dados com o referencial teórico proposto para a análise e desenvolvimento da pesquisa.

As entrevistas foram um momento de muita escuta, passamos a fazer parte do cotidiano dessas famílias, conhecemos suas casas, seus canteiros e algumas

consulentes, desta forma pudemos observar na prática as trocas presentes nas relações entre benzedeiras e benzidos.

Pontuamos após as entrevistas alguns aspectos primordiais, que nos possibilitou estruturar as dinâmicas de aprendizagens presentes nos processos educacionais do ofício das benzedeiras para análise na pesquisa:

1. A casa das benzedeiras é também o ambiente do ofício e ele ocorre em conformidade com as outras práticas cotidianas;
2. Há um espaço reservado na casa de cada uma delas para a prática do benzimento, ao qual dão a denominação de altar;
3. Há uma ligação direta das relações das benzedeiras com o olho d'água local de São João Maria, local onde realizam batizados, buscam água para os benzimentos, para as simpatias e rituais de limpeza de casa e de corpo. Há também uma ligação espiritual com a santa negra católica Nossa Senhora Aparecida.
4. A uma hierarquia nas relações entre as benzedeiras, respeitando-se a idade e conhecimento especifico para determinados males;
5. Existe entre elas o que denominamos de "rede de cuidados", ou seja, existem relações de compadrio e cuidados umas com as outras, entretanto existem benzedeiras que não fazem parte dessa rede, o que não interfere na legitimidade individual e coletiva enquanto benzedeira. Dessa maneira, mesmo não fazendo parte da rede de compadrio, não conhecendo as benzedeiras que fazem parte dela, não participando de troca de ervas ou consulentes, não existe a possibilidade da interferência na autoridade repassada a outra mulher/homem em ser benzedeira/benzedor. Ao contrário todas as benzedeiras possuem legitimidade para criar outros grupos, a partir de si e de seus conhecimentos, seja no meio familiar ou com consulentes;
6. Todas possuem conhecimentos de ervas, chás e simpatias, entretanto as garrafadas são conhecimentos específicos de aprendizagem ancestral e depende do grupo familiar ao qual a benzedeira faz parte;
7. As simpatias compõem uma visão de mundo compartilhado, é um dos meios pelos quais se propagam as aprendizagens. Instituindo assim normas, regras especificas, demonstrando as hierarquias nas relações rompendo com as fronteiras do tempo e religiosas no que tange a

transmissão do conhecimento no meio familiar e preestabelecendo fronteiras de saber entre benzedeiras e consulentes;

8. Atendem todos os tipos de enfermidades, entretanto são procuradas (na maioria dos casos observados) para enfermidades relativas a infância ou período gestacional;
9. Aprenderam o ofício com outra mulher (mãe, avó, tia, etc.) estas pertencentes ao mesmo núcleo familiar, sendo que em nenhum dos casos analisados o aprendizado foi repassado por alguém que não tivesse vinculo familiar ou afetivo (compadrio). O aprendizado da benzedeira é um processo longo, apreendido no decorrer da sua vida e desde a infância, é algo que faz parte do cotidiano, desta forma a transmissão do dom para alguém que não faça parte da vivência e do cotidiano não é possível, pois não conseguirá compreender todo o processo pelo qual se constitui uma benzedeira. Vai além de orações e ervas é um universo de aprendizagens e relações diferentes do padrão eurocêntrico estabelecido na nossa sociedade.
10. Os benzedores homens também aprenderam o ofício com uma mulher, entretanto não se tem relato (neste grupo) de transmitirem o conhecimento, de modo que formem outros benzedores na família, o que é prática comum entre as mulheres;
11. O domínio sobre ervas e chás pode ser ensinado, entretanto o ofício de benzer é um ato relacionado ao dom, a dádiva, logo a fronteira entre os saberes fica preestabelecida dentro da relação entre a benzedeira e suas consulentes;
12. As benzedeiras não cobram por seus atendimentos e não negam atendimento.

Os dados coletados no decorrer das entrevistas (questionários, registros escritos) possibilitaram desenvolver uma análise processual dos fatos narrados, para então evidenciar, analisar e compreender: quais são os traços de aprendizagens, sejam elas matricentrais ou ancestrais, presentes no ofício das benzedeiras. Analisamos como estas aprendizagens são transmitidas pelo conhecimento das ervas e prática do dom, as suas famílias, consulentes e como se perpetuam no cotidiano da comunidade.

Presenciamos a rotina de cada uma, da sua casa, de seu canteiro e da horta. Os dados levantados sobre o cotidiano das benzedeiras do município de Foz do Jordão (análise de dados individuais e coletivos) evidenciaram o papel central das mulheres, sendo elas centro da estrutura e organização familiar e o meio pelo qual o processo de aprendizagem ocorre e se dissemina no cotidiano. Desde a recepção ao momento da despedida coordenavam as atividades da casa, a rotina e seus afazeres. Igualmente, delas dependiam as ordens para o início do almoço, dos temperos a serem pegos na horta, entre outras funções que iam delegando ou desempenhando.

CAPÍTULO II

2 RELATOS DE VIVÊNCIAS: QUEM APRENDE AO SEU TURNO ENSINA

Os dados referentes as benzedeiras que participaram deste levantamento foram desenvolvidas na pesquisa através da sua localização no mapa do município[17] (bairro), entretanto para assegurar a confidencialidade dos dados pessoais serão nominadas pelo bairro onde residem da seguinte forma: Benzedeira(s) Vila Nova; Benzedeira(s) Bairro das Nações; Benzedeira(s) Bairro Planalto; Benzedeira(s) Bairro Segredo; Benzedeira(s) Bairro Daniel Lerias; Benzedeira(s) Vila Izabel e referenciadas (quando necessário) através de nomes fictícios. Com relação as entrevistas, foram desenvolvidas de forma semiestruturadas, com roteiros pré-estipulados mas que, conforme o desenrolar das entrevistas quando necessário eram adaptados.

Vinte e nove pessoas foram encontradas desenvolvendo o ofício de benzer, destas vinte e cinco são mulheres e quatro são homens, ou seja, cerca de 86,2% das benzedeiras urbanas do município são mulheres.

- Bairro Vila Nova: 15 (13 mulheres e 2 homens);
- Bairro Segredo: 7 (6 mulheres e 1 homem);
- Bairro das Nações: 4 mulheres;
- Bairro Daniel Lerias: 2 (1 mulher e 1 homem);
- Bairro Planalto: 1 mulher.

As descrições elencadas a seguir foram retiradas do acervo de informações criado a partir das entrevistas, questionários e audiovisuais recolhidos no decorrer do período de março do ano de 2017 a março do ano de 2018. Os recortes foram feitos para interpretarmos os processos educacionais presentes nas dinâmicas do ofício dentro da rotina do lar das benzedeiras e das práticas educacionais que estas perpassam as suas consulentes. Logo, os diálogos a seguir trazem aspectos em comum como: histórico familiar; rotina da casa; aspectos religiosos; principais ervas que fazem parte do benzimento e da rotina do lar, estes posteriormente serão elencados de forma a descrever as aprendizagens

[17] Anexo 3 – Mapa do município de Foz do Jordão/Paraná. Folha única. Desenhista: CARLOS, AHS. 2018.

1. **Bairro Vila Nova:**

Dona Bina – 3ª Geração de Benzedeiras - Com 66 anos de idade, mãe de quatro filhos (duas mulheres e dois homens) aprendeu o ofício com a mãe, que foi parteira e benzedeira por mais de cinquenta anos:

> Minha mãe cuidava de todo mundo, não importava de onde viesse, as vezes chegava ficar um mês fora para acompanhar as mulheres na hora do parto. A mulher começava sentir as dores, vinham buscar minha mãe. Ela cuidava da gestante, fazia as simpatias para a criança nascer bem, massagens, preparava as galinhas pra canja da dieta e ficava lá, até a criança nascer. Eu não gostava muito porque tinha que tomar conta da casa, já que meus irmãos e o pai iam pra roça e porque ficava muito tempo longe da mãe. Depois que minha mãe faleceu as pessoas continuaram procurando por ela, não podia deixar essas pessoas desamparadas (as vezes vinham de muito longe), foi ai que eu entendi quando minha mãe dizia que: “tem que se preparar pra essa vida”, e ela me preparou, me ensinou desde pequena tudo, a rezar, a fazer as simpatias (para casa, para as pessoas), os chás, tudo, mas eu não quis continuar o trabalho de parteira, não me senti preparada pra isso.

Diz ter ensinado o que aprendeu aos filhos, mas que ainda não sentem a vontade de benzer, segundo ela é assim mesmo: “um dia a gente acorda e sabe que está preparado, que é a hora da gente fazer e faz”. Tem uma horta grande com: mandioca, salada e legumes. No canteiro na frente de casa estão as ervas: alecrim, hortelã, erva doce, poejo, juntamente com os temperos, manjerona, salsinha e cebolinha. O pé de arruda está logo na entrada, no portão, e tem outro em um vazo perto da porta: “O do portão protege a casa e os moradores, o da porta não deixa o mau entrar e eu uso para benzer e afastar o mau das pessoas”.

Benze de Cobreiro; Ar (de água, do sol, de vento); Recaída (após parto); Bichas; faz diversas simpatias e chás para todo tipo de mau do corpo e do espirito.

Ana (nome fictício), 78 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Dona Ana nos recebeu com muito agrado, já havia ouvido falar de nosso trabalho através das amigas do grupo da terceira idade. Com uma cuia de chimarrão a mão e chaleira no fogão a lenha nos convida a “sentar mais perto do fogo”, pois como estava chovendo seria bom se aquecer um pouco. Ao mostrar o questionário ela logo pede que a neta venha a cozinha: “lê para a vô ai, que eu não consigo ler direito”, descreve que aprendeu a ler com o tempo: “um pouco aprendi com minha mãe outro tanto com a vida”. Viúva, aposentada por trabalhar na lavoura, diz viver bem com o que recebe e ainda ajuda a neta com roupas e “coisas pro estudo”, teve duas filhas mulheres, mas estas não desenvolvem o ofício, “estou tentando ensinar a pequena (neta) a benzer, quero que

alguém continue os benzimento, mas não é fácil nos dias de hoje. Quando ela está comigo e ajuda nos afazeres da casa e dos benzimento, mas na casa da mãe é só na televisão". Aprendeu o ofício com sua mãe e tias, que foram ensinadas pela sua avó, "antigamente todo mundo sabia benzer de alguma coisa, era preciso já que não tinha outro recurso". Ao lado da casa tem uma pequena horta, com uma mistura de ervas, saladas e arvoredos, na frente da casa muitas flores, um pé de arruda "para afastar o mau olhado e proteger a casa", além de servir como instrumento no benzimento: "uso três galinhos de arruda para benzer, mas caso não tenha pode ser qualquer galhinho de erva". Atende toda e qualquer pessoa que a procure, mas relata que a maioria de suas consulentes são mulheres em busca de remédio para males do corpo, e mães com crianças com bichas e susto.

Maria (nome fictício), 63 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Dona Maria nos recebeu em sua casa somente depois da visita da Agente Comunitária do Bairro, muito assustada e desconfiada repetiu algumas vezes no decorrer da entrevista, "por que querem saber da gente?". Depois de um determinado tempo, cremos que por confiar em nosso trabalho, relatou ser muito perseguida pelas irmãs da igreja, e ser incentivada a parar com o benzimento (sem inclusive a utilização de ervas e chás) e que passa-se a chamar orações, por ser "temente a mão de Deus" deixou de benzer por algum tempo, entretanto devido a procura por parte das consulentes compreendeu que não poderia abandonar o ofício, "Deus dá uma missão para cada pessoa nesta vida, cabe a nós cumpri-la". Ao lado da casa um pequeno canteiro, contendo verduras, temperos caseiros (cebolinha e salsinha) e ervas (hortelã, arruda, cidreira, poejo, etc). Teve cinco filhos (três homens e duas mulheres), nenhum deles desempenha o ofício, apesar de, segundo ela ter repassado seus conhecimentos: "eles entendem tudo de ervas, o que eu sei eu ensinei a eles, mas benzer mesmo nenhum deles quis. Quem sabe mais tarde algum deles queira".

Lúcia (nome fictício), 57 anos - 2ª Geração de Benzedeiras – Lúcia preferiu responder somente o questionário não ocorrendo, neste caso, outros encontros. Dentro do questionário podemos levantar as seguintes informações relacionadas a vivência do ofício na vida de Lúcia: Faz parte da segunda geração de benzedeiras, sendo a primeira sua mãe e ela corresponde a segunda geração; benze de tosse comprida, quebrante e bichas; faz simpatias para susto e cobreiro; Viúva; não tem filhos; tem uma horta em casa, das ervas que cultiva citou: arruda, alecrim, erva-doce, hortelã; o local de orações é no quarto e de benzimentos é na sala.

Teresa (nome fictício), 62 anos – 3ª Geração de Benzedeiras: Teresa preferiu responder somente o questionário não ocorrendo, neste caso, outros encontros. Dentro do questionário podemos levantar as seguintes informações relacionadas a vivência do ofício na vida de Teresa: Faz parte da terceira geração de benzedeiras, sendo a primeira sua avó materna, a segunda sua mãe e ela corresponde a terceira geração; benze de quebranto, bichas, arca caída e ar (do sol, da água e da lua); faz simpatias para susto, quebranto, inveja e mau olhado; Casada, tem três filhos, duas mulheres e um homem; tem uma horta em casa, das ervas que cultiva citou: arruda, alecrim, erva-doce, hortelã; orégano, erva-cidreira o local de orações e benzimentos é na sala; tem uma altar na sala onde encontram-se santos da Igreja Católica , bíblia e crucifixo.

Claudia (nome fictício), 67 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Claudia preferiu responder somente o questionário não ocorrendo, neste caso, outros encontros. Dentro do questionário podemos levantar as seguintes informações relacionadas a vivência do ofício na vida de Claudia: Faz parte da terceira geração de benzedeiras, sendo a primeira sua avó materna, a segunda sua mãe e ela corresponde a terceira geração; benze de quebranto, arca caída e ar; faz simpatias para susto; Casada, tem dois filhos homens; tem uma horta em casa, das ervas que cultiva citou: arruda, alecrim, erva-doce, hortelã; o local de orações e benzimentos é na sala.

Sirlei (nome fictício), 55 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Filha de Dona Lia (81 anos). Mora com seu marido, os filhos já são casados (um homem e uma mulher). Marido aposentado por tempo de serviço na agricultura, cuida da horta e dos afazeres em torno da casa. Acompanhou toda a entrevista, sempre sentado ao lado da esposa, ouvindo atenciosamente ela narrar suas vivências, sempre que a esposa dizia: “né meu velho”, na busca da concordância do mesmo para o fato narrado, com calma ele balançava a cabeça em sentido afirmativo, em seguida respondia: “verdade”.

A mãe do esposo também era benzedeira, o filho acompanhou desde novo o ofício da mãe, tem orgulho da mulher desenvolver o mesmo ofício: “ela ajuda muitas pessoas, cuidou de nossos filhos, e não saberia contar quantas pessoas já passaram por aqui, todas receberam ajudas, ninguém sai sem uma oração, um chá, uma boa palavra”.

Sirlei descreveu como o marido a auxilia no ofício: “ele busca os galhos de arruda para eu benzer, coloca a água do chimarrão para esquentar, recebe as pessoas no portão, recolhe as ervas que eu preciso”.

Neuza (nome fictício), 86 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Mãe da Benzedeira Clara (51 anos, Bairro Vila Nova). Nasceu no município, não soube informar de onde a família por parte do pai teria vindo, entretanto diz que a família por parte da mãe sempre morou nas terras do interior do município. Quando casou veio morar na área urbana devido a necessidade de luz e água encanada. Teve cinco filhos (quatro mulheres e um homem). A primeira filha faleceu em decorrência da meningite. A segunda filha, Clara, já benze, aprendeu o ofício com a mãe e a avó, que já é falecida, as outras duas filhas e o filho mais novo, também aprenderam os procedimentos do benzimento. O filho mais novo é solteiro e mora com ela e o pai, auxilia trabalha em uma oficina e quando está em casa nas tarefas domésticas, Dona Neuza diz ter lhe ensinado as mesmas coisas que ensinou as filhas, entretanto para as mulheres o conhecimento de algumas coisas é passado diferente, pois enquanto o filho observava o ofício da mãe as filhas auxiliavam nele. Tem uma horta atrás da casa (arruda, alecrim, erva-doce, cavalinha, hortelã, salsinha, cebolinha, tanchagem), diversas folhagens na área da frente. Com a cuia de chimarrão na mão, um bolo na mesa e o fogão a lenha acesso, nos narra que ainda hoje segue a rotina de horários que aprendeu com a mãe:

> O tempo hoje é diferente, tem outras coisas para se entreter que não tinha na nossa época, a própria luz, nós não tínhamos, era tudo na vela e no lampião, então quando escurecia, nós já tínhamos jantado e íamos dormir que no outro dia todo mundo levantava cedo para lidar na casa e na roça, todos tomavam café juntos, almoçávamos juntos e jantávamos juntos, sempre. Agora não, agora as pessoas parecem ter horário pra tudo menos pra família.

Benze de quebranto, mau olhado, inveja, susto, mede de amarelão e faz simpatia para curar amarelão e com ceira de vela para susto.

Clara (nome fictício), 51 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Filha da Benzedeira do Bairro Vila Nova (Neuza, 86 anos). Clara não soube dizer a idade que começou a benzer, lembra que em uma das vezes que a mãe estava doente e não poderia atender as consulentes, isso ainda moça quando morava com a mãe, um casal procurou sua mãe para benzer a criança de cólica e quebranto, como já era noite ela atendeu o casal no portão e disse que a mãe estava adoentada, “nem avisei a mãe, conhecendo ela iria levantar e atender o casal”, os pais da criança perguntaram

se ela não sabia alguém que benzia, ela respondeu: “eu sei” e a partir daquele momento, segundo ela, nunca mais parou de benzer. Quando casou e foi morar em outro bairro as consulentes, na sua maioria, continuaram procurando os seus serviços, entretanto começou aparecer novas consulentes do bairro e de outros lugares que vieram seguindo indicação de outros. Benze de cólica, quebranto e susto, faz simpatia com ceira de vela para susto. Tem um canteiro nos fundos da casa com ervas e temperos (arruda, alecrim, erva-doce, cavalinha, hortelã, salsinha, cebolinha, tanchagem). Benze na sala onde tem um altar na estante, com imagens de Nossa Senhora aparecida, de Maria e crucifixo com Jesus pregado na cruz, além do rosário e bíblia. Casada a mais de trinta anos, tem dois filhos homens (já casados) e mora com seu marido.

Nair (nome fictício), 65 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Dona Nair, casada, teve seis filhos, destes um casal de gêmeas, sendo quatro mulheres e dois homens, Dona Eulália de Oliveira fez o parto dos filhos homens que são os mais velhos e dos quais ficaram comadres. A avó paterna benzia, ensinou a sua mãe que morou junto com a avó depois que se casou e depois ensinou o ofício a ela. Repassou seus conhecimentos aos filhos, mas estes ainda não se sentiram tocados, como ela se referiu, a usarem os conhecimentos para benzer:

> O conhecimento é apreendido com o tempo, não se nasce sabendo benzer, mas já pode nascer com o dom, ser escolhido para essa função na terra, ai é função da mãe em ensinar tudo que a pessoa precisa saber, para quando na hora certa, quando ela se sentir tocada comece a benzer. Mas de nada vai adiantar o dom sem os conhecimentos.

Mora com seu marido e as duas filhas mais novas. Tem um sitio no interior do município onde tem plantio de mandioca, arvores frutíferas, galinhas, vaca leiteira e é o lugar onde encontra a maioria das ervas para os chás e benzimento: “Aqui na cidade só comprando, não acha mais alguns chás importantes por que as pessoas acham que é mato, um exemplo é a tanchagem, pra quem vê é mato, mas é rico para tratar infecções, principalmente na mulher”.

Na frente da casa um pé de arruda e um de comigo-ninguém-pode, que servem como proteção para a casa e a família. Sua família é do município, de uma localidade chamada Xaxim, foi lá onde nasceu e se criou, onde conheceu o marido e depois de casados vieram para o município para morar com a sogra. Tem conhecimento acerca dos chás e benze de susto e quebranto. Faz simpatias em datas como a da Enchente de São Miguel, no Natal, Ano Novo, Quaresma e dia de São João Maria.

Alice (nome fictício), 72 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Dona Alice nasceu em Guarapuava (Paraná), com cerca de dezessete anos sua família veio morar na região devido a empresa Lutcher S/A estar contratando funcionários. No ano seguinte Dona Alice casou-se com um rapaz que também era funcionário da empresa Lucher S/A, quando a empresa faliu em 1965, saíram da vila residencial (local que ficou conhecido por Seis Casas e hoje o nome da oficial localidade do interior do município é Jardim Floresta), e vieram morar no bairro Vila Nova. Tiveram apenas um filho vivo, ela teve três abortos, que mais tarde foram diagnosticados, sendo uma das possibilidades, a presença de mercúrio no sangue do marido. O filho é casado e mora em Santa Catarina, foi para outro estado trabalhar, lá se casou e não retornou mais, tem contato com a mãe via telefone. O marido de Dona Ana já é falecido, morreu em decorrência de um câncer no pâncreas, que se alastrou por todo o organismo.

> Quando nós descobrimos a médica já disse que ele teria cerca de três meses, e de fato não chegou a passar os três meses, foi tudo muito rápido. Ele sempre teve dor, mas nunca quis ir consultar. Trabalhava pouco na roça devido ao sol, conseguiu se aposentar devido a doença, o pouco que fazia era mais pro inverno, me ajudava com as criações. Foi um bom esposo e um bom pai, sempre me auxiliou em tudo inclusive no benzimento. Foi uma morte rápida e sofrida, mas ele foi tranquilo na certeza do que nós aprendemos com o Divino Pai Eterno, essa é a única certeza que temos, a morte, todos vamos ter nosso julgamento final, independente do que cada um acredite, a morte vem para todos

Aprendeu o ofício com uma comadre da mãe que já morava no município, quando casou-se e frente as dificuldades nas gestações, ficou interessada em aprender. Quem cuidou dos partos dela foi Dona Eulália de Oliveira, dos quatro partos, depois que Dona Eulália fazia a sua parte dos cuidados com a mãe e o bebê, cuidando inclusive dos preparos para o enterro das crianças, a comadre de sua mãe que tomava conta dela, com os cuidados da dieta, do resguardo.

> O resguardo de um aborto é igual ao de um parto normal, normal digo que a criança vive, mas precisa de muito mais cuidado com a cabeça da mulher para ela não recair, há casos de mulheres que ao recair enlouqueceram. A recaída é decorrente de muito sofrimento por parte da mãe. Com os chás, a sopa, os cuidados, o silêncio, a limpeza da casa, as orações, tudo, absolutamente tudo faz parte da rotina dos cuidados com uma mulher em resguardo. O resguardo dura quarenta dias, como a dieta de hoje em dia, mas você vê mulheres com poucos dias já na rua, já caminhando sem se enfaixar, depois ficam cheias de sequelas, a barriga não volta, ficam com dores e males que carregam pro resto da vida, as vezes prejudica inclusive na próxima gravidez.

Depois do segundo aborto ela começou aprender os chás, as simpatias, as orações com a comadre da sua mãe. Quando seu filho nasceu pediu a comadre da mãe para que o batiza-se ficando assim comadres.

> Eu já a chamava de comadre por respeito, depois que meu filho nasceu ficamos comadres de verdade, mas nossa relação já era muito forte, de muito amor, apreço e carinho. Ela fez muita diferença na minha vida, se ela não estivesse presente não sei como teria sido, por isso eu faço questão de ainda hoje benzer, cuidar das mãezinhas, faço os chás para não dar recaída, faço as simpatias pro umbigo do nenê, pra cólica, chás para desinchar a barriga delas e para descer o leite. É uma missão bonita pra quem vê, mas é muito além disso, salva vidas, não é como ir lá no medico pegar um remédio e voltar pra casa, vai além, cuidamos do corpo, mas também do espirito. Um vazo pode estar bonito por fora, mas perde a utilidade se a agua que está dentro não presta para consumo, não tem utilidade, tem que tratar a água, tem que trocar se necessário, é a água que importa, o que está dentro de nós, a beleza do vazo é irrelevante frente ao que está dentro dele. Vou contar a história que minha comadre me ensinou do vazo: Se eu colocar dois vasos na sua frente, um de ouro, um de barro qual você escolheria? Eu respondi rápido que queria o de ouro. Ela continuou, mas pra você levar embora o vazo tem que tomar todo o conteúdo que está dentro, no de barro tem leite com mel e no de ouro fezes. Eu dizia: Credo comadre, assim não vale, claro que eu quero o de barro daí. É uma história boba até de se contar mas é muito sabia, porque é assim que nós fazemos em tudo na nossa vida, escolhemos as pessoas pela beleza de fora, sem saber o que vem dentro dela, assim também é o cuidado que nós benzedeiras temos com as pessoas, principalmente com a mãe que recém pariu, ela pode estar aparentando felicidade, mas por dentro agora começa uma reconstrução muito grande. E enquanto Deus me permitir eu vou ser leite e mel na vida das pessoas.

Mora em uma casa de madeira, ao lado da casa um canteiro com arruda, alecrim, erva-doce, hortelã, salsinha, cebolinha, tanchagem, couve. Possui um estoque de cascas de arvores para as garrafadas contra recaída guardado na cozinha. O atendimento é feito no quarto na cama de casal, tem um manto que coloca por cima dos foros de cama para deitar as crianças para o atendimento, isso quando é necessário fazer a simpatia para umbigo rendido ou a esfregação para arca caída.

Mara (nome fictício), 66 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Mara é prima de Vitória, morou juntamente com a prima desde pequena com a avó materna e aprendeu a benzer com ela. Quando sua mãe se separou, ela inda pequena foi morar com a avó para que a mãe pudesse ir trabalhar em outro município, via a mãe em feriados prolongados e nas férias do trabalho da mãe, quando sua mãe se casou aos poucos deixaram de manter maior contato, aos dezessete anos fugiu da casa da avó para casar, depois casaram no civil e no religioso. Seu marido é da região de Mangueirinha, a família da avó é do Cavernoso (Candói), os avós maternos já são falecidos. Tem dois filhos, um homem e uma mulher e nos narrou que devido ao serviço pesado acabou perdendo (abortando) na primeira gestação, ainda no primeiro

trimestre. Benze de Cobreiro, Ar (do vento, da réstia, da agua e do sol), faz chás para recaída, chás para juntar leite, chás para infecção no sangue e males da mulher (escorrimento vaginal, dores na região da barriga, cólica menstrual), tem um canteiro nos fundos da casa (arruda, alecrim, erva-doce, cavalinha, hortelã, salsinha, cebolinha, tanchagem, boldo, picão, rosário)

Vitória (nome fictício), 65 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Vitória é prima de Mara, morou juntamente com a prima na casa da avó, quando sua mãe faleceu, em decorrência de um câncer, seu pai para poder trabalhar deixou a filha com a avó.

> Tudo que a vó ensinou para uma ensinou a outra, desde como plantar, como colher, como fazer o chá, chás de infusão, chás de decocção e chás de maceração. Simpatias para recaída, para mau olhado, para inveja, para quebranto, para achar o amor. Ensinou como deve ser uma mãe, como a gente deve educar os filhos, ensinou as orações, nos preparou para a vida de casada, como ouvir as pessoas, como ajudar, ou seja, tudo, absolutamente tudo que eu sei o que eu vivo foi minha avó que ensinou.

O altar da casa fica em uma mesa na sala, com toalha branca, flores em um copo, ao lado de uma imagem do menino Jesus, a bíblia aberta, um pequeno rádio com um copo de agua do lado para ser benzido pelo padre Reginaldo Manzotti, padre que é apreciado e seguido por todas as benzedeiras que foram entrevistadas. Segundo Vitória, ela gosta de ouvir o padre por ele não criticar ou criminalizar a prática do benzimento.

Casada, mora com o marido, duas filhas mulheres e uma neta, a filha mais velha casou e se separou, logo voltou a morar com a mãe:

> O marido enganava ela, maltratava ela, como ele é barrageiro, trabalha sempre fora e quando vinha pouco parava em casa, mais era nos bares e na rua. Ela veio falar comigo e eu disse para ela fazer o melhor pra ela, se ela tiver feliz eu estou feliz, na última briga ela pegou as coisas dela e a filha e veio embora. Não é mais como antigamente que as mulheres tinham que sofrer e ficar em casa, por medo da sociedade e de ser uma mulher sozinha, meu Deus, era muito triste ser uma mulher deixada pelo marido, que não tinha isso de dizer que a mulher se separou, sempre o homem estava certo e se ocorreu a separação devia ser porque a mulher não prestava. Ai a mulher não conseguia emprego, não tinha como cuidar dos filhos, se não tinha uma família boa, ficava sozinha na vida. Meu avô contava que o pai dele dizia que se ocorresse separação de casal o pai da mulher não podia aceitar ela na casa de novo, que mancharia a honra da família. Graças a Deus e com muita luta hoje não é mais assim, se não é feliz não tem que viver por viver, cada um segue sua vida.

Ensina a seu turno tudo o que aprendeu com a avó para as filhas, falam abertamente sobre todos os assuntos. Seu maior desejo é que a neta seja benzedeira: “Ela tem cinco anos, já me ajuda na horta e na cozinha, falo com ela sobre as plantas,

a importância da natureza e dos animais pro ser humano, se Deus abençoar um dia ela vai ajudar as pessoas no meu lugar".

No portão da casa encontramos um pé de arruda, que serve como proteção, nos fundos da casa uma horta, com frutas, legumes, saladas. Um galinheiro, com galinhas chocadeiras, botadeiras e de abate. No canteiro tem arruda, alecrim, erva-doce, cavalinha, hortelã, tanchagem, manjerona, orégano.

Zé Bode, 68 – 2ª Geração de Benzedeiras – Na casa de Sr. Zé Bode tanto ele quanto a esposa, Dona Bina, desenvolvem o ofício de benzer. Casados a quase quarenta anos, desenvolvem juntos diversas tradições do ofício, entretanto algumas, segundo ele, já estão praticamente esquecidas, como no caso da recomenda:

> Atividade religiosa que ocorre antes da quaresma. É um momento de preparo para viver esse período do ano tão forte (espiritualmente falando), então é necessário que além de se preparar você também proteja a sua casa contra a invasão de todo e qualquer espírito de má intenção que vaga solto nessa época.

A família de Zé Bode era de Mangueirinha, veio rapaz já para trabalhar nas lavouras, no período de colheita, principalmente na colheita de batata e feijão. Teve quatro filhos (dois homens e duas mulheres) e criam um neto, que também consideram filho. Os filhos não benzem, mas aprenderam as orações, simpatias e chás com sua esposa, que agora está ensinando ao neto o ofício. Tem uma horta grande, plantam "um pouco de tudo", como ele mesmo diz, na horta tem: mandioca, salada, legumes. No canteiro na frente de casa estão as ervas: alecrim, hortelã, erva doce, poejo, juntamente com os temperos, manjerona, salsinha e cebolinha. O pé de arruda está logo na entrada, no portão, e tem outro em um vazo perto da porta: "O do portão protege a casa e os moradores, o da porta não deixa o mau entrar e minha mulher usa para benzer e afastar o mau das pessoas".

Pedro (nome fictício), 63 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – A família do Sr. Pedro veio para o município em meados de 1970, disse não lembrar a razão pela qual vieram para este território.

> Lembro que viemos morar com a minha avó, meu vô já era falecido, na época minha mãe ficou sabendo quase três meses depois do acontecido, nós morávamos no Rio Grande do Sul, não lembro o nome da cidade. Sei que depois disso, viemos morar pra cá, acredito que deve ter sido para minha mãe cuidar da mãe dela, já que a vô não tinha outra filha viva e os meus tios trabalhavam fora da região. Naquela época os adultos não deixavam as crianças saber certas coisas, se era assunto de adulto não tinha porque criança saber.

Depois de fixar moradia no município passaram a trabalhar na terra e a produzir a maioria de seus alimentos, “vez ou outra o pai ia a Guarapuava comprar ou trocar coisas, trazia principalmente tecido, açúcar branco e sal, que o resto a gente tinha aqui”.

Aprendeu a benzer com sua avó e sua mãe “elas benziam de tudo, tratavam de todos os males”, entretanto Sr. Pedro devido a uma doença parou de fazer alguns benzimento, benze agora somente de rendidura, “se o corpo está muito fraco a gente não consegue força suficiente para curar o outro, corpo e espirito precisam estar bem”.

2. Bairro Segredo:

Dona Maura - 55 anos – 5ª Geração de Benzedeiras – Filha da Benzedeira Dona Chica, aprendeu o ofício junto a mãe e a madrinha. Viúva, tem três filhas mulheres, sendo que a mais nova está aprendendo o ofício com a avô. Sua especialidade é o remédio para bronquite: “quem toma fica curado”. Benze também de bichas e males que posam afligir o corpo e o espirito. Tem uma horta na lateral da casa e um canteiro na frente, nos dois há uma mistura de saladas, temperos e folhagens com os chás que usa para fazer o remédio para bronquite e para os demais benzimento e chás. Nascida no município relata as suas vivências relacionadas a saúde:

> Fácil não era, mas a mãe dava um jeito pra tudo, não tinha vacina, nem médico, nem remédio. O tratamento era chá e quem sabia como tratar era a mãe. Acredito que a maioria das doenças veio depois dos alimentos com muito veneno, na nossa época as coisas tinham um ciclo natural e sobrevivíamos bem assim, mas agora a ganancia do homem é de ter dinheiro e não viver ou comer bem, por isso tenho minhas saladas e temperos de casa, quanto menos comprar em mercado menos veneno consumimos e vivemos bem. Veja a diferença da saúde de gente da nossa idade com os mais novos, quantos problemas que a gente nem sabia que existia, pressão alta, diabetes, pra mim tudo isso se deve a forma do plantio e o respeito com a natureza.

Relata como o município cresceu se tratando de estrutura física e número de pessoas, mas evidencia sua tristeza frente a miséria que ainda persiste nas comunidades e bairros mais carentes:

Dona Chica - 81 anos – 5ª Geração de Benzedeiras – Nascida em Guarapuava, mora no município desde pequena. Sua mãe indígena e seu pai negro orgulha-se da criação que teve:

> Tanto meu pai quanto minha mãe benzia, lidavam com todos os tipos de doenças. Minha mãe era parteira também, na família dela todas as mulheres desenvolviam esse ofício, todas sabiam benzer, cuidar da terra e das ervas e ensinaram para todas as mulheres da família. Eu ensinei minha filha (Benzedeira 3) e estou ensinando minha neta, que já benze também. Eu iniciei com cinco anos benzer e nunca mais parei. Um tempo eu fiquei com medo de dizer que benzia, benzia escondido, porque o padre na época não gostava e eu me sentia mal quando ele falava na Igreja que quem fazia isso (benzer) não se salvava. Mas agora com a vinda desse padre eu fiquei melhor porque ele entende que a gente só faz o bem.

Viúva, mora sozinha, tem um pequeno canteiro ao lado da casa, entretanto com muitas variedades de ervas: “Aqui tem de tudo um pouco (ervas) e o que não tem eu procuro na casa da minha filha ou falo pra pequena (neta) buscar na casa das comadres, uma ou outra sempre tem a erva que precisa”.

Segundo ela qualquer pessoa pode benzer, se sentir vontade, mas precisa de tempo para dominar as orações e compreender o poder das ervas: “não faz o chá de qualquer jeito como não é apenas rezar, há muito mais, é a força que vem de dentro da gente, o contato do nosso espirito com as forças de Deus, as forças do bem”.

Joana (nome fictício), 65 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Dona Joana nos recebeu em sua casa com horário marcado, como tem bastante consulentes que agendam horário ela preferiu que fosse assim, para preservar a confidencialidade de suas consulentes. Disse que recebe muitas irmãs da igreja, como é evangélica, diz que prefere chamar os benzimento de orações, mas que se entende como benzedeira:

> Algumas vezes eu disse que era rezadeira, que fazia orações pelas pessoas e só. Principalmente quando é a primeira vez que a pessoa vem, e se é evangélica. Faço orações e nelas muitas vezes recebo mensagens, consigo saber se a pessoa tem algum mau rondando ela, atrapalhando sua vida. As mulheres me procuram muito para dar conselhos e ajudar no casamento.

Teve duas filhas mulheres, é viúva e mora sozinha. Suas filhas são casadas, moram em outro estado e não desenvolvem o ofício. Devido a distância aprendeu a se comunicar com as filhas pelo celular, depois ampliou a comunicação com as consulentes, através do aparelho marca e organiza seus horários, além de benzer e fazer orações a distância. Uma horta modesta ao lado da casa com poucas ervas, entre elas a hortelã e a arruda, disse que devido à idade e alguns problemas de saúde não consegue manter a horta como gostaria, entretanto possui várias folhagens na área da casa, que, segundo ela são mais fáceis de cuidar.

Lia (nome fictício), 81 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Viúva, mãe de sete filhos (três mulheres e dois homens), os partos todos feitos em casa, Dona Lia

nos recebeu com grande alegria e entusiasmo, sempre com o pano de prato no ombro, lenço na cabeça e a cuia de chimarrão a mão e um enorme sorriso.

> Tenho oitenta e um ano, graças a Deu sou muito boa de saúde, sempre me cuidei, fazia tudo que a mãe mandava. Me cuidava desde moça para não pegar friagem no útero (que prejudica principalmente na gravidez) e na bexiga. As mocinhas de hoje não acreditam nisso, mas quando chega a hora de ser mãe aparece todos os problemas dos maus cuidados da mocidade. Nunca lavei minha cabeça nos dias que vinha as regras (menstruarão), porque é muito perigoso, se você falar isso hoje dão risada, dizem que é bobagem, mas as pessoas não param para analisar a diferença de como as coisas eram. Não era como hoje, que o banheiro era dentro de casa, com água quente e luz, a patente era fora de casa, tinha que tomar banho na bacia, esquentar a agua no fogão a lenha, depois sair no tempo com o cabelo molhado, esse choque que dá no corpo é o maior veneno para a mulher.

Cuidadosa e organizada nos mostra cada canto da casa até chegar no seu local preferido, um balcão na cozinha, com um rádio, um copo de água do lado (para a benção do padre, pois usa para tomar e benzer crianças com baixas), a imagem de Nossa Senhora Aparecida e um terço.

> Eu sinto muita felicidade quando estou na cozinha, aqui eu lembro da casa de minha mãe, do tempo que passávamos juntas, cozinhávamos juntas, organizávamos a casa, ela ia nos ensinando, falando da vida e das lutas que estariam por vir da vida de casada. Pouco víamos o pai, que sempre estava na roça com meus irmãos, saiam de madrugada, levando a marmita pro almoço e depois voltavam só na janta. Nessa cozinha passei muito tempo com minhas filhas, o cheiro da comida, o cheiro do tempero, tudo aqui lembra minha vida e a vida das pessoas que eu amo. E um dia, minhas filhas vão estar na cozinha delas, lembrando do nosso tempo juntas e assim a vida vai seguindo. Sinto por não ter tanto tempo com minhas netas, quando a vez delas chegar espero que compreendam a importância de ouvir os mais velhos, de ensinar as crianças as coisas da vida, o que a gente aprende em casa, no dia a dia, com os pais, com a mãe em volta do fogão, na horta, a escola nunca vai ensinar.

Sua filha Sirlei (55 anos – Bairro Vila Nova) desenvolve o ofício de benzer, o que segundo ela muito lhe agrada, e espera que alguma das netas também deem continuidade no ofício: “quando a hora delas chegar”.

Marli (nome fictício), 52 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Marli é comadre de Bianca, fazem parte da rede de compadrio. Batizaram seus filhos no Olho d’agua de São João Maria (Foz do Jordão) e na gruta de Nossa Senhora Aparecida no Passo da Reserva (Reserva do Iguaçu). Benze de rendidura, de quebranto e cólicas de ar em crianças. Indica ervas para as consulentes fazerem os chás em suas casas e massagens para auxiliar nos cuidados com a cólica. Casada, tem quatro filhos (três homens e uma mulher). Ensinou a filha seus conhecimentos sobre o ofício, entretanto

a filha não benze. Seus filhos segundo ela aprenderam sobre todos os cuidados que se deve ter com as crianças e a mulher:

> Eles compreendem que a mulher precisa desse tempo da dieta para sua recuperação, se a mulher não se cuidar, além de ficar doente, pode secar o leite, recair, ficar com vários problemas. Por isso neste período mais que nos outros eles são os responsáveis pelos cuidados com a mulher e os filhos, não pode deixar a mulher preocupada ou fazer peso. Tem que cuidar da dieta da mulher para que ela tenha força para cuidar do filho, sopas bem fortes, uma canja de galinha caipira, chás de erva-doce e cidreira queimados com açúcar mascavo e leite (que ajudam na recuperação da mulher, a desinchar a barriga e juntar leite), tem que ser comida da hora (não pode comida requentada), pão torrado e assim por diante. São cuidados que a mulher vai levar consigo pro resto da vida, porque uma dieta má cuidada agrava para sempre a saúde da mulher, do corpo e do espirito.

Para ela os cuidados com a saúde da mulher deveriam ser prioridade, são importantes, pois: “da mulher depende tudo, a casa só funciona se a mulher estiver bem. A rotina da casa é reflexo da educação que a mulher recebeu”.

Bianca (nome fictício), 57 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Bianca é comadre de Marli, batizaram seus filhos no Olho d’agua de São João Maria (Foz do Jordão) e na gruta de Nossa Senhora Aparecida no Passo da Reserva (Reserva do Iguaçu). Viúva desde 2014, mesmo com convite dos filhos para viver com eles em outra cidade, decidiu permanecer no município: “Sou acostumada com minhas coisas, não gosto de depender de ninguém. Mesmo sendo meus filhos não seria minha casa, e depois de velha a gente tem um sistema que os mais novos não acompanham”. Mora no município desde que nasceu, nunca morou fora, disse que o mais longe que já viajou foi para Guarapuava, por necessidade em fazer exames. Gosta do local, narra histórias de suas vivências no município desde sua infância, como carneavam os animais, como faziam banha de porco, carne na lata (não existia na localidade energia elétrica), de como plantavam seus alimentos e trocavam com a vizinhança: “A mãe me dizia: vai lá menina na madrinha, leva esse balde de mandioca e pede pra ela mandar uns ovos de granja que quero fazer um bolo”. Não tinha mercado no município, desta forma as trocas de mercadorias eram a forma pela qual, quando necessário, as famílias se mantinham.

> Nós sempre comemos muito bem, nunca faltou nada. Eu mesma fui pisar em mercado com quase trinta anos. Na casa da gente ou na casa dos familiares sempre teve abundância de alimentos, frutas, legumes, saladas, carne. Agora não tem mais nada disso, vejo pela minha neta, tudo pra ela vem do mercado. Sempre que vou lá tento ensinar a importância da terra, de cuidar das plantas e dos animais, mas hoje em dia eles só dão atenção pro celular, quase não ouvem a gente.

Sr. Dorico, 69 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Conhecemos o Sr. Dorico no período das entrevistas no Grupo Melhor Idade. Ele é responsável pelo audiovisual do grupo, sempre muito disposto nos acompanhou também nas reuniões em que ocorrerão as entrevistas coletivas. Mora no município acerca de trinta anos. Casou-se três vezes e veio a ficar viúvo, está casado atualmente com sua quarta esposa, com a qual não tem filhos. Seus filhos do casamento anterior moram em outros Estados, dos cinco filhos que teve (quatro mulheres e um homem), as mulheres moram no Estado de Santa Catarina, já seu filho homem mora no Estado do Rio Grande do Sul. Diz manter pouco contato com eles, mas que sente muita falta, não repassou seus ensinamentos a nenhum deles, entretanto fez o primeiro parto de sua filha mais velha, em sua casa.

> Tenho uma lida mais com o lado espiritual, quando a pessoa vem atrás de mim, se for caso de encosto, coisa mandada, mau agouro, eu já sinto na hora. Atendo principalmente adultos e auxilio na libertação do mal de seus corpos, pois quando o corpo tem doenças que a medicina não consegue curar, vai no médico, faz um monte de exames e nunca encontra nada, mas a pessoa continua se sentindo mal, pode saber, é coisa do espirito, e se o espirito não está bem o corpo também não está.

Tem uma horta atrás de casa, com mandioca, saladas (alface, couve, brócolis, agrião, entre outras saladas e legumes), na frente de sua casa tem muitas folhagens, arvores e flores, em meio as flores estão diversas ervas (alecrim, arruda, hortelã, coentro, erva-cidreira, erva-doce, babosa, dente-de-leão e capim limão), outras que ele diz não lembrar de cabeça. Quando não encontra a erva que precisa em seu canteiro, busca na mata em torno do município, perto do rio Jordão.

3. Bairro das Nações:

Cristina (nome fictício), 72 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Cristina é viúva, mora no município a quarenta anos, anteriormente morava em Mangueirinha com sua família, mudou-se depois para Guarapuava (onde reside uma de suas filhas) e depois veio morar em Foz do Jordão (onde reside outra filha). Morava em outro Bairro mas teve que mudar devido a uma enchente que teve no local. Teve sete filhos (quatro mulheres e três homens), destes quatro estão vivos (três mulheres e um homem). Sua mãe era benzedeira e parteira, ensinou todas as filhas o ofício, os homens não aprenderam pois (segundo ela) não participavam efetivamente da rotina

do lar, a eles cabia o plantio e trabalho pesado da roça e com os animais. Nenhuma de sus filhas desenvolvem o ofício de benzedeira, mas todas possuem conhecimento acerca das ervas, orações e chás.

A horta da casa é grande, com diversidade de chás, temperos, verduras e legumes, além disso, cria galinha e porco para a alimentação familiar. Usa a banha da galinha para simpatias com crianças, uma delas é para curar pneumonia ou tosse comprida, a outra é para fortalecer os ossos para que a criança possa caminhar.

Vera (nome fictício), 52 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Vera é prima de Lenita (50 anos). Aprendeu o ofício com a mãe, tias e com a avô materna. Vera faz garrafadas, para anemia, recaída na dieta, bichas, tosse comprida. Conhecedora da fauna e flora local, além das ervas e chás que possui em seu canteiro, sempre que necessário busca em torno da mata do município os ingredientes necessários para fazer as garrafadas, principalmente se tratando de cipós e casca de arvores. Lamenta a falta de algumas espécies que já não encontra com a facilidade de antes, devido ao desmatamento e aumento da área de plantio. Mora sozinha, pois seus filhos já são casados (um homem e uma mulher), ensinou tudo que aprendeu a filha, que ainda não desenvolve o ofício de benzedeira, mas utiliza o conhecimento adquirido no cuidado com os filhos, na casa e com afilhados. Acredita que após sua morte a filha continuará o ofício, pois assim foi com ela, quem tomava a frente dos benzimento era a mãe, mesmo depois de falecer as consulentes que não sabiam do acontecido ainda a procuravam, para não deixar sem o atendimento e tendo conhecimento acerca de tudo que a mãe fazia, a mesma deu continuidade aos atendimentos. Atende em conjunto com sua prima Lenita, principalmente no sentido de encaminhar aqueles que necessitam de tratamento além das garrafadas.

Lenita (nome fictício), 50 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Lenita é prima de Vera (52 anos). Aprendeu o ofício com a mãe, tias e com a avô materna. Lenita benze de bichas, mau olhado, ar (de umbigo), faz puxamento (massagem em bebes). A família preza muito pelos aprendizados repassados, seguem os costumes ensinados como a resguarda (dieta após o parto), preparação para quaresma, simpatias, alimentação e hábitos diários (forma de cozinhar, preparo do chimarrão, organização da rotina da casa, etc). Trocam seus conhecimentos e se auxiliam entre si. Lenita tem um local para orações e benzimento na casa, contendo santos católicos, fotos de familiares e imagens de anjos. Faz rituais de purificação na casa.

Tem um canteiro na lateral da casa, com verduras, temperos e chás. Teve três filhos homens, estes aprenderam sobre chás, temperos, organização da casa e algumas simpatias.

Debora (nome fictício), 64 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Debora aceitou apenas responder o questionário (com auxílio da sua filha, a qual nos autorizou a conversar com a mãe). Conversamos com a filha de Debora que é evangélica, mora com ela a alguns anos, casada e tem um filho menino (de doze anos), que também moram na casa de Debora. A filha narrou que o pastor proibiu a mãe de benzer, pois não é uma prática aceita pela religião a qual frequenta. Entretanto, a mãe é católica e não se pronunciou quanto a deixar de benzer, ao contrário diz que: “por enquanto estou um pouco adoentada”, mas diz que se alguém procurar seus serviços ela não vai negar.

O questionário nos revelou que a mãe de Debora era benzedeira também, assim como uma outra tia. As aprendizagens repassadas se perpetuam inclusive nas práticas da filha evangélica que nos narrou conhecer muito a respeito do ofício da mãe e seguir ainda práticas ensinadas por ela, como exemplo, na dieta de seu filho fez todas as simpatias que a mãe solicitou (para descer o leite), tomou garrafadas para não dar recaída, cuidou-se os quarenta dias da dieta sem lavar o cabelo, ficou fechada o sétimo dia da criança, fez chás para seu filho para cólica, usa os temperos de acordo com os ensinamentos da mãe até hoje na comida. Tem uma horta nos fundos da casa com temperos (salsinha, cebolinha) e alguns chás, erva-doce, cidreira e alecrim. Nasceu no município, de parto feito em casa, suas filhas também nasceram de parto natural com auxílio de uma parteira.

4. **Bairro Daniel Lerias:**

Julia (nome fictício), 64 anos – 3ª Geração de Benzedeiras – Dona Julia nasceu no interior do município, na localidade conhecida como Xaxim, ainda hoje comunidade rural de Foz do Jordão. Disse que sua mãe era Indígena e seu pai veio com as tropeadas para a região, onde conheceu e se casou com sua mãe: “minha mãe foi pega no laço, como dizem os antigos”. Teve cinco filhos com meu pai e destes somente eu e meu irmão mais novo estamos vivos.

> Nos ensinou desde crianças a benzer o tempo, quando estava para vir chuva brava, ensinou as orações necessárias para tratar cada mau. Qual erva usar,

> como misturar para fazer o chá. Ensinou os temperos que tem que usar para ajudar nos males do corpo, e como tratar as pessoas dos males da alma. Dizia ela que sua mãe também foi benzedeira, entendida de todas as ervas que se tem pela região, salvou muitas vidas com os seus conhecimentos. Minha avó ensinou minha mãe, depois Que minha vó faleceu minha mãe tomou o seu lugar, já eu comecei benzer com a mãe viva ainda, mas como ela morava no interior ficava mais fácil das pessoas virem até mim, principalmente devido as condições das estradas pro interior. No começo caso eu achasse que não ia dar conta mandava que fossem até minha mãe.

Dona Julia é casada, é seu segundo casamento sendo que ficou viúva no primeiro. Teve três filhos homens no primeiro casamento e no segundo não teve filhos, mas seu marido tinha uma filha mulher do casamento anterior. Sente por não ter para quem repassar, dentro do meio familiar, seus conhecimentos, entretanto tem esperança que futuramente uma das netas queira aprender o ofício e seguir no decorrer da vida.

Seu canteiro é especifico para cultivo das ervas (hortelã, arruda, alecrim, agrião, coentro, carqueja, erva-cidreira, erva-doce, juntamente com os temperos. Benze de ar (água, vento, lua e sol), umbigo rendido, rendidura no corpo (crianças e adultos), arca caída, cobreiro e recaída (após a gestação).

Antônio (nome fictício), 73 anos – 2ª Geração de Benzedeiras - O Sr. Antônio mora com sua esposa, pai de cinco filhos (quatro meninas e um homem), aprendeu o ofício com sua mãe. Nenhum de seus filhos desenvolve o ofício, e segundo ele nunca demonstraram interesse em aprender: “Até hoje quando eles ou meus netos ficam doentes eles me procuram, se eu não posso dar conta ai levam no médico, mas a maioria das vezes eu curo só com o tratamento dos chás e orações”. A maioria de seus consulentes o procuram para benzer rendidura (machucado no corpo devido a esforço físico ou mau jeito).

> Pega uma agulha (com linha preta) e um tecido branco, a pessoa fica de frente para a porta. Coloco minha mão com o tecido (dobrado em quatro partes) sobre o machucado da pessoa, depois começo a fazer minhas orações e pedidos e vou costurando o tecido. Em geral na primeira vez já cura, mas se for preciso a pessoa tem que voltar até três vezes.

Não lembra ao certo quando a família veio morar no município, relata que lembra-se de ter cerca de uns dez a doze anos no período. Vivenciou toda a evolução histórico-social do município: “lembro quando aqui era tudo carreiro ainda, de estrada era só uma grande que ia pelo interior do município, somente com a vinda da hidrelétrica que fizeram a que hoje é a avenida”. Lembra ainda das diversas dificuldades encontradas com relação a saúde e alimentação: “Não era como hoje que

vai ali no mercado e compra o que quer, na minha época dependia de plantar ou criar para ter o que comer". Sobre a rotina do lar afirma ainda: "O que não mudou é que tudo na casa depende da mulher. Na casa de meu pai era minha mãe quem organizava as coisas e aqui em casa agora é minha mulher, dividimos quase tudo, mas sem ela as coisas não andam".

5. **Bairro Planalto:**

Rosa (nome fictício), 50 anos – 2ª Geração de Benzedeiras – Dona Rosa é casada, o marido trabalha fora, vem periodicamente ver a família. Tem três filhos (duas meninas e um menino), nenhum deles desenvolve o ofício. Considera-se benzedeira, entretanto ela disse que não trabalha com ervas, sua especialidade é benzer de susto. Com cera de vela em uma colher e um prato com água reza sobre a cabeça da criança, uma ave maria e faz suas intenções, em seguida derrama a cera de vela derretida na água. Analisa sobre a luz do sol o susto da criança que se revela em imagens na cera, explica para a consulente o que vê. Segundo Dona Rosa, muitas crianças além do susto, revelam desejos: "as vezes a criança está com as bichas atacada mas não consegue dizer o que quer, com essa simpatia consigo ver o que atacou as bichas e rezo para acalma-las". Nenhum de seus filhos desenvolvem o ofício, respeitam e admiram o ofício que a mãe desenvolve, principalmente segundo a filha mais velha: "por ajudar as crianças pequenas". Tem um canteiro de flores na frente da casa mas não tem uma horta, segundo ela por falta de espaço e por preferir as folhagens as ervas.

2.1 VÍNCULOS E APRENDIZAGENS NO BENZIMENTO

O Bairro Vila Nova possui a maior concentração de benzedeiras do município de Foz do Jordão, totalizando quinze pessoas desenvolvendo o ofício, dentre estas dois são homens.

Dentre as vinte e nove pessoas entrevistadas, duas se consideram pretas, cinco pardas, uma preta e indígena e as outras vinte e uma, brancas. Das pessoas que se consideram negras, o Bairro Segredo possui duas.

Sobre a ancestralidade vinte, das vinte e nove pessoas, descreveram descendência proveniente da miscigenação entre negros, indígenas e brancos, as

outras nove pessoas descreveram descendência direta de brancos (italianos, alemães, poloneses, ucranianos).

Com relação a origem familiar, os descendentes de negros e indígenas descrevem as relações familiares ancestrais de forma a identificar alguns períodos históricos de colonização territorial ocorridas no Sul do Brasil, tais como: as incursões dos Campos Gerais, as Bandeiras e o Tropeirismo.

A narrativa da ancestralidade descreve como as primeiras relações familiares foram estabelecidas. Os avôs, homens, brancos, ao adentrarem o território e estabelecerem morada pegavam sua companheira indígena no laço e desta forma efetivavam o matrimônio, em outros casos o casamento ocorreu de livre escolha entre homens brancos e mulheres negras ou indígenas, e entre homens negros com mulheres negras, brancas ou indígenas.

Esses vínculos de formação familiar foram coletados nas entrevistas, na família de Dona Chica predominou o casamento de negros com negros e negros com indígenas, atualmente estão na quinta geração familiar nesta encontram-se relações entre todas as etnias (brancos, negros e indígenas). Na família de Dona Bina o casamento dos avós maternos descreve o apontamento já citado acima, sua avó foi “pega no laço” pelo avô, homem branco, vindo nas entradas para os Campos de Guarapuava, fixaram moradia mais tarde no território do cavernoso (atual território rural do município de Candói).

Dentre as vinte e nove pessoas entrevistadas apenas três benzedeiras, residentes do Bairro Vila Nova, preferiram responder somente o questionário, não aceitando que ocorressem outros encontros para a coleta de outras informações.

Outro aspecto evidenciado no decorrer das entrevistas é a existência de uma rede de compadrio. Compreendemos a rede de compadrio enquanto laços afetivos e familiares que unificaram um determinado número de benzedeiras e benzedores, como exemplos das redes de ligações temos os batismos (em casa, no olho d’água de São João Maria, na gruta de Nossa Senhora Aparecida, de tosse comprida e religioso), os casamentos e comemoração de bodas, essas mulheres trocam entre si convites para que esses laços do compadrio se efetive, formando assim essa rede de auxilio mutuo, dentro desta rede estão:

- Dona Bina (Bairro Vila Nova);
- Zé Bode (Bairro Vila Nova);
- Pedro (Bairro Vila Nova);

- Maura (Bairro Segredo);
- Chica (Bairro Segredo);
- Marli (Bairro Segredo);
- Bianca (Bairro Segredo);
- Sr. Dorico (Bairro Segredo).

Benzedores casados:

- Dona Bina e Zé Bode (Bairro Vila Nova).

Benzedeiras filhas de benzedeiras ainda vivas e desenvolvendo o ofício na comunidade:

- Sirlei (Bairro Vila Nova) filha da benzedeira Lia (Bairro Segredo);
- Clara (Bairro Vila Nova) filha da benzedeira Neuza (Bairro Vila Nova);
- Dona Maura (Bairro Segredo) filha da benzedeira Dona Chica (Bairro Segredo).

Benzedeiras primas que aprenderam o ofício dentro do mesmo grupo familiar:

- Mara e Vitoria (Bairro Vila Nova);
- Vera e Lenita (Bairro das Nações).

Dentro do grupo estudado apenas uma benzedeira se declarou evangélica:

- Joana (Bairro Segredo).

Essas redes estão em constante movimento, entretanto, os critérios para a inclusão vão desde a afetividade há vínculos familiares, e vão se formando no decorrer da vivência entre eles, todavia a exclusão de um membro do grupo de compadrio se dará somente pela morte do membro.

No decorrer da formação territorial e social do município de Foz do Jordão, alguns fatores podem ser evidenciados:

- O Bairro Vila Nova é um dos mais antigos do município e também é o maior em número de habitantes, o que, por consequência faz com que tenha a maior concentração de benzedeiras.
- O Bairro Segredo (Antigo Bairro Rolin) se desenvolveu estruturalmente depois da emancipação do município, sendo considerado pelos habitantes locais um dos bairros mais perigoso, violento (devido ao fato do cemitério municipal estar localizado neste bairro e ser utilizado por dependentes químicos, ter maior concentração de bares, ocorrendo maiores números de brigas no local; por já ter ocorrido homicídios no bairro) e periférico (devido a estrutura simples das moradias e saneamento básico local).

A maioria dessas mulheres não possui documentos oficiais do período em que suas famílias povoaram o local (os registros do período referentes a batizados e casamentos dos municípios de Foz do Jordão, Candói e Pinhão, pertencem hoje as comarcas de Guarapuava ou de Pinhão) e muitos de seus ancestrais nem se quer chegaram a portar documentos.

As localidades citadas pelas benzedeiras entrevistadas como origem de sua estrutura familiar ancestral compreendem as regiões urbanas e rurais de: Mangueirinha, Guarapuava, Pinhão e Candói (Paraná). A narração dos fatos vividos através da história oral depende exclusivamente da memória e de como o orador descreve e relembra suas vivências, Bosi (1994) evidencia o cuidado com a fala do idoso no sentido de respeitar o seu tempo, o tempo de busca dos fatos entrelaçados em suas memórias passadas com as atuais.

Compreendendo a especificidade dessa pesquisa sobre retratar e resgatar os saberes tradicionais e os traços educacionais que resistiram através do tempo, resgatamos a história familiar destas mulheres e homens fazendo uma intersecção da história oral com a história do desenvolvimento da região de Guarapuava, Pinhão, Mangueirinha, Candói e Foz do Jordão (Paraná). Para assim compreender os processos de aprendizagem imersos no cotidiano, nas vivências destas famílias.

2.2 SABERES TRADICIONAIS

A imagem a seguir nos possibilita observar as movimentações que permeiam as constelações de aprendizagens presentes na prática do benzimento pontuamos e organizamos as benzedeiras de acordo com algumas estruturas preestabelecidas entre elas, suas famílias e a comunidade.

Todavia cabe ressaltar que essas relações ocorrem simultaneamente e em ciclos contínuos, estão interligadas, e dependem do nível de relação estabelecido pelos pares.

Imagem 1 - Constelações de Aprendizagens no Benzimento.

Fonte: A autora, 2018.

Salientamos que as aprendizagens são construídas através das relações, e dependem da forma com que cada indivíduo se percebe dentro dela. Para as benzedeiras fatores como a ancestralidade e a espiritualidade estão diretamente ligados, percebemos essa constância nas atividades que elas desenvolvem em seu meio familiar e comunitário.

A resistência dessas mulheres se deu pelo aprendizado referente ao corpo mas sobretudo sobre as aprendizagens referentes ao cuidado com a saúde mental do outro. Preparar alguém para passar fases ou ciclos de dor, de perca, de doença não é uma tarefa fácil. Há a necessidade de uma compreensão maior sobre si e o outro, há a necessidade da empatia, há a necessidade da reciprocidade, sem ela não existe tais aprendizagens e não haveria como repassá-las.

CAPÍTULO III

3 APRENDIZADO COMUNITÁRIO: PRÁTICAS DO OFÍCIO PARA O BEM COMUM

As benzedeiras carregam consigo práticas educacionais, provenientes de aprendizagens ancestrais e de vivências familiares e comunitárias. As histórias de vida e familiar dessas mulheres é repleta de resistência e aprendizados, principalmente na área da saúde e educação familiar. As famílias das benzedeiras são, na sua maioria, de baixa escolaridade e condição financeira.

Suas famílias estão na região (Guarapuava, Pinhão, Mangueirinha, Candói) a gerações e resistiram as diversidades encontradas para se estabelecer e sobreviver no local, sendo o ofício do benzer e o conhecimento das ervas um dos fatores primordiais para a resistência familiar. A história de vida relatadas nas entrevistas nos proporciona compreender a estrutura socioeconômica e familiar destas mulheres.

Para as benzedeiras a ancestralidade é o fator primordial para a continuidade do ofício, associar a fala de um fato recente com o relato de um fato ancestral é algo recorrente: “Como minha mãe dizia; como minha avó fazia”[18] evidenciando os processos de aprendizagens referente ao dom.

A própria palavra anteceder:[19] “Ser anterior; preceder” traz em si essa ideia de descendência, no entanto, é importante ressaltar que esse tom de descendência (ou ascendência) é mais forte em algumas culturas do que outras, ou seja, não necessariamente, outras culturas compartilham da mesma lógica, sendo nosso foco a ancestralidade presente nas narrativas das benzedeiras, do aprendizado presente em suas gerações, do compartilhamento das experiências, dos ensinamentos compartilhados com as mais novas, no ouvir, no falar, no ver-fazer da prática do benzimento.

Nas práticas de resistências negras a ancestralidade promove essa ligação entre passado e presente, sendo a matriarca esse elo fundamental. O que permite entender a experiência espaciotemporal coletiva, em que o sentido de pertencimento está tanto relacionado com o presente, entre seus pares atuais, quanto com um

[18] Benzedeira - Dona Maura: Entrevista concedida em 22 de maio de 2017.
[19] Dicionário da Língua Portuguesa: Disponível em: https://dicio.com.br/anteceder/. Acesso em: 25 de Janeiro de 2018.

passado distante agregado à ancestralidade a tempo imemoriais africanos e indígenas, como também de um futuro de permanência ou resistência. (DA SILVA, 2016).

3.1 DÁDIVA FAMILIAR

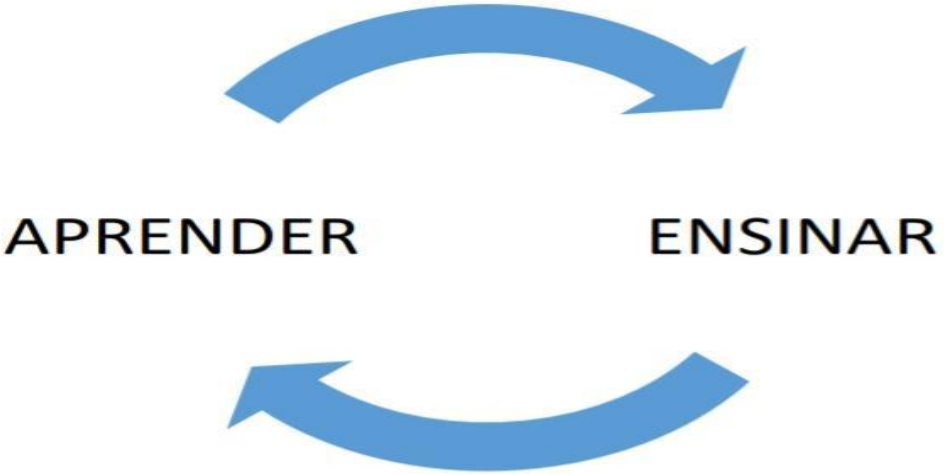
Para compreender essas mulheres, precisamos decolonizar[20] nosso olhar, e ver pelos traços matricentrais negros presentes nessas relações, para que assim possa-se compreender que elas estarão disponíveis a todo momento que alguém precisar delas, não por altruísmo ou troca, como se vê nas relações patriarcais e capitalistas, mas por ser uma aprendizagem diferente, uma forma de ver e compreender as relações humanas respeitando o bem comum, a comunidade.

Neste sentido buscamos evidenciar traços em comum presentes no ofício, no cotidiano e na vivência destas mulheres, cruzando as informações para assim evidenciar que, mesmo benzedeiras de diferentes famílias e que não mantem contato entre si carregam consigo traços matricentrais compartilhados por seus ancestrais e que se perpetuaram e se perpetuam através delas na comunidade.

Na família de Dona Chica, pudemos analisar desde a segunda à quinta geração de benzedeiras, observamos que o vínculo familiar e afetivo é extremamente importante para a continuidade do ofício, para a transmissão da dádiva, pois as mulheres crescem em meio aos aprendizados das mais velhas e o fazem até que estejam preparadas para tomar seu lugar dentro da estrutura familiar. A partir desse ponto, as mulheres que ao seu turno desenvolvem o ofício se tornam o veículo de transmissão para as mais novas.

[20] COLAÇO, Thais Luzia. **Novas Perspectivas para a Antropologia Jurídica na América Latina**: o Direito e o Pensamento Decolonial. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99625/VD-Novas-Perspectivas-FINAL-02-08-2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Imagem 2 - Dinâmica de Aprendizagem entre benzedeiras.



Fonte: A autora, 2018

A dinâmica educacional do ofício pode ser descrita através do processo de: aprender x ensinar (saberes tradicionais presentes na transmissão e perpetuação do dom); ensinar x aprender (práticas educacionais presentes na memória, nas vivências e no cotidiano do ofício). Esta dinâmica de aprendizagens ocorre de forma simultânea, ou seja, a benzedeira que ao seu turno está ensinando o ofício com as práticas e vivências diárias também está aprendendo.

Esse vínculo familiar é o contexto pelo qual a dádiva é repassada, seguindo regras, normas e valores matriarcais, as benzedeiras trocam entre si experiências vividas, ervas e rezas. Nos encontros em grupo, sempre que perguntávamos algo a uma benzedeira mais nova, depois de nos responder dizia que a benzedeira mais velha podia falar melhor, pois é mais velha e benze a mais tempo.

As benzedeiras ensinam também as consulentes diversas coisas, no entanto, é preciso frisar que a consulente não se torna benzedeira, mas é um dos meios pelos quais as aprendizagens são repassadas e se propagam na comunidade, configurando as dinâmicas educacionais.

As aprendizagens ancestrais são um fator importante para as benzedeiras no sentido de manter viva as relações entre os conhecimentos do passado e do presente, logo observamos as relações familiares dessas mulheres e sua rotina, podendo assim observar os traços matricentrais das relações, Diop (2015) aborda as características

de uma comunidade matricentral, e ao compararmos com as relações presentes no patriarcado, conseguimos evidenciar claramente os traços matricentrais, são as mulheres que coordenam a rotina do lar, cuidam dos horários de todos que moram da casa e ao mesmo tempo conciliam suas atividades a prática do benzimento.

Os homens não são vistos, dentro da relação familiar das benzedeiras, como inferiores, ao contrário, elas estabelecem um vínculo de igualdade, cada indivíduo desempenha uma função, e estas funções se interligam para a manutenção e ordem do lar, entretanto a figura da mãe tem maior peso e influência na criação e educação dos filhos "[...] nas sociedades ditas primitivas, o nativo nunca pôs em causa a participação do pai ou da mãe, mas não as situa no mesmo plano" (DIOP, 2015, p. 37).

Os homens que são filhos de benzedeiras aprenderam o ofício com suas mães, avós, tias, dentro de seu vínculo familiar como as benzedeiras mulheres, entretanto são as mulheres que transmitem o dom. Os homens benzedores bem como as mulheres, detêm os conhecimentos apreendidos acerca das ervas, das orações, das práticas e das simpatias.

Entretanto, ao seu turno, são as mulheres que transmitem o dom, ensinam desde o plantio até a forma de colher. A ligação delas com as ervas se fez através da ancestralidade e da espiritualidade, ou seja, existe uma ligação de respeito e fé entre as benzedeiras e as ervas, uma depende da outra para que o ofício seja realizado de maneira correta, a erva na mão de outra pessoa não tem o mesmo poder que nas mãos de uma benzedeira.

Para compreender por que os homens presentes nessas relações aprendem o ofício enquanto filhos mas dificilmente transmitem enquanto pais, legando essa autoridade a mulher (seja ela mãe, irmã, tia, madrinha ou avó da criança), buscamos dentro da tradição matrilinear da África Central, vestígios que remetem as relações familiares. Encontramos a figura do feiticeiro, detentor de poderes sobrenaturais, o feiticeiro demonstra a ideia que os africanos têm acerca da herança patrilinear e matrilinear.

> Apenas se pode ser feiticeiro, dotado de todas as qualidades aqui referidas, isto é, feiticeiro total, caso se seja proveniente de uma mãe feiticeira do mesmo nível; pouco importa aquilo que o pai é. Se a mãe não é dotada de nenhum poder e se o pai é feiticeiro-total (*demn*, em wolof), a criança é feiticeira pela metade: este é *nohor*; não possui nenhuma qualidade positiva do feiticeiro, tem apenas os aspectos passivos. [...] Portanto, vemos aqui que a participação o pai na concepção da criança não é posta em causa, não é

> ignorada, mas que é secundária e menos operante do que a da mãe. (DIOP, 2015, p.38)

São as mulheres que colhem as ervas e preparam os chás, os homens o fazem apenas quando solicitados, os casos observados foram em duas situações: na primeira por estado de saúde física da benzedeira, o que impossibilitava sua locomoção; no segundo caso se a benzedeira estivesse menstruada, período no qual segundo elas a mulher não está apta para entrar na horta.

Quando o chá é ensinado pela benzedeira para que a consulente o faça em sua casa devido ao tempo determinado para o tratamento, as ervas (que depende da disponibilidade no canteiro), nestes casos, são dadas gratuitamente.

As benzedeiras conservam em seus canteiros um misto de temperos, ervas e saladas, algumas ervas são essenciais para o ofício, como o caso da arruda, que além de auxiliar no benzimento é uma forma de escudo contra o mau olhado e agouros, fonte de proteção contra as maldades alheias. Segundo a Dona Maura “se uma pessoa que possui má intenção entra na sua casa, depois que esta vai embora o pé de arruda seca”[21] sinal de que o mal desejado aos que moram ali foi eliminado pela proteção da erva.

As benzedeiras não possuem um horário fixo, atendem sempre que são solicitadas, entretanto procuram benzer antes que o sol se ponha e preferivelmente nos dias de semana, entretanto se o caso for de urgência atendem independente do dia ou horário.

> O tempo é muito importante, por isso é preferível benzer de dia, pois o sol traz energia para fortalecer as orações e o espirito, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo Ilumina e abre os caminhos, o sol também faz. É importante que a pessoa que está sendo benzida fique de frente para a porta, e a porta da casa aberta, para que o mal que está na pessoa não fique dentro da casa, que vá embora, siga seu caminho sem atrapalhar mais ninguém. (BENZEDEIRA - ANA, JUNHO, 2017)

Quando estão enfermas procuram não benzer quando o caso é avaliado por elas como “pesado”, pois para essas orações é necessário que o espirito esteja forte, entretanto fazem o atendimento, ouvem a pessoa e a encaminham a outra benzedeira que possa resolver a situação.

O ofício não interfere na rotina do lar, e é importante compreender que para essas mulheres ser benzedeira faz parte de sua essência, de quem são, não separam

[21] Benzedeira – Dona Chica: Entrevista concedida em: 05 de maio de 2017.

o ser benzedeira, de ser mãe, de ser mulher, ser benzedeira é um ato de generosidade, de reciprocidade, de responsabilidade.

No decorrer das entrevistas observamos que a palavra dom sempre esteve presente, na fala das benzedeiras e na de seus clientes, ligada a um sentido espiritual, “Eu não sei dizer de quando veio, quando começou, acredito que sempre existiu desde que o mundo é mundo, um dom que Deus deu pra nós mulheres para enfrentar a dor, a doença, a vida né” (DONA BINA, 2017)

Na busca para compreender como as benzedeiras desenvolviam seu ofício observamos nas entrevistas a questão da dádiva, não compreendemos enquanto caridade no sentido eurocêntrico da palavra, mas sim como reciprocidade na perspectiva de Sabourin (2008; 2011) e Alain Caillé (2014) no dar-receber-retribuir, concebendo assim um mercado de troca humana.

Na reciprocidade dá-se, recebe-se muitas vezes mais, a relação entre os sujeitos é muito mais simples, desmontando o modelo linear da racionalidade instrumental, pois o mercado se baseia na liquidação da dívida, já a reciprocidade, baseia-se ao contrário, na dívida, seja ela negativa ou positiva a retribuição acontecera de forma voluntária e quando for possível a retribuição. Quando a reciprocidade é considerada positiva compreendemos que o sujeito considera que deve muito mais aos outros, ou seja, o sistema da reciprocidade funciona no polo oposto do sistema mercantil.

Das pessoas entrevistadas, dezesseis fazem parte da terceira geração de benzedeiras na família, entretanto na família da benzedeira Dona Chica e Dona Maura o ofício está sendo ensinado a quinta geração. Observamos que o ofício foi repassado, de uma para outra, por outras mulheres membros da família, percebemos que a dádiva do conhecimento acerca do ofício é compartilhada no meio familiar, repassada nas conversas diárias e no decorrer do cotidiano e somente entre mulheres da mesma família.

Nesse contexto de compartilhamento de saberes, as benzedeiras ensinam as mais novas que, para dar algo de forma adequada é preciso primeiramente se colocar no lugar do outro, fazendo o exercício em compreender, em maior ou menor grau que, como este recebe algo de mim está ao mesmo tempo me recebendo, desta forma ao receber a dádiva a aprendiz recebe junto todo o conhecimento acerca das ervas, das orações, do trato com o outro, da prática do acolhimento.

Segundo Sabourin (2008; 2011) e Alain Caillé (2014) a reciprocidade pode circular entre amigos, vizinhos, parentes, na hospitalidade ou nos serviços prestados ao outro, a dádiva na sociedade moderna, circula entre desconhecidos, nas doações humanitárias, benevolência, doação de sangue, filantropia, etc.

Uma das características do sistema da reciprocidade consiste no fato de que os agentes sociais buscam se afastar da igualdade na devoluta de modo deliberado, entretanto, não significa que a reciprocidade seja unicamente unilateral, ao contrário, há retribuição, e muitas vezes maior que a recebida. Mas devemos compreender que a retribuição não é o objetivo.

As benzedeiras fazem uso de um conjunto de práticas, que vão desde o plantar e colher ervas medicinais, a preparação de chás e orações para demanda de sua comunidade, que foram aprendidas com suas ancestrais.

Cada uma a seu turno, transmite seus conhecimentos as mais novas, desta forma durante os benzimento as mais novas ficam observando os gestos da vó benzedeira, rezam junto quando solicitado, buscam o copo com água e os ramos para o benzimento. Por meio deste contexto as benzedeiras informam as aprendizes qual é a reza para o mal informado pela consulente, qual erva deve pegar no canteiro, quantos goles de água o cliente deve tomar e quantas vezes deve retornar para que fique curado, ou seja, livre do mal, da dor ou dos sintomas que o fez buscar por auxilio.

3.2 PRÁTICA COMUNITÁRIA

Segundo Sabourin (2011) a reciprocidade pode ser dividida em quatro elementos teóricos, sendo que, o quarto elemento da teoria remete aos diferentes níveis do princípio de reciprocidade e aos modos que lhes são específicos, existindo três planos ou níveis de reciprocidade: o real, o simbólico (a linguagem) e o imaginário (as representações), compreendemos que as relações da comunidade com as benzedeiras se desenvolvem nos três níveis.

No real, observamos que tanto as benzedeiras quanto as consulentes, acreditam, confiam e respeitam os vínculos criados através dos processos do benzimento, entretanto para que a reciprocidade real aconteça os três níveis de reciprocidade devem estar interligados, pois a nível simbólico os consulentes delegam as benzedeiras o poder da linguagem, é através da linguagem que elas curam, acolhem e aconselham, a reciprocidade se faz presente nas orações das benzedeiras

(dar a palavra), na confiança das consulentes (receber a palavra), no agradecimento dos clientes pela cura, na procura e confiança dos clientes na oração das benzedeiras. A nível imaginário observamos que as consulentes desenvolvem em torno das benzedeiras ideais de valores, normas e condutas de vida, a benzedeira carrega com sigo traços de representações comunitárias, uma senhora idosa, religiosa, dona de casa, mãe, entre outros atributos que constituem o imaginário de uma mulher bondosa, paciente, sabia e forte.

Uma das benzedeiras do Bairro Segredo já vivenciou mais de trinta e cinco anos de ofício, tem conhecimento sobre a vida familiar de seus clientes, visita os mesmos quando acha necessário, acompanha gestantes durante o período da gravidez, dá conselhos, faz simpatias para ajudar no parto normal. Frequentemente ela recebe como forma de agradecimento convites para ser madrinha dos filhos de suas clientes, por isso esse vínculo entre benzedeira e clientes engloba a totalidade sugerida pelos autores do conceito da teoria de reciprocidade.

Compreender que essas mulheres benzedeiras ensinaram e ensinam outras mulheres a resistirem a dor, gestação, enfermidades, casamento, filhos, enfim a sobreviver dentro do sistema racista, patriarcal e capitalista, nos faz perceber quão necessário é desenvolver trabalhos que evidenciem a luta e resistência do ofício da benzedeira em nossa sociedade.

Em comunidades onde as vozes (feminina e masculina) são tidas como iguais, os cuidados com o outro e o desenvolvimento da *care* é um comportamento humano, já em sociedades patriarcais a *care* é algo aprendido, ensinado (cursos na área de saúde), e quando ligada aos homens, tem uma ligação de subalternidade social, ou seja, apenas aqueles que estão passiveis da vulnerabilidade podem aprender a *care*.

Essas mulheres desenvolvem e compartilham saberes tradicionais, ancestrais e matricentrais, agregados ao ser mulher, mãe, profissional, companheira, etc., em seu meio familiar e nos vínculos comunitários. Atributos do feminino relativos ao cuidar são evidenciados pela atitude de benzimento, de orientação diária, incluindo os saberes de ervas medicinas e práticas alimentares. Esse tipo de cuidado comunitário rompe com a noção de privacidade, em termos espaciotemporais. A casa de sua família é local de atendimento a todos e quaisquer pessoas que precisam de sua atitude, bem como sua existência depende do tempo alheio, de quando as procuram.

> Fui na casa da Dona Maura levar minha filha que não estava muito bem, estava com as bichas atacadas, chorando e reclamando bastante. Quando

> cheguei lá o marido da Dona Bina tinha acabado de chegar do hospital, ela me disse que ele faz tratamento para câncer, dava para ver que estava muito cansada, disse que não benzia com gente doente em casa, que não era muito bom, quando estava saindo ela me chamou “fia vem cá”, voltei e ela disse, vou benzer a nenê, não posso deixar uma criança voltar pra casa sem atendimento, benzeu a nenê, fez chimarrão, sentou e me convidou para tomar umas cuias com ela. Fiquei uma meia hora lá, nesse tempo ela me atendeu, me dava atenção, cuidava do marido e ia providenciando a janta. (Consulente da Benzedeira Dona Bina)

Os processos educacionais se evidenciam no cotidiano da comunidade, através da experiência comunitária que produz o cotidiano e o reproduz.

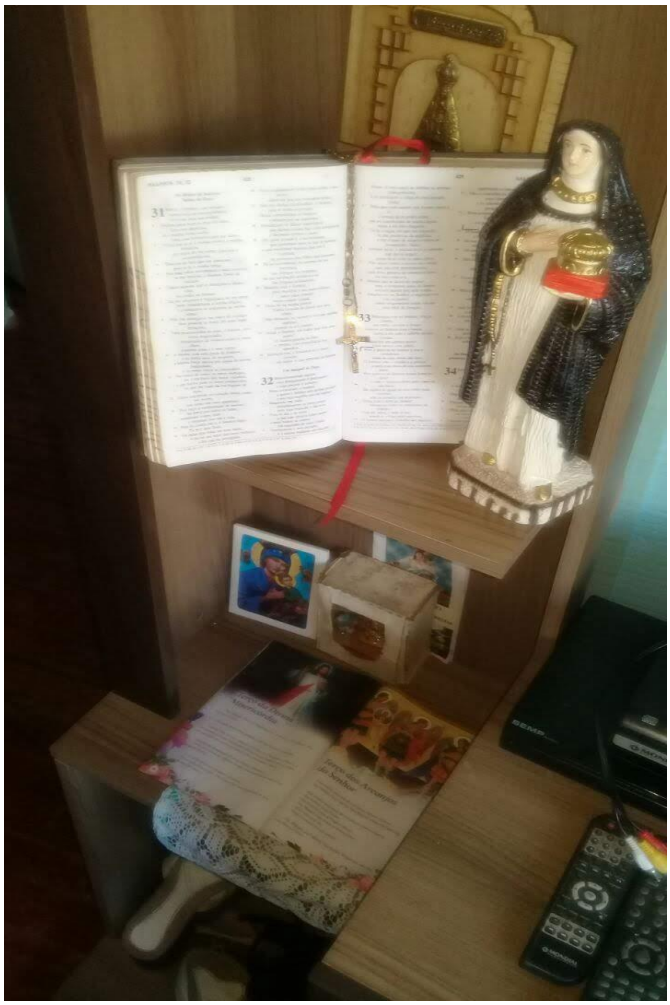
O ofício faz parte da rotina da casa, a Dona Bina ao falar da organização familiar aliada ao ofício evidencia a organização matricentral presente na formação da benzedeira e na construção do ser humano, “tem que se preparar para essa vida”, sendo a dádiva e a reciprocidade fatores primordiais para essa formação. Já a Dona Chica ao falar do ofício demostra a dádiva presente nas relações familiares, benze desde seus cinco anos, foi ensinada pela avó, depois ensinou sua filha Dona Maura, e está preparando a neta para o ofício.

3.3 ALTARES DAS BENZEDEIRAS

O altar não é o único espaço sagrado no contexto da casa, eles complementam outros espaços como a horta e os canteiros de ervas. Entretanto, o altar demarca o espaço do sagrado na prática dos rituais de benzimento no interior das casas dessas senhoras, é diante dele que a benzedeira ora e faz atendimentos.

Os altares estão constantemente em construção, reúnem as diversas representações religiosas (desenhos, imagens, estatuas, votos, fotos, objetos religiosos, devocionais e relíquias sagradas) junto a outros objetos, que ali são arranjados em função de sua estética ou de ressignificações.

Imagem 3 - Altar: Sala do Benzedor Sr. Dorico



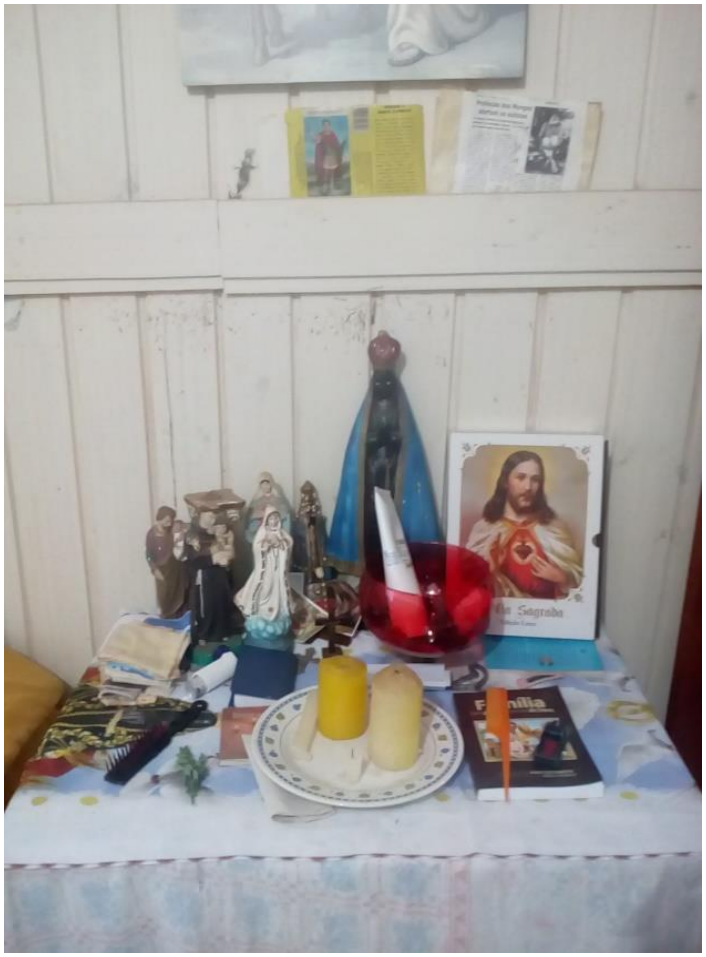
Fonte: Acervo da autora, 2018

Geslline Giovana Braga em *Retratos da Bênção* (2010) relata sua experiência do convívio no decorrer da pesquisa com as benzedeiras de Campo Largo. Faz apontamentos sobre os altares e seus significados para as benzedeiras desta cidade.

> Os objetos de uso no ritual também são exibidos no altar, como as plantas, a água, agulhas, tesouras, palhas, ovos, fios, cera de abelha, entre outros. Os altares ainda são preenchidos por objetos unicamente decorativos, tudo aquilo que parece belo ou especial para benzedeira o destino é o altar, laçarotes de buquês, troféus, papel de ovos de páscoa, etc. A construção dos altares, o lugar que ocupam na casa, a disposição dos santos, os usos da fotografia e os objetos industrializados são elementos sígnicos que levam a uma compreensão do tipo de religiosidade exercida pela benzedeira. (BRAGA, 2010, p.15)

São lugares de devoção e também de contemplação. Formados a partir das crenças individuais, familiares, os altares das benzedeiras pesquisadas, são constituídos de imagens de santos católicos, na sua maioria santas mulheres como a exemplo a imagem de Nossa Senhora Aparecida e Maria. Aprendemos aspectos religiosos, de vivências e de sua história de vida na oralidade das benzedeiras, compreendemos que o retrato ultrapassava, nas narrativas, a condição inicial da fotografia como ícone e índice.

Imagem 4 - Altar: Quarto da Benzedeira Dona Bina



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Braga (2012) em *Altares de benzedeiras – A Arte do Excesso* comenta que a finalidade do altar é devocional e ritualística, mas que também pretende causar empatia através do ornamento. Logo, existe o desejo entre as benzedeiras de produzir o belo quando se constrói um altar.

> O altar demarca o espaço do sagrado, diante dele a benzedeira ora, recebe consulentes e faz atendimentos. Estão constantemente em construção, reunindo representações em desenho e estatuária, ex-votos fotográficos e de outras naturezas, objetos religiosos, devocionais e relíquias sagradas junto a outros objetos 'industriais', que ali são arranjados em função de sua estética ou de resignificações [sic] e usos rituais. Lugares de devoção e também de contemplação, pois existe a intenção de produzir o belo e encantar o receptor. Os altares são elementos visíveis de mediação com o sagrado, simbolizam o poder da benzedeira e quando seus significados são explorados etnograficamente revelam-se como um campo em si a ser pesquisado. (BRAGA, 2012, p.2)

Baseado em Bosi (1994) os relatos das vivências das benzedeiras pesquisadas evidência uma narrativa atemporal, são memórias soltas que interligadas entre si, nos possibilitam compreender as aprendizagens vivenciadas e transmitidas no decorrer do tempo.

Essas aprendizagens, construídas individualmente e coletivamente, no meio familiar e na comunidade formam os saberes tradicionais. Os saberes tradicionais evidenciam os processos de aprendizagens pelos quais a comunidade passou, as rupturas e (des)continuidades dos processos educacionais de (auto)construção do espaço, de suas regras e de suas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda percebemos que a temática do benzimento em educação lida diretamente com os efeitos do preconceito e do racismo velado, enquanto processos oriundos do colonialismo. De um lado, o benzimento está relacionado com a cultura popular e a produção de saberes comunitários distantes da centralidade da educação formal, por isso não tendo o reconhecimento institucionalizado ao bem-estar coletivo e sem a legitimidade de uma perspectiva de cura como inserida na concepção biomédica de doença. Por outro lado, e provavelmente em relação direta a esse silenciamento, o vínculo familiar é o catalizador dos processos educativos em uma relação direta com o reconhecimento comunitário local.

Com efeito, a dinâmica educacional do benzimento pôde ser compreendida por intermédio da interdependência da dádiva, reciprocidade, matricentralidade e ancestralidade. As interlocutoras e o grupo em foco demonstraram que a perpetuação de determinados saberes de uma forma silenciada caracteriza os desdobramentos de resistências diante do desprezo patriarcal, capitalista e racista – inclusive até por manifestações obtusas de líderes cristãos externos à comunidade e contrários a essa prática. Por isso, esse processo contínuo de produção de bem-estar comunitário pela prática de benzimento, pela experiência comunitária no entorno das ações desse grupo de benzedeiras e benzedores, esteve localmente inserida em grupos familiares específicos e transmitidos por gerações de mãe para filha.

Logo, entender que diante às práticas institucionalizadas e eurocêntricas as mulheres negras são protagonistas de uma pedagogia de resistência. Apresentam por suas atitudes de cuidado coletivo práticas culturais imemoriais, orquestrando na relação familiar a perpetuação do aprendizado que se produz e reproduz no reconhecimento diário da comunidade. Posto que, a seu turno, a experiência do benzimento, curar e ser curado, fortalece o poder simbólico de um passado distante, mas que se utiliza das mulheres, e quanto mais velha mais poder acumulado, a responsabilidade de alterar a experiência do presente pelo uso de ervas e de seu corpo para produzir um futuro próximo mais harmônico.

Evidenciamos no decorrer da pesquisa aspectos primordiais para a compreensão dos saberes tradicionais referentes ao benzimento dentro da estrutura comunitária e familiar. Os saberes tradicionais comunitários da figura da benzedeira correspondem a: autoridade religiosa; autoridade espiritual; autoridade territorial, esta

última abrange as anteriores, mesmo o território sendo a casa das benzedeiras, precisamos compreendê-lo enquanto espaço familiar e comunitário.

Aspectos da autoridade religiosa:

- É conferido pelas consulentes e pela comunidade as benzedeiras devido a prática do benzimento estar correlacionada a orações, ritos e simpatias que evidenciam o sincretismo religioso do ofício com as práticas do cristianismo;
- Para as benzedeiras não importa a religião das consulentes;
- Para as consulentes a prática religiosa das benzedeiras têm significado, principalmente se estas seguem a prática do cristianismo;
- As benzedeiras cujas práticas religiosas evidenciam sincretismo religioso com a Umbanda ou Candomblé são mais procuradas, entretanto suas consulentes preferem manter sigilo sobre os atendimentos.

Autoridade espiritual, principais aspectos:

- As consulentes delegam as benzedeiras total autoridade sobre seu espírito, para que desta forma elas possam ser tratadas e curadas dos males que as aflige;
- As consulentes levam as benzedeiras como madrinhas de seus filhos, esse laço de confiança entre madrinha e afilhado é criado a partir do pressuposto que depois dos pais a pessoa que tem maior autoridade espiritual sobre a criança são os padrinhos;
- Para poder expulsar encostos, maus espíritos e mau agouro a benzedeira precisa ter o elo de confiança espiritual entre ela e a consulente.

Autoridade Territorial, principais aspectos:

- A casa, o terreiro, a horta, os canteiros correspondem o território de autoridade das benzedeiras;
- A casa é dividida entre espaços familiar e espaços comunitários, são os espaços comunitários tidos como sagrados, exemplo disso o local (peça da casa) onde está o altar;

- Cozinha: Local de aprendizado familiar, território onde as benzedeiras transmitem suas práticas e saberes referentes a alimentação, chás, temperos, formas de tratamentos as suas aprendizes;
- Altar: território sagrado tanto para benzedeira quanto para as consulentes. É também onde as benzedeiras transmitem as aprendizes as orações, formas de diagnóstico e atendimento;
- Sala: Espaço de generosidade e reciprocidade, é na sala onde as consulentes são recebidas, onde o primeiro contato entre benzedeira e consulente é efetivado. É neste momento onde a relação de confiança é estabelecida, aqui a benzedeira ouve as consulentes é um espaço de partilhamento comunitário e familiar. Nesse espaço as aprendizes observam as mais velhas, ouvem discretamente os conselhos e não interferem na conversa, levam café, chimarrão, ervas e chás quando solicitadas. Esse espaço é de aprendizagem e troca entre benzedeira e consulente, benzedeira e aprendiz;
- Quarto: o quarto da benzedeira é espaço intimo dela e de seu companheiro. Entretanto ela recebe nesse espaço para atender (em cima da cama) crianças de colo, isso quando necessário fazer massagem, medir das bichas, de quebradura e rendidura;
- O terreiro: local onde são feitas algumas simpatias: para dias de chuva forte, para tempo de quaresma, para limpeza e proteção da casa e das pessoas que moram nela. É espaço de uso familiar e comunitário;
- A horta e os canteiros: local onde os saberes tradicionais são transmitidos entre a família, principalmente entre benzedeira e aprendiz. Desde o plantio a colheita das ervas, chás, legumes, frutas, verduras são ensinados. A horta e os canteiros estão diretamente ligados ao território da cozinha, um local depende do outro para que as aprendizagens sejam transmitidas. São espaços de exclusividade familiar.

Como nos explica Barth (2000) essas fronteiras culturais não são perceptíveis a olho nu, entretanto fazem parte do contexto no qual a comunidade tradicional está inserida e sua aprendizagem e dependem de como a comunidade tradicional se adaptou a comunidade capitalista. Podemos observar que mesmo o município se

adaptando ao sistema e estrutura capitalista as benzedeiras perpetuaram através do tempo seus saberes tradicionais e estes se evidenciam na comunidade principalmente nas práticas de cuidado e autocuidado (pessoal, familiar e comunitário).

A autoridade concedida a essas mulheres benzedeiras se dá pelo seu poder de orientação. Logo legitima o ambiente familiar como espaço religioso, de cura, de tratamento, ou seja, seus lares passam a ser percebidos como espaço do sagrado onde concomitantemente ao ofício também desenvolvem suas práticas cotidianas. Para as consulentes a benzedeira é vista como “aquela que detêm o poder de curar” independente da prática religiosa das consulentes a benzedeira é colocada em um lugar-patamar social e comunitário de autoridade.

A casa da benzedeira, como um todo, possui representações das aprendizagens vivenciadas pelo ofício, transmitidas a elas pelas relações matricentrais e ancestrais. Encontramos traços de aprendizagens na cozinha, nos temperos, na horta, no conhecimento das ervas, no cotidiano em geral, contudo percebemos que no que tange a prática do benzimento em si todas possuem um espaço separado na sua casa, o altar.

No altar estão representados tanto a religiosidade da benzedeira quanto de suas consulentes, são imagens, quadros, esculturas em gesso, terços, rosários, bíblia, caderno de orações, caderno de rezas, copo ou jarra de água, velas, ervas, chás, fotos, entre outros adereços que a benzedeira julgue ser necessário ou importante para a composição do altar. O altar (nas casas pesquisadas) se encontram na sala ou no quarto, a escolha é feita pela benzedeira e segue critérios próprios de elaboração e construção.

A água utilizada para o ofício provém do sistema hidráulico municipal e da fonte de São João Maria. No primeiro caso, se a benzedeira julgar necessário, a água deve passar por purificação, sendo assim as benzedeiras tem por prática deixar um recipiente com água na frente do rádio ou televisão para o momento de benzimento da água feito por padres em programas religiosos.

Evidenciamos que dentro do ofício ocorre uma pré-seleção para o benzimento, tanto do mal que aflige a pessoa, quanto para o encaminhamento até a benzedeira.

> O nenê não estava bem, tinha cólica, dor na barriga e chorava bastante. Eu já não sabia mais o que fazer, fui pedindo de um para outro até que me indicaram a dona Chica, quando cheguei até ela foi muito bondosa me acolheu e fez as orações, mas me encaminhou ou a Dona Maura ou a Dona Bina que são benzedeiras de bichas em crianças, fui até Dona Maura daí. Ela

> (Dona Chica) é a maior autoridade no benzimento, mas neste dia estava doente, ela benze de tudo, de qualquer mal e de qualquer idade. (Consulente da Benzedeira Dona Maura).

O nível de conhecimento de uma benzedeira é medido primeiramente pelo tempo que mora na comunidade, depois por sua idade, e por último pelo conhecimento especifico em tratar determinados males e seu conhecimento acerca do manejo das ervas. Quanto maior é seu conhecimento sobre os males que afligem a comunidade maior a aprendizagem e saber a ser transmitido, evidenciando assim seu poder dentro do grupo.

Desta forma a rede de cuidados e compadrio não somente auxilia as benzedeiras e as consulentes, como evidencia os princípios que fundamentam e norteiam as relações dentro do ofício, ou seja, a generosidade nas relações. A generosidade desenvolvida entre elas se evidencia através da reciprocidade desenvolvida no decorrer dos seguintes processos: da busca (da consulente pela benzedeira); do encontro entre elas; do tratamento até a cura e das relações firmadas a partir desse encontro. Cabe ressaltar que mesmo as benzedeiras que não fazem parte da rede de compadrio compartilham dos mesmos princípios que suleam o ofício do benzer, o que as diferencia enquanto ofício é o fato de que algumas benzedeiras não possuem vínculos (afetivos e familiares) com outras benzedeiras da comunidade, entretanto indicam e encaminham as consulentes para tratamento com outras benzedeiras caso julguem necessário e também recebem consulentes das benzedeiras que estão dentro da rede de compadrio.

Dentro da rede de compadrio evidenciamos que as aprendizagens acerca de ervas, chás e simpatias se dá no cotidiano, exemplo disso são as rodas de conversas entre as benzedeiras e benzedores, compadres e comadres. Ao se visitarem para um chimarrão a tarde, um almoço ou qualquer encontro oportuno, descrevem suas práticas e assim possibilitam as trocas de informações sobre o ofício.

A observação da rede de compadrio nos possibilitou também compreender porque os homens benzedores, mesmo sendo detentores dos saberes tradicionais repassados por suas ancestrais, vivenciam esses saberes no cotidiano de seu ofício, mas não são transmissores desses conhecimentos aos seus descendentes. Para tal compreensão apontamos aqui as seguintes observações que foram feitas:

- A cozinha é onde a maioria dos saberes são transmitidos, onde a aprendizagem acerca dos temperos, ervas e chás ocorrem. Sendo a

cozinha território de ocupação feminina nessas famílias são as mulheres que transmitem as mais novas as aprendizagens do ofício;

- O cotidiano da casa é fator primordial para a transmissão dos saberes pois a generosidade, afetividade e compreensão do ofício estão intrinsicamente ligadas a forma como essas mulheres foram criadas, como foram orientadas no dia-a-dia, sendo as mulheres responsáveis pela organização da rotina familiar os homens benzedores ao seu turno por terem pouco envolvimento com essa rotina, tendo dentro da estrutura familiar outras obrigações, não transmite seus saberes;
- As mulheres, diferentemente dos homens benzedores, têm por hábito se visitarem e compartilharem vivências familiares e do ofício. Dentro deste contexto as mais novas podem observar e ouvir as mais velhas, assim vão tomando conhecimento do ofício, aprendem sobre o cuidado com o outro e o autocuidado. Aprendem sobre a vida familiar, sobre as relações humanas e de como a generosidade contida na fala da benzedeira pode orientar outras mulheres a superar seus problemas, suas dores e doenças.

Logo, a transmissão dos saberes tradicionais que são fundamentais para a formação de outras benzedeiras e benzedores depende exclusivamente da rotina familiar dentro de casa, que é território de domínio das mulheres. Sendo assim, enquanto filho de benzedeira os homens vivenciam essa rotina de tal forma que também se constroem enquanto benzedores, mas ao seu turno deixam de vivenciar a rotina de domínio materno, assumindo outras funções, o que os impossibilita de transmitir seus saberes referentes ao ofício.

Deve-se levar em consideração que a construção do ser benzedeira-benzedor é muito mais que o acompanhamento diário, mas sim as aprendizagens vivenciadas dentro dos princípios da afetividade, generosidade e reciprocidade.

Evidenciamos que os saberes tradicionais do ofício das benzedeiras auxiliaram a comunidade de Foz do Jordão a resistir através do tempo principalmente pelo conhecimento das benzedeiras sobre a gestação, dos cuidados pré e pós gestação que se deve ter tanto com a mãe quanto com a criança. As benzedeiras-parteiras como a mãe de Dona Bina, que atuou por cerca quarenta anos na região e da parteira Dona Eulália, que desenvolveu segundo seus familiares o ofício por mais de quarenta anos na região.

Para compreender como a rotina familiar se estabelecia na ausência destas mulheres para exercer o ofício fora de casa a benzedeira Dona Bina descreveu a rotina da casa de sua mãe, no período em que ela desenvolvia o ofício, encontramos outras narrativas como as do Sr. Dorico e Dona Chica que condizem com a rotina familiar. São relatos de mulheres benzedeiras que cuidavam do atendimento de outras mulheres e concomitantemente eram responsáveis pela organização do cotidiano familiar. Quando as benzedeiras se ausentavam de suas funções dentro do seio familiar para desenvolverem seu ofício na comunidade, eram outras mulheres do grupo familiar que cuidavam para que a rotina familiar se mantivesse. Mesmo com a presença paterna, tias, avós e irmãs ficam incumbidas de dar segmento dos afazeres domésticos e do cuidado com outras crianças da casa.

> Por um determinado tempo eu odiava o fato de minha mãe ser benzedeira e parteira. Ela estava sempre fora, sempre atendendo os outros, cuidando de outras mulheres e seus filhos, chegava de um parto e já ia atender outro, a cavalo, a pé, de carroça, do jeito que dava. E como eu era a mais velha fica incumbida de cuidar de tudo, limpar a casa, cuidar dos mais pequenos, cuidar para fazer a comida na hora certa. Meu pai chegava da roça e já estava tudo em ordem, as crianças tomadas banho e a comida na mesa (BENZEDEIRA DONA BINA, JANEIRO, 2018).

Ainda hoje ocorre desta maneira a organização familiar em torno do ofício. A figura paterna e as responsabilidades do homem não abrangem neste grupo a obrigatoriedade das funções de cuidados com a casa e orientação das crianças, entretanto estes têm fundamental importância na criação, educação e formação da família, o fato destes não compartilharem dos cuidados ou dos saberes referentes ao benzimento não diminui a sua importância na estrutura familiar, evidenciando assim a saberes tradicionais presentes nas relações familiares.

Todas as pessoas que desenvolvem, neste grupo, o ofício de benzer, possuem conhecimento acerca das ervas, chás e simpatias, entretanto ressaltamos que para o preparo das garrafadas exige um conhecimento especifico maior, uma aprendizagem sobre as misturas de ervas e chás diferenciada. Logo a transmissão deste conhecimento depende de um contato e conhecimento maior sofre a flora local, contudo evidenciamos que o respeito pela biodiversidade é prática comum de todas as famílias de benzedeiras que foram pesquisadas.

As garrafadas auxiliam em determinados males, principalmente dos que afligem o corpo da mulher e de criança. Existem garrafadas para: pré gestação, pós gestação, para o período gestacional, recaída, amarelão, anemia, problemas no

fígado, problemas nos rins, friagem corporal, bichas e sujeira no sangue. As garrafadas em geral têm como função o fortalecimento, limpeza e cura do paciente.

As simpatias são procuradas pelas consulentes de forma a prevenir ou solucionar alguns males pessoais, existem simpatias para: saúde do corpo, saúde mental, casamento, namoro, para os filhos, de mulher para o marido, do marido para a mulher, para dívidas, problemas pessoais, afastar mau agouro, proteção da casa e proteção do corpo. Algumas simpatias, como a de proteção de corpo e casa, podem ser feitas tanto pelas benzedeiras quanto pelas consulentes, entretanto primeiramente as consulentes devem aprendem a fazer a simpatia com a benzedeira para depois repetir a simpatia quando julgarem necessário.

Com relação aos males do corpo e do espirito as benzedeiras atendem todos os casos que chegam a elas, nunca dispensam ninguém. Recebem, ouvem a pessoa, compreendem suas necessidades, fazem o diagnóstico do mal que está afligindo a pessoa. Depois de diagnosticar as necessidades da consulente a benzedeira descreve o que será feito para tratar, quando é caso de benzimento, quando é caso de chás, quando é caso de simpatia, quando devem encaminhar a outra benzedeira e quando devem encaminhar a pessoa ao centro de saúde municipal.

Evidenciamos que dentre todos as enfermidades pelas quais as benzedeiras são procuradas, (nos casos observados e nas entrevistas das benzedeiras) as enfermidades relativas a infância e ao período gestacional estão no topo dos benzimentos mais realizados. Salientamos ainda que os atendimentos são feitos de forma gratuita, não há cobrança alguma de valores por parte das benzedeiras no que tange a questão das orações e benzimentos. Em casos de simpatias onde há a necessidade de comprar alguns objetos, adornos ou ervas e chás, caso a benzedeira não possua em sua residência, é cobrado apenas o valor dos objetos comprados para efetivar a simpatia, ou a aquisição dos objetos fica por conta da consulente.

Contudo, evidenciamos que as benzedeiras recebem muitos presentes, as consulentes agradecidas retornam e trazem consigo presentes como: flores, imagens de santas, bíblias, terços, jogo de copos, pano de prato, feijão, leite, galinha, etc. Há também aquelas consulentes que após a cura do filho levam a benzedeira como madrinha da criança - nesse grupo estudado todas têm afilhados que foram inicialmente atendidos por elas.

Com relação ao domínio do conhecimento acerca das ervas e chás evidenciamos que:

- As consulentes podem aprender a fazer chás para tratamento em casa;
- As consulentes podem aprender a fazer simpatias;
- As consulentes podem aprender a fazer orações para proteção;
- As consulentes não têm poder de cura sobre outras pessoas além de seu próprio corpo e espirito;
- As benzedeiras têm poder espiritual sobre suas consulentes;
- As benzedeiras têm poder sobre as ervas e chás;
- Há orações que só podem ser desenvolvidas por benzedeiras;
- Há simpatias que só podem ser desenvolvidas por benzedeiras;
- Há chás que só podem ser feitos por benzedeiras;
- As garrafadas só podem ser feitas por benzedeiras;
- O atendimento é feito na casa das benzedeiras. Atendimento em outra residência somente em casos de enfermidades onde a/o consulente não possa ir até elas e em situações de batizados de sete dias, onde nem a mãe ou a criança podem se deslocar de sua residência, respeitando o resguardo referente a essa data específica;
- A fronteira entre os saberes fica preestabelecida dentro da relação entre a benzedeira e suas consulentes;
- A dádiva da aprendizagem referente ao dom só se transmite no ambiente familiar e por mulheres seja para seus filhos homens ou para filhas mulheres, mas não encontramos a transmissão de pai para filho ou filha.

Evidenciamos que os saberes tradicionais dessas benzedeiras fazem parte do contexto de fundação, formação e continuidade do território do município de Foz do Jordão. Sem o conhecimento delas acerca da biodiversidade local, sem a generosidade em auxiliar o outro em suas aflições muitos teriam padecido, mães não conseguiriam ter dado a luz sozinhas. Em busca de recursos aqueles que puderam buscaram cidades mais estruturadas, entretanto os que sofrem são aqueles com menos condições, sem poder aquisitivo.

Salientamos ainda que dentro do contexto socioeconômico e cultural do município de Foz do Jordão as benzedeiras narram fatos de auxílio a munícipes de todas as condições financeiras.

> Já atendi quem não tinha um pão para colocar em cima da mesa, a criança chegou aqui com muita bicha e amarelão. Estava tomada pela mingua, atendi a mãezinha que com cabeça baixa pediu que “eu desse um jeito na criança” pois segundo ela já não sabia mais o que fazer. Sentou na sala com o filho, peguei o menino no colo e levei até meu altar no canto da sala, depois levei até o quarto para colocar ele deitadinho para medir da mingua, estava tão fraquinho que mal conseguia parar em pé. Depois do benzimento esquentei o feijão, coloquei carne com caldo e dei pro menino comer. Fiz o tratamento por três meses, hoje é homem feito, sou madrinha dele. As pessoas precisam do tratamento, mas precisam de atenção e cuidados também. Como atendi muitos casos assim, já atendi filhos de fazendeiros, gente rica, cheia de bens e poses. Do mesmo jeito atendi com muito amor e carinho e nunca cobrei nada. Eles sempre voltam agradecer e trazer uma lembrancinha, não importa qual a condição financeira todos saem muito agradecidos (DONA CHICA, NOVEMBRO, 2017).

Desenvolvem dentro da comunidade a preservação da biodiversidade. Ensinam o respeito ao equilíbrio e convivência entre humanidade e natureza. Ensinam as crianças desde pequenas sobre seu compromisso para a continuidade da vida dentro do território.

O conhecimento das benzedeiras sobre ervas evidencia uma aprendizagem voltada para o cuidado com a saúde: “para todo mal existe uma erva, Deus não colocaria na Terra doença que não pudesse ser curada” (JOANA, 2017).

Lembramos ainda que mesmo atualmente com a saúde municipal estruturada com equipamentos e médicos especializados, os serviços das benzedeiras ainda são procurados. O que evidencia a autoridade que elas possuem dentro da comunidade, mesmo que silenciado e negligenciado por alguns setores da sociedade o ofício do benzimento desempenha um papel fundamental no auxílio a saúde comunitária, principalmente por desenvolver um papel que é fundamental para a qualidade de vida das pessoas que é a prevenção a doenças

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Revista Scielo. Cadernos de Pesquisa, n.113, 2001, p.51-64.

BOSI, Ecléia. **Memória & sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo, SP. Editora: Companhia das Letras, 1994.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras, a análise da cultura nas sociedades complexas. In: Barth, F. (org: Tomke Lask*):* **O guru, Iniciador e outras variações antropológicas***.* São Paulo: Contra Capa, 2000.

BRAGA, Geslline Giovana. **Retratos da Bênção – Uso da Fotografia entre as Benzedeiras de Campo Largo***.* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Departamento de Antropologia, Mestrado em Antropologia Social. 2010.

BRAGA, Geslline Giovana. **Altares de Benzedeiras - A Arte do Excesso***.* Trabalho apresentado na 28º Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 2 e 5 de julho, em São Paulo, SP, Brasil. 2012. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/programacao/grupos_trabalho/artigos/gt48/Geslline%20Giovana%20Braga.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

BRASIL, IBGE. **População.** 2010. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-jordao/panorama. Acesso em: 15 de maio de 2018.

BRASIL. **Lei 11.645/08**, Brasília – 2008. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 20 de maio de 2017.

CAILLÉ, Ailan. Dádiva, Care e Saúde. **Sociologias***.* Porto Alegre. ano 16 no 36. mai/ago 2014. p. 42-59. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n36/1517-4522-soc-16-36-0042.pdf . Acesso em: 30 de outubro de 2018.

CUNHA M. C da. **Cultura com aspas e outros ensaios***.* São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

DA SILVA, Jefferson Olivatto*.* **Religião e africanidades: práticas culturais de longa duração.** In: GIL FILHO, Sylvio fausto**. Liberdade e religião: o espaço sagrado no século XXI***.* Curitiba: CRV, 2016. p. 39-50.

DIOP, Cheikh Anta**. A Unidade Cultural da África Negra.** Esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica. Editora: PEDAGO, 2015.

STRAUSS, Claude Lévi. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes. 1982.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo. Cosac Naily, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3012986/mod_resource/content/0/Mauss_Marcel_Sociologia_e_antropologia_2003.pdf. Acesso em: 10 de abril 2017.

OLIVEIRA, E. R. *Doença, Cura e Benzedura. 1983.* **Um Estudo sobre o Ofício da Benzedeira em Campinas**. 1983. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

OLIVEIRA, E. R. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1984.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzição**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985.

SABOURIN, Eric. Teoriada da Reciprocidade e sócio-antropologiado desenvolvimento. **Sociologias.** vol.13 nº. 27. Porto Alegre. May/Aug. 2011**.** Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222011000200003. Acesso em: 25 de março de 2017.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Rev. bras. Ci. Soc.** São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-138, fevereiro de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 de novembro de 2018.

WALSH. Catherine. ***Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época.*** Universidad Andina Simón Bolivar. Ediciones Abya Yala: Quito, 2009. Disponível em: http://www.derecho.uach.cl/documentos/Interculturalidad-estado-y-sociedad_Walsh.pdf. Páginas 15-16. Acesso em: 27 de junho 2018.

ANEXOS

ANEXO 01 - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

TITULO: BENZEDEIRAS – A EDUCAÇÃO DE RESISTÊNCIA FEMININA DE MULHERES NEGRAS PELAS ERVAS

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva
Orientanda: Marcia Denise de Lima Dias **(42) 999058915** mardias2020@gmail.com

1. **DADOS PESSOAIS**

Nome:_____

Data de Nasc:____/____/_____ **Natural de:**_____

Rua:_____ **Bairro:**_____ **nº**_____

Tel: ( )_____ **cel: ( )**_____

2. **Com relação a sua cor, você se considera:**

( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena

( ) Outros/Especifique:_____

3. **Nível de Escolaridade:**

( ) Analfabeta ( ) Sabe ler e Escrever ( ) Nível Fundamental Incompleto

( ) Nível Fundamental Completo ( ) Nível Médio Incompleto

( ) Nível Médio Completo ( ) Outros /Especifique:_____

Dados Específicos para a Pesquisa:

4. **Por qual nome as pessoas te chamam ou te conhecem?**

_____

5. **Mora no município de Foz do Jordão a quantos anos?**

5 a 10 anos ( ) 21 a 30 anos ( ) 41 a 50 anos ( )

11 a 20 anos ( ) 31 a 40 anos ( ) outro ( ) Especifique:_____

6. **Qual Religião prática:**

( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Umbandista ( ) Espirita

( ) Outra/Especifique:_____

7. **Considera-se:**

( ) Benzedeira ( ) Rezadeira ( ) Erveira ( ) Parteira ( ) Curandeira

( ) Outros/Especifique:_____

8. A quantos anos prática o Benzimento/Reza/Cura?

_____

9. Quem lhe ensinou o Ofício?

( ) Mãe ( ) Pai ( ) Avó ( ) Tia

( ) Outro/Especifique:_____

10. Já ensinou algum familiar o Ofício?

( ) Não ( ) Sim

11. Se a resposta da pergunta anterior for SIM especifique a quem ensinou o Ofício:

( ) Filha ( ) Neta ( ) Sobrinha ( ) Irmã

( ) Outro/Especifique:_____

12. Há quantas gerações a família desenvolve o Ofício?

( ) Uma ( ) Duas ( ) Três ( ) Quatro ( ) Cinco ou mais

13. Usa ervas no Benzimento/Reza/Cura?

( ) Sim ( ) Não

14. Indica ervas para os(as) clientes?

( ) Sim ( ) Não

15. Qual fase da vida humana mais necessita de seus serviços?

( ) Infância ( ) Adolescência ( ) Juventude ( ) Adulta

16. Quem você mais atende?

( ) Crianças ( ) Homens ( ) Mulheres

17. Existe um dia, período do ano ou fase da vida em que você não pode Benzer/Rezar/Curar?

( ) Não ( ) Sim,

Qual?_____

_____

18. Qual a forma de retribuição acontece pelas pessoas atendidas?

_____

19. Você tem um local na sua casa especifico para realizar seu Ofício?

( ) Não ( ) Sim

20. Se a resposta da pergunta anterior for SIM, especifique?

( ) Quarto ( ) Sala ( ) Cozinha ( ) Outro - _____

21. Existe um altar em sua casa ou local onde guarda seus materiais para realizar seu Ofício?

---

22. Se a resposta da questão anterior for afirmativa responda como selecionou/escolheu esses objetos?

_____

_____

_____

23. Quais objetos você utiliza durante o benzimento/reza/cura?

_____

24. Você tem um horário especifico para atender seus clientes?

( ) Não ( ) Sim

25. Você tem um dia da semana especifico para atender seus clientes?

( ) Não ( ) Sim

26. Quais tipos de ervas você usa e para qual procedimento?

1	**2**	**3**
4	**4**	**6**
7	**8**	**9**
10	**11**	**12**
13	**14**	**15**

27. Quais tipos de Procedimentos/Benzimentos/Reza/Cura você prática?

1	**2**	**3**
4	**4**	**6**

7	**8**	**9**
10	**11**	**12**
13	**14**	**15**

28. Quais tipos de Procedimentos/Benzimentos/Reza/Cura você prática com crianças?

1	**2**	**3**
4	**4**	**6**
7	**8**	**9**
10	**11**	**12**
13	**14**	**15**

Esses dados serão extremante importantes para a pesquisa em questão, agradecemos a sua colaboração gratuita. Seus dados pessoais e as demais informações serão utilizados apenas para os fins da pesquisa, e serão mantidos em sigilo.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Foz do Jordão, _____ de _____ de 2018.

_____

Assinatura do participante / Ou Representante legal

Marcia Denise de Lima Dias

Pesquisadora Orientanda

Jefferson Olivatto da Silva

Docente do Programa do PPGE - UNICENTRO

ANEXO 02 – MAPA DO MUNICÍPIO DE FOZ DO JORDÃO